

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

JÉSSICA DOS SANTOS PALMEIRA

**SETE DIAS DE BRINCADEIRAS:
a criança e seu brincar na Educação Infantil**

SÃO MATEUS

2018

JÉSSICA DOS SANTOS PALMEIRA

**SETE DIAS DE BRINCADEIRAS:
a criança e seu brincar na Educação Infantil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo – Centro Universitário Norte do Espírito Santo, como requisito a obtenção do título de Mestre.
Linha de Pesquisa: Ensino, Sociedade e Cultura.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regina Célia Mendes Senatore.

SÃO MATEUS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Divisão de Biblioteca Setorial do CEUNES - BC, ES, Brasil)

P172s Palmeira, Jéssica dos Santos, 1992-
Sete dias de brincadeiras : a criança e seu brincar na
Educação Infantil / Jéssica dos Santos Palmeira. – 2018.
143 f. : il.

Orientador: Regina Célia Mendes Senatore.
Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) –
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário
Norte do Espírito Santo.

1. Educação de crianças. 2. Brincadeiras. I. Senatore, Regina
Célia Mendes. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro
Universitário Norte do Espírito Santo. III. Título.

CDU: 37

Elaborado por Filipe Briguiet Pereira - CRB-6 ES-000863/O

JÉSSICA DOS SANTOS PALMEIRA

**SETE DIAS DE BRINCADEIRAS: A CRIANÇA E SEU BRINCAR
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Aprovada em 28 de maio de 2018.

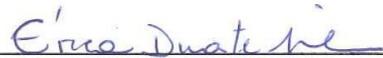
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª. Dr.ª. Regina Celia Mendes
Senatore
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador



Prof. Dr. Ailton Pereira Morila
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof.ª. Dr.ª. Erica Duarte Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

Às crianças participantes dessa pesquisa e a minha
sobrinha Ana Laura que nasceu no decorrer do meu
percurso no mestrado, me dando a surpresa de ver
diariamente o desenvolvimento de uma criança.
Com carinho dedico.

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho não teria sido possível sem o apoio e colaboração de várias pessoas que contribuíram para a sua realização, por isso, gostaria de agradecer, às crianças que fizeram parte deste estudo, pois elas deram vida a minha pesquisa, e também aos pais que colaboraram dando-me autorização para filmá-las.

À escola em que realizei a pesquisa, por ter me recebido e permitido que eu coletasse os dados para este estudo.

À professora Carla que me recebeu e aceitou que eu realizasse as filmagens com sua turma.

Aos meus pais, pela compreensão, apoio e pela ajuda em diversos momentos, para que eu chegasse até aqui.

À minha irmã Fernanda pelo apoio e incentivo, que em momentos difíceis e de desânimo, me animava com suas palavras e ao meu irmão Joel que ouvia meus desabafos, minhas inquietações e pela amizade. Amo vocês!

À minha sobrinha Ana Laura, que nasceu no decorrer desse período, e me trouxe a surpresa de conviver diariamente com uma criança e observar o seu desenvolvimento, que me trazia curiosidade, descobertas e amor.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Regina, por sua excelente orientação que me oportunizou construir conhecimentos em meio aos desafios da pesquisa, e, além disso, pela amizade construída no decorrer do mestrado. Agradeço ainda, por sua atenção, respeito, abraços, conversas, experiências compartilhadas, por me escutar em momentos de tristeza e angústias e por cada aula durante o curso que me permitiram aprender tanto e fazer reflexões importantes, como pessoa e profissional. Obrigada pelas palavras ditas em um dia em que não acreditava conseguir construir esta dissertação: “Você é capaz Jéssica!”.

Ao Prof. Dr. Ailton, pelas aulas nas disciplinas do mestrado, que agregaram muito conhecimento a minha vida como profissional e enquanto ser humano, e pelas

grandes contribuições no exame de qualificação, que me ajudaram na escrita da dissertação.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses dois anos e colegas de curso, em especial aqueles com quem estreitei laços de amizade, ao amigo Mauro, a Géssica, Andressa, Tamires e Ana Paula, com quem às vezes tirava dúvidas, trocávamos inquietações, conversávamos e fazíamos questionamentos a respeito da profissão docente.

Por fim, a todos que de alguma maneira e em sua importância, contribuíram para que esta pesquisa se realizasse.

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.

Guimarães Rosa

RESUMO

As crianças e o brincar são assuntos muito debatidos no contexto escolar, principalmente no âmbito da Educação Infantil, sendo o brincar uma temática que faz parte da vida da criança. Este trabalho objetivou realizar um estudo sobre a criança e o seu brincar na Educação Infantil, bem como compreender a importância e a relação do brincar no desenvolvimento da criança. A pesquisa apoiou-se no referencial teórico de Jean Piaget. Trata-se de uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo. Para a coleta de dados adotou-se a metodologia filmagem em uma Unidade Pré Escolar Municipal (UPEM) no município de Conceição da Barra. A reflexão e discussão das filmagens foram feitas com base, além de Piaget, nos referenciais teóricos que abordam o tema brincar, entre eles Kamii e Kishimoto. Por meio das filmagens realizadas a partir criança, foi possível perceber e refletir sobre as características do seu desenvolvimento que se fazem presentes no brincar, como os jogos, o seu comportamento e a sua linguagem. As ações e falas das crianças nas cenas descritas foram a base para o processo de análise e reflexão deste trabalho. As filmagens mostraram como as crianças brincam, revelando também as relações que estabelecem entre si, possibilitando refletir sobre a importância de se conhecer a criança e suas etapas de desenvolvimento na Educação Infantil, sendo lá a base determinante para o seu futuro desenvolvimento, nos aspectos intelectual, social e afetivo. Notou-se que filmar a criança no espaço do parque foi de grande importância, e contribuiu para se alcançar o objetivo proposto nesta pesquisa, pois apesar de ainda serem controladas e disciplinadas em alguns momentos, é o local em que as crianças ainda têm mais liberdade para brincar e se expressar, visto que na sala de aula, a maior parte do tempo é direcionado para o processo de ensino-aprendizagem e realização de atividades. O estudo evidenciou que o brincar é um fator primordial para promover o desenvolvimento da criança, pois permite a mesma, se expressar, pensar e criar de forma livre e de acordo com suas necessidades.

Palavras-chave: Educação Infantil. Crianças. Brincar.

ABSTRACT

The Children and play are much debated issues in the school context, mainly in the scope of the Infantile Education, being the playing a thematic that is part of the life of the child. This work aimed to carry out a study about the child and his play in Early Childhood Education, as well as to understand the importance and the relationship of playing in the development of the child. The research was based on the theoretical reference of Jean Piaget. This is a qualitative descriptive research. For the collection of data the methodology was adopted filming in a Municipal Pre-School Unit (UPEM) in the municipality of Conceição da Barra. The reflection and discussion of the filming were based, in addition to Piaget, on the theoretical references that approach the subject to play, among them Kamii and Kishimoto. Through the filming of children, it was possible to perceive and reflect on the characteristics of their development that are present in the game, such as games, their behavior and their language. The actions and speeches of the children in the described scenes were the basis for the process of analysis and reflection of this work. Filming showed how children play, also revealing the relationships they establish between each other, making it possible to reflect on the importance of knowing the child and its stages of development in Early Childhood Education, which is the determining basis for their future development in the intellectual, social and affective. It was noted that filming the child in the space of the park was of great importance, and contributed to reach the goal proposed in this research, because although they are still controlled and disciplined at times, it is the place where children still have more freedom to play and express themselves, since in the classroom, most of the time is directed to the process of teaching and learning and carrying out activities. The study evidenced that play is a primary factor to promote the development of the child, because it allows the same, if express, think and create in a free way and according to their needs.

Key words: Child education. Children. Playing.

LISTAS DETABELAS

Tabela 1 – Convenção utilizada na transcrição das filmagens.....	48
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 DIÁLOGOS SOBRE A CRIANÇA	21
2.1 A CRIANÇA NA TEORIA DE JEAN PIAGET.....	21
2.2 DESENVOLVIMENTO INFANTIL PARA JEAN PIAGET.....	27
2.3 A LINGUAGEM DA CRIANÇA.....	30
2.4 HETERONOMIA E AUTONOMIA.....	32
3 O BRINCAR	37
3.1 O JOGO DE EXERCÍCIO.....	38
3.2 O JOGO SIMBÓLICO.....	39
3.3 O JOGO DE REGRAS.....	41
4 REFLEXÕES SOBRE A CRIANÇA E O BRINCAR	43
4.1 A FILMAGEM E ANÁLISE DAS CENAS.....	44
5 SETE DIAS DE BRINCADEIRAS	56
5.1 DIA 1.....	56
5.1.1 O jogo de queimada	56
5.1.2 Queimou! Não queimou!	58
5.1.3 Continuação do jogo de queimada	60
5.1.4 Grava aí tia!.....	61
5.2 DIA 2.....	63
5.2.1 Brincadeira com carrinho	63
5.2.2 Felipe e Miguel no armário	65
5.2.3 Pedro e Gustavo conversam sobre Wesley Safadão	66
5.2.4 Quem fez coco na calça?.....	67
5.2.5 Eu vou ficar desse tamanho! Aí eu vou ficar com quarenta anos, cem anos.....	68
5.2.6 Brincadeira de polícia	69
5.2.7 Desenho	70
5.2.8 O morcego e a mãe morcego	74

5.2.9 Brincadeira de bebê	77
5.2.10 O pai e a mãe do morcego	78
5.2.11 Brincadeira no balanço	81
5.2.12 Jogo Simbólico	82
5.2.13 Disputa pelo lugar para brincar	85
5.2.14 Oba! Ô aqui ta muito bom, aqui no parquinho!	86
5.2.15 Jogo simbólico	86
5.2.16 As crianças brincando no portão	87
5.2.17 O brincar como recompensa	87
5.3 DIA 3	88
5.3.1 Construção do formigueiro	89
5.3.2 Felipe pede para brincar com um grupo de crianças	92
5.3.3 Eu vou fazer um parque!	95
5.4 DIA 4	98
5.4.1 Desenhos e conflitos	98
5.4.2 Jogo simbólico	99
5.4.3 Jogo simbólico: fazendo milk shake de areia	99
5.4.4 Eu vou fazer uma pousada, eu vou fazer uma loja!	100
5.4.5 Gustavo me pergunta sobre o desenho	101
5.4.6 Brincadeira de boneca	103
5.4.7 Brincadeira de mãe e filha	105
5.4.8 Conflitos	106
5.4.9 Letícia e Pedro discutindo sobre a peneira	107
5.4.10 Brincadeira de lutinha	110
5.4.11 Letícia fala que não quer mais estudar na escola	111
5.5 DIA 5	111
5.5.1 André seu monstro!	112
5.5.2 Brincadeira de bandido	114
5.5.3 A árvore do parque	114
5.5.4 Continuação da brincadeira de polícia	115
5.5.5 As crianças separando grupos para brincar	115
5.5.6 Discussão sobre o fogão	117

5.6 DIA 6.....	119
5.6.1 Paula se oferece para brincar com Miguel.....	119
5.6.2 Miguel pede para brincar	123
5.6.3 A bananinha veneno	124
5.6.4 Conflitos.....	126
5.6.5 Heteronomia e autonomia	127
5.6.6 Disputa pela pá de brinquedo	129
5.6.7 Gustavo me pergunta sobre a filmagem, por que você não tira foto? Fica filmando?	131
5.6.8 Jogo simbólico	133
5.6.9 Jogos de regras.....	133
5.6.10 Jogo simbólico	134
5.6.11 Continuação da brincadeira mãe e filha.....	134
5.7 DIA 7.....	135
5.7.1 Brincadeira com carrinho.....	135
5.7.2 Animismo	136
5.7.3 Brincadeira de menino pega menina. Menina não é menino!	137
6 REFLEXÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS.....	143

1 INTRODUÇÃO

Ao se refletir sobre a Educação Infantil percebe-se que a criança é a essência desse contexto, contudo nota-se que as pesquisas em torno dessa realidade, tem se debruçado no ponto de vista do professor, sendo assim, é fundamental a preocupação em voltar o olhar para a criança na pesquisa, bem como a modificação do olhar, um olhar que compreenda o desenvolvimento da mesma.

Assim, contemplar a criança nesta pesquisa justifica-se pela necessidade de se conhecer, compreender e respeitar as suas diversas etapas de desenvolvimento, principalmente no processo educacional. Portanto, é de grande importância realizar este estudo, tendo como fio condutor o seu brincar, visto que, este aspecto é indissociável da infância.

O brincar é um assunto muito debatido no contexto escolar e principalmente no âmbito da educação infantil, sendo esta temática um assunto que faz parte da vida da criança. Na teoria piagetiana o brincar é entendido com o nome jogo. Assim segundo Piaget (1975, p.121) “há, simplesmente, assimilação à atividade própria, isto é, utilização do fenômeno para o prazer de agir, que é no que consiste o jogo”.

O interesse em realizar este estudo sobre a criança deu-se primeiramente por me identificar com a área, por gostar de crianças e pela experiência vivida no período de estágio realizado na graduação, até então, ainda não tinha tido oportunidade de trabalhar com este seguimento, no entanto tinha o interesse de me apropriar de mais conhecimentos e aprofundar os estudos nesse campo para conhecer melhor a criança, com quem realizaria o meu trabalho futuramente ao atuar enquanto professora. A graduação nos deixa com dúvidas e questões, dessa forma o mestrado se tornou uma possibilidade para dar continuidade a minha formação.

Ao iniciar o curso de mestrado, inicialmente a pesquisa estava voltada para vivências lúdicas no processo de ensino aprendizagem na Educação Infantil, contudo, ao realizar pesquisas e estudos sobre o tema, leituras e conversas com minha orientadora o foco da pesquisa foi se modificando, passando a ser a criança e o brincar. Dessa forma, este estudo objetivou compreender a criança, através do brincar na instituição de Educação Infantil.

Durante esse processo, as disciplinas cursadas no primeiro semestre do curso, os trabalhos realizados, as discussões sobre a criança, educação e o processo de ensino-aprendizagem, foram de grande importância para nortear e definir os caminhos da pesquisa.

A partir dos estudos surgiram questionamentos, entre eles: Como acontece o brincar da criança na Educação Infantil? Como a criança aprende brincando? Dessa maneira fui instigada a tentar entender um pouco mais sobre a criança e contemplar os aspectos que são vivenciados no seu brincar. Considerando o objetivo e foco dessa pesquisa, optou-se por utilizar a filmagem como recurso metodológico, o que permitiu ver a criança e coletar os dados a partir da mesma.

No decorrer dos estudos e da coleta de dados, me deparei com alguns impasses, entre eles a autorização para a filmagem das crianças e a escolha da faixa etária para a coleta de dados. Houve a preocupação de alguns responsáveis cederem a autorização para filmá-las e outros não, pois o objetivo era filmar todas as crianças de uma turma, sem excluir nenhuma no momento do parque.

Após cedidas as autorizações, a realização das filmagens para o estudo desta pesquisa se deu em uma Unidade Pré Escolar Municipal, localizada no município de Conceição da Barra – ES. A unidade atende crianças de (04) quatro a (05) cinco anos de idade, divididas em (3) três turmas em cada turno, totalizando assim (130) cento e trinta crianças dos turnos matutino e vespertino. Atuam neste seguimento (6) seis profissionais com a função de professora regente de turma e (1) uma cuidadora. As crianças participantes da pesquisa fazem parte da turma de (5) cinco anos, composta por (20) vinte alunos.

O comportamento das crianças diante das filmagens era curioso e imprevisível, algumas me perguntavam: “você tá fazendo o que tia? É pra que isso? você não vai brincar também não? vai ficar aí só filmando? Deixa eu filmar com você? Deixa eu ver? Filma aqui! Ou em alguns momentos não queriam ser filmadas: “Ah menina só fica filmando, sai daqui, vão sair daqui bê.”

Trata-se de uma pesquisa que tem como objetivo realizar um estudo centrado na criança e o seu brincar na Educação Infantil. Tendo como objetivos específicos,

Identificar as interações e diálogos das crianças durante o brincar na Educação Infantil e descrever e discutir os aspectos presentes na vivência da criança durante o brincar.

Diante disso, a pesquisa se torna relevante, pois é essencial ver a criança nesse contexto e despertar a reflexão, visto que, a mesma passa um tempo da sua vida na escola e consequentemente se desenvolve na Educação Infantil.

Dessa maneira, com o intuito de realizar um estudo sobre a criança e o seu desenvolvimento, buscando conhecê-la melhor e assim refletir sobre a mesma no contexto da Educação Infantil optou-se como fundamentação teórica para esta pesquisa a teoria Jean Piaget e seus estudos, onde é ressaltado e enfatizado o desenvolvimento infantil. As pesquisas de Piaget apresentam descobertas sobre a criança envolvendo os aspectos cognitivo, social e afetivo, através da psicologia do desenvolvimento.

Realizando um estudo sobre a compreensão dos estágios do desenvolvimento, Piaget observou a criança não no que lhe falta, mas o que ela já traz. De acordo com Piaget (1999b) durante a infância se notam diversas características e interesses das crianças através das palavras, do desenho, de exercícios físicos e de todas as suas expressões, estas realidades adquirem valor para a criança na medida de suas necessidades.

Sendo assim, abordaremos alguns conceitos apresentados e discutidos na teoria piagetiana em relação à criança. A teoria de Piaget tem como base a epistemologia genética, através desse estudo seu objetivo foi entender como o ser humano constrói o conhecimento e chega a abstração, para isso Piaget realizou suas pesquisas a partir da criança, e no decorrer dos estudos realizados pelo autor o mesmo descreveu e explicou como se dá o desenvolvimento infantil, observando o comportamento de seus filhos desde o nascimento. Nessa perspectiva a criança é entendida ligada ao primitivo, onde seu desenvolvimento é entendido através de termos biológicos a ontogênese e filogênese. Piaget (1983) explica esse termo de forma ampla definindo a epistemologia genética como o processo da passagem dos estágios inferiores do conhecimento aos estágios mais complexos.

Piaget diz que o ser humano passa por várias etapas de desenvolvimento ao longo da vida, esse desenvolvimento se dá a partir das trocas estabelecidas entre o organismo e meio. Piaget (1999b) considera o desenvolvimento como o crescimento orgânico, orientando-se para o equilíbrio, salientando que o desenvolvimento é uma equilibração progressiva, ou seja, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio maior.

Do ponto de vista biológico, durante o desenvolvimento, o organismo nas suas interações com o meio assimila-o a suas próprias estruturas, do mesmo modo que se acomoda às situações, sendo a assimilação, o fator de permanência e de continuidade das formas do organismo (PIAGET, 1979b). Assim assimilação e acomodação estão presentes em todas as fases do desenvolvimento.

Para Piaget (1979a) a assimilação e a acomodação são deste modo, as duas extremidades da interação que acontece entre o organismo e o meio, que compõe a condição fundamental para o funcionamento biológico e intelectual do ser humano.

Nesse sentido conforme Piaget (1999b) o desenvolvimento da criança abrange seis estágios nomeados como: estágio dos reflexos, estágio dos primeiros hábitos motores, estágio sensório-motor, estágio da inteligência intuitiva, o estágio das operações intelectuais concretas e o estágio das operações intelectuais abstratas, que surgem um após o outro na infância e são como estruturas sucessivamente construídas.

Segundo Piaget (1995) em sua obra a psicologia da criança cada estágio é caracterizado pelo aparecimento de estruturas originais, cuja construção o diferencia dos estágios anteriores, assim a infância é de fundamental importância para todo o desenvolvimento psíquico futuro.

Ao discorrer sobre os estágios do desenvolvimento Piaget percebeu no desenvolvimento da criança jogos que acompanhavam o seu desenvolvimento, destacando assim o jogo de exercício, o jogo simbólico e o jogo de regras. De acordo com Piaget (1975, p.190) “o jogo é uma atividade pelo prazer, ao passo que a atividade séria tende a um resultado útil e independe de seu caráter agradável”.

Sendo assim é imprescindível destacar a importância do jogo para entender a criança, questionando e sensibilizando o modo de ver a mesma na Educação Infantil, uma vez que estas acabam ofuscadas pelo ponto de vista dos adultos.

Segundo Kishimoto (2012, p. 133) “o jogo livre oferece à criança a oportunidade inicial e a mais importante para atrever-se a pensar, a falar e ser ela mesma”. A partir dessas considerações, compreende-se que o jogo permite a criança pensar, inventar, e criar, sendo essencial para o seu desenvolvimento.

Ao observar a criança e pensar sobre a mesma, nota-se a sua linguagem que é expressa de diversas maneiras, por gestos, expressões e a fala propriamente dita. Segundo Piaget (1999a) a linguagem infantil compreende dois tipos diferentes: uma que consiste em gestos, movimentos e mímicas, que acompanham ou mesmo superam a palavra, e outra constituída somente por palavras.

Piaget (1999b, p. 24) afirma que “com o aparecimento da linguagem, as condutas são profundamente modificadas no aspecto afetivo e no intelectual”.

A linguagem transforma o comportamento da criança, acrescentando à ação, o pensamento. E é assim que por meio da linguagem, a criança consegue recordar e falar situações passadas através de narrativas e adiantar ações futuras por meio da fala (PIAGET, 1999b). A linguagem infantil nessa perspectiva é dividida em egocêntrica e socializada.

Para a criança o seu corpo e suas ações são o centro das suas realizações, onde esta está centrada em si mesma e no seu ponto de vista. A esse comportamento Piaget chamou de egocentrismo infantil, sendo uma característica em que a criança não consegue colocar-se no ponto de vista do outro, não compreendendo ainda também as normas morais e sociais. “O egocentrismo infantil é então, em sua essência, uma indiferenciação entre o eu e o meio social” (PIAGET, 1994, p. 81).

Piaget (1994) abordou em sua teoria que no meio social em que está inserida, a criança passa pelo desenvolvimento moral que é vivenciado na relação com outras crianças e com o adulto. São apresentadas nesse contexto três fases, a anomia, heteronomia e autonomia.

A anomia, considerada o primeiro estágio do desenvolvimento moral, é o período em que a criança é egocêntrica, não fazendo parte da sua compreensão a existência de normas e regras, que só passarão a existir em seu universo em momentos de brincadeiras e de interação com outras pessoas.

Na heteronomia a criança acredita que as regras não têm possibilidades de serem modificadas, este período é baseado na obediência às regras, em que a criança aceita ordens impostas pelo adulto sem questionar (PIAGET, 1994).

A ideia de autonomia pelo contrário, de acordo com Piaget (1994) é baseada na consciência das regras. A moral da autonomia é a cooperação, a criança compreende que cumprir as regras é um acordo estabelecido livremente, em que predomina o respeito mútuo.

Partindo dessas premissas a dissertação foi organizada em seis capítulos, tendo a introdução como capítulo inicial e em seguida discorremos no referencial teórico sobre os conceitos abordados por Piaget. O segundo capítulo traz um estudo sobre a criança e os seus estágios de desenvolvimento, bem como o desenvolvimento da criança segundo Piaget, e a sua linguagem.

No terceiro capítulo foi realizada uma revisão teórica sobre o brincar na teoria piagetiana que é entendido como jogo, e classificado pelo autor em três grupos: jogo de exercício, jogo simbólico e jogo de regras, ressaltando que foi através do brincar que se observou a criança e coletamos o material para análise.

No quarto capítulo nomeado “reflexões sobre a criança e o brincar” explicamos a metodologia e os procedimentos para filmagem e análise do material coletado para a pesquisa.

O quinto capítulo foi dedicado à análise descritiva dos dias e cenas filmadas, onde falamos sobre a criança durante o brincar e o que foi percebido nesse contexto.

Por fim, como último capítulo, fizemos as reflexões finais, onde foram feitas as considerações sobre os dados coletados e analisados a partir do referencial teórico estudado, além de falar sobre as percepções e inquietações que foram vivenciadas ao longo da pesquisa.

2 DIÁLOGOS SOBRE A CRIANÇA

“A infância é o tempo de maior criatividade na vida de um ser humano”.

(Jean Piaget)

A criança e o seu desenvolvimento tem sido estudado ao longo da história da sociedade, teorias do processo de ensino-aprendizagem abordam a importância de se compreender e respeitar a criança e o momento que é vivido na infância.

Sendo assim, a concepção em relação a criança, ao longo da história da civilização foi sendo modificada e interpretada a partir de diferentes teorias, sendo atribuída a mesma diferentes conceitos.

A teoria de Jean Piaget teve grande importância no pensamento e discussão sobre a criança, contribuindo assim para o entendimento dos aspectos que fazem parte do desenvolvimento da mesma como a linguagem, o jogo e a construção do conhecimento. Partindo dessas premissas, passo ao conceito de criança na teoria de Jean Piaget, sendo essencial a compreensão desse conceito para se realizar a reflexão sobre a criança nesta pesquisa.

2.1 A CRIANÇA NA TEORIA DE JEAN PIAGET

No desenvolvimento da sua teoria Piaget analisou seus três filhos observando o modo que a criança se comportava e se desenvolvia. Descreveu assim os estágios do desenvolvimento da criança que estão relacionados com os jogos infantis, destacados em seu estudo como jogo de exercício, o jogo simbólico e o jogo de regras. Nesse sentido o autor apresenta a criança como, ativa, inteligente, que constrói o seu conhecimento pela ação.

Segundo Piaget (1999b) a criança, realiza uma determinada ação exterior ou interior, quando provocada por uma necessidade, essa necessidade corresponde sempre ao aparecimento de um desequilíbrio.

Nesse sentido,

ela existe sempre quando qualquer coisa fora de nós ou em nós (nosso organismo físico ou mental) se modificou, tratando-se então, de um reajustamento da conduta em função desta mudança. Como por exemplo a fome e a fadiga provocarão a busca pelo alimento ou repouso (PIAGET, 1999b, p. 16).

Diante disso, é conhecida a importância de se compreender a criança e o momento que é vivido por ela na sua infância.

Para Piaget (1999b, p. 13) “o desenvolvimento da criança é uma equilibrção progressiva contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior”.

Dedicando-se a pesquisas que se destacam por sua originalidade e relatos minuciosos de seus filhos durante o seu desenvolvimento, os estudos de Piaget iniciados acerca de sessenta e oito anos atrás, buscaram abranger e descrever o desenvolvimento da criança, buscando conhecê-la melhor, principalmente como se dá a formação do seu pensamento.

Piaget (1999b) afirma através das suas observações, que só por meio da ação, e na interação entre o organismo e o meio, se constrói o conhecimento.

A partir das observações da ação das crianças, Piaget estruturou seis estágios no decorrer desse desenvolvimento e que marcam o surgimento das estruturas e as fases pelas quais a criança passa.

Essas fases são apresentadas em estágios de desenvolvimento por Piaget (1999b, p. 15),

cada estágio é caracterizado pela aparição de estruturas originais, cuja construção o distingue dos estágios anteriores. O essencial dessas construções sucessivas permanece no decorrer dos estágios ulteriores, como subestruturas, sobre as quais se edificam novas características.

Quando falamos em estágios, trata-se da psicologia do desenvolvimento, na teoria piagetiana esse desenvolvimento se dá através das estruturas que vão sendo construídas na interação do organismo com o meio.

Compreendendo a faixa etária de 0 até 2 anos e antecedendo o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, estão o estágio dos reflexos, o estágio dos primeiros hábitos motores, e o estágio sensório-motor.

Constitui-se assim como o primeiro estágio o dos reflexos que são os mecanismos hereditários e correspondem aos primeiros comportamentos instintivos, como a nutrição e primeiras emoções, onde a criança está centrada em si mesma, e o bebê relaciona tudo ao seu próprio corpo, segundo Piaget (1999b, p. 16) “o recém-nascido traz tudo para si ou, mais precisamente, para o seu corpo”.

Assim,

o lactente não se contenta em sugar quando mama, sugando também o vazio, seus dedos e qualquer objeto apresentado fortuitamente. Coordena os movimentos dos braços com a sucção, até levar, sistematicamente – às vezes desde o segundo mês -, seu polegar a boca. Em suma assimila uma parte de seu universo a sucção, a ponto que se poderia exprimir seu comportamento inicial, dizendo-se que, para ele, o mundo é essencialmente uma realidade a sugar. É verdade que rapidamente, o mesmo universo se tornará também uma realidade para se olhar, ouvir e, logo que os movimentos próprios lhe permita, para manipular (PIAGET, 1999b, p. 18).

O estágio dos primeiros hábitos motores, que aparece desde o nascimento, é caracterizado pelos sentimentos diferenciados, e se refere à ações iniciais. Segundo Piaget (1999b, p. 17) “na verdade, é decisivo para todo o curso da evolução psíquica: representa a conquista, através da percepção e dos movimentos, de todo o universo prático que cerca a criança”.

Piaget (1999b) salienta que esse estágio está relacionado, as atividades características da criança e sentimentos ligados a sua própria atividade, como sensações agradáveis e desagradáveis, o prazer e a dor, bem como as primeiras percepções de sucesso e falhas.

Segundo Piaget (1999b, p. 23) “de fato, o lactente começa por se interessar essencialmente por seu corpo, seus movimentos e pelos resultados dessas ações”.

Para Piaget (1995, p. 16),

assim é que após o estágio dos reflexos e os primeiros hábitos o terceiro estágio apresenta as seguintes transições, a partir do momento, cerca de quatro meses e meio, em média, em que há coordenação entre a visão e a apreensão (o bebe agarra e manipula tudo o que vê no seu espaço próximo).

Surge em seguida o estágio sensório-motor ou prática anterior a linguagem, nele se apresentam atos mais completos, como por exemplo, agarrar a mão do adulto e impeli-lo na direção do objeto que há de ser alcançado, ou levantar o anteparo que esconde o objeto (PIAGET, 1995).

Piaget (1995) aponta essa inteligência como completamente prática, e, portanto se refere à manipulação dos objetos e é exercida em lugar de palavras e conceitos. Desse modo, as percepções e movimentos são organizados em esquemas de ação. Um exemplo notável desse estágio é quando se pega uma vareta, para trazer um objeto que está distante para perto.

Dessa forma essa etapa do desenvolvimento da criança, é formada por características concretas que estão presentes desde o nascimento e são cruciais para todo o seu desenvolvimento psíquico e intelectual no futuro, visto que, os estágios de desenvolvimento são como estruturas construídas sucessivamente.

Segundo Piaget (1999b, p. 19) “neste ato, um meio, que é um verdadeiro instrumento, é disposto a um objetivo previsto; no exemplo da vareta, é preciso compreender, a relação entre ela e objetivo”. Deste modo, em presença de um novo objeto, observa-se a criança incorporá-lo sucessivamente aos seus esquemas de ação, agitar, ou balançar o objeto, como se o compreendesse através do uso, assim dentro dessa visão o desenvolvimento da criança tem a base prática.

Conforme Piaget (1995) a criança elabora nesse nível, o conjunto de subestruturas essenciais que serão o princípio para as próximas construções intelectuais.

O estágio sensório-motor assim é caracterizado por um enorme desenvolvimento mental, porém, nota-se que até os dias atuais, muitas vezes não se observa e não é atribuída a devida importância a esse período.

Conforme Piaget (1999b, p. 17-18),

o período que vai do nascimento até a aquisição da linguagem é marcado por extraordinário desenvolvimento mental. Muitas vezes mal se suspeitou da importância desse período; e isto porque ele não é acompanhado de palavras que permitam seguir passo-a-passo, o progresso da inteligência e dos sentimentos como mais tarde. Mas, na verdade, é decisivo para todo o curso da evolução psíquica; representando a conquista, através da percepção e dos movimentos, de todo universo prático que cerca a criança.

Ao fim desse período caracterizado como sensório-motor, de acordo com a teoria piagetiana aparece uma função fundamental para o desenvolvimento das condutas seguintes, chamada função simbólica, tal função colabora para a representação de objetos e acontecimentos, por meio de um significante que é utilizado para essa representação: sendo eles a linguagem e o gesto simbólico (PIAGET, 1995).

Em seguida, surge o estágio da inteligência intuitiva, que é caracterizado pelos sentimentos interindividuais espontâneos e ainda das relações sociais vividas pela criança. Há neste período o início da linguagem e da função simbólica, compreendendo a idade de 2 a 7 anos. É neste estágio que se inicia a descentralização do eu.

Nesse estágio a criança prossegue adaptando novos esquemas que estão se estruturando dando origem a novas ações. Neste contexto a criança inicia o desenvolvimento da sua capacidade simbólica e não depende mais só das próprias sensações e movimentos. Em tal estágio, as crianças começam a diferenciar um significante, ou seja, uma imagem, uma palavra, ou um símbolo, daquilo que ele significa, os esquemas que a criança já possui contribuem para que ela possa realizar essa diferenciação (PIAGET, 1979a). Por exemplo: a criança entende que a mãe vai sair quando a vê com a bolsa ou com as chaves do carro.

Nessa etapa tem-se ainda, como uma das características destacadas por Piaget (1995) o que ele nomeou animismo. Nesse aspecto, o comportamento da criança tende a conceber as coisas como vivas, e com intenção, ou seja, a criança dá vida as coisas “tudo que está em movimento é vivo e consciente, o vento sabe que sopra, o sol que anda etc.” (PIAGET, 1995, p. 94).

O seguinte e quinto estágio - chamado operações intelectuais concretas e dos sentimentos morais e sociais de cooperação - vai do período de sete a onze-doze anos.

É nessa etapa que se encontra o momento crucial da construção do conhecimento, pois a criança já possui um pensamento reversível, ou seja, a mesma consegue compreender que $7-1$ é igual a 6. Nessa fase a criança começa a pensar do modo mais lógico, no entanto, esse modo lógico de se pensar ainda está ligado com a realidade concreta (PIAGET, 1999b).

No sexto estágio, destacam-se as operações intelectuais abstratas, designado por Piaget (1999b) de operatório formal, abrange a formação da personalidade e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos. Tendo início dos 12 anos em diante. Esse período da destaque não mais a criança, mas ao adolescente, que se solta da realidade concreta e começa a pensar com uma realidade abstrata, através de um raciocínio hipotético-dedutivo, ou seja, o adolescente realiza as operações no plano das ideias sem precisar de manipulação concreta, sendo capaz de pensar pela abstração, criar hipóteses e avalia-las, elaborando assim conclusões.

Piaget (1999b) estudou o desenvolvimento da criança minuciosamente e descreveu como a mesma se desenvolve e pensa, procurou descobrir por meio da experimentação e observação das ações livres da criança, os caminhos da construção do conhecimento, observando principalmente as ações de seus filhos, não atribuindo erro ou acerto, mas abrangendo todo o caminho percorrido pela criança.

Dos estudos de Piaget sobre a epistemologia genética nasceu a concepção de egocentrismo, o conceito deste aspecto envolve a ideia de centração, isto é, a incapacidade por parte da criança de compreender a realidade externa, diferente de si, ou de um ponto de vista diferente do seu, pois a criança está centrada apenas na sua própria perspectiva. De acordo com Piaget (1999b, p.53) “esta é a atitude característica do egocentrismo: indiferenciação entre o outro e o eu”.

Assim, o egocentrismo significa para a criança a falta de necessidade de explicar aquilo que diz, por ter certeza de estar sendo compreendida (PIAGET, 1983).

Dessa maneira segundo Piaget (1999a, p. 142),

a observação mostra, com efeito, que, até os 7 ou 8 anos, a criança não dá explicações ou demonstrações espontaneamente aos seus semelhantes, mesmo quando as concebe para si própria, e isso porque sua linguagem é ainda impregnada de egocentrismo.

Nesse sentido, Piaget deu atenção às ações da criança, respeitando suas etapas, sua criatividade, linguagem e ações onde o processo de construção das estruturas é feita pela própria criança, por meio de demandas internas e externas.

Conforme Piaget (1995) a criança passa por três níveis de passagem da ação a operação, entre eles a criança passa pela descentração, passando de um nível inicial em que tudo está centrado em seu corpo e na sua própria ação, para o nível de descentração em que estes estão localizados em suas relações práticas com o meio, objetos e acontecimentos presentes no mundo. Assim “da descentração, pois, resulta equilíbrio entre a assimilação e acomodação” (PIAGET, 1975, p. 210).

2.2 DESENVOLVIMENTO INFANTIL PARA JEAN PIAGET

Perpassando pelas diversas teorias de ensino-aprendizagem, somos provocados a refletir sobre a realidade que permeia o cotidiano educacional e sobre os alunos nos diversos segmentos, principalmente sobre a criança na educação infantil, pois lá é a base para as outras etapas educacionais, e onde a criança inicia seu percurso escolar.

Jean Piaget, biólogo e fundador da epistemologia genética analisou detalhadamente o desenvolvimento e o pensamento infantil, e como a criança constrói o conhecimento pela ação, destacando o agir da criança como fundamental no seu desenvolvimento. Na elaboração da sua teoria Piaget (1999b) destacou três fatores clássicos do desenvolvimento sendo eles a hereditariedade, o meio físico e o meio social. O desenvolvimento da criança se dá assim a partir da interação com o meio.

De acordo com Piaget (1983) o organismo assimila continuamente o meio à sua estrutura e ao mesmo tempo acomoda a estrutura ao meio, a adaptação pode ser definida assim como um equilíbrio entre tais trocas. Essa correspondência entre o meio e as estruturas da criança relaciona-se a corrente interacionista, onde é estabelecida uma relação entre o organismo e o meio, existindo assim uma ação recíproca entre estes.

Se tratando do desenvolvimento cognitivo, segundo Piaget (1999b, p.16) “a ação humana consiste neste movimento contínuo e perpétuo de reajustamento ou de equilibração”, dessa forma o conhecimento é formado na equilibração entre assimilação e acomodação, que são as estruturas responsáveis pelo processo de desenvolvimento.

Jean Piaget (1983) mostra que a adaptação do organismo ocorre através da equilibração entre esses dois mecanismos denominados assimilação e acomodação, não se tratando, porém de um equilíbrio estagnado, mas fundamentalmente ativo e dinâmico. Esses dois conceitos são, portanto complementares, não havendo assimilação sem acomodação, nem acomodação sem assimilação.

A partir de tal afirmação Piaget (1966, p. 18) acrescenta que,

a assimilação nunca pode ser pura, visto que, ao incorporar os novos elementos nos esquemas anteriores, a inteligência modifica incessantemente os últimos para ajustá-los aos novos dados. Mas, inversamente, as coisas nunca são conhecidas em si mesmas, porquanto esse trabalho de acomodação só é possível em função do processo inverso de assimilação. Veremos, assim, como a própria noção de objeto está longe de ser inata e necessita de uma construção ao mesmo tempo assimiladora e acomodadora.

Piaget (1999b) considera diante das características e estágios vividos pela criança, que o conhecimento não está no organismo, nem no meio, mas é resultante das contínuas interações entre ambos. Para o autor, a aprendizagem é relacionada à aquisição de conhecimento a partir das interações entre o organismo e o meio.

Sendo assim, todo o pensamento se origina na ação a partir do desequilíbrio. Em conformidade com Piaget (1999b, p. 16),

a cada instante pode-se dizer, a ação é desequilibrada pelas transformações que aparecem no mundo, exterior ou interior, e cada nova conduta vai funcionar não só para reestabelecer o equilíbrio, como também para tender a um equilíbrio mais estável que o do estágio anterior a esta perturbação.

Dessa forma, a criança é entendida como um ser dinâmico, que interage com a realidade e as pessoas. O eixo principal é, portanto a interação organismo e meio ao longo da vida.

Assim a equilibração é responsável pelo processo formador das estruturas, que descrevemos, numa dialética vivenciada pelo organismo que busca manter um estado de equilíbrio com o meio.

De acordo com Piaget (1995, p. 8),

as influências do meio adquirem importância cada vez maior a partir do nascimento, tanto aliás do ponto de vista orgânico quanto do mental. A psicologia da criança não poderia, portanto, recorrer apenas a fatores de maturação biológica, visto que os fatores que não de ser considerados dependem assim do exercício ou da experiência adquirida como da vida social.

Para Piaget (1983, p. 262),

a aprendizagem das estruturas lógicas repousa pois numa espécie de círculo ou de espiral, o que significa dizer que as estruturas não constituem o produto dessa aprendizagem somente, mas também de um processo interno de equilíbrio.

As ideias de Piaget tem como base o construtivismo, nessa perspectiva o conhecimento é uma organização de processos construída pela criança, onde o seu desenvolvimento se dá pela ação. Trata-se de um contexto cujo aspecto principal é a própria criança e suas ações. Segundo Piaget (1995, p. 132) “no caso do desenvolvimento da criança, não há plano pré-estabelecido, senão uma construção progressiva tal que cada inovação só se torna possível em função da precedente”.

Percebe-se a importância do desenvolvimento da criança desde o nascimento, bem como as construções que são feitas no decorrer da infância em que a criança é concreta e aprende na ação, sendo parte fundamental para o desenvolvimento futuro da criança, nota-se assim a necessidade da compreensão das fases vividas pela criança,

assim é o desenvolvimento mental. Como conclusão, pode-se constatar a unidade profunda dos processos que, da construção do universo prático, devido à inteligência senso-motora do lactante, chega à reconstrução do mundo pelo pensamento hipotético-dedutivo do adolescente, passando pelo conhecimento do universo concreto devido ao sistema de operações da segunda infância (PIAGET, 1999b, p. 69).

Piaget (apud FERNÁNDEZ, 1994) entende os erros e não os acertos e diz que quando a criança é se estabelece a aprendizagem, sendo a falha construtiva e necessária. Não se entende assim o erro como uma falta, que deve ser impedida e utilizada para medir o desenvolvimento da criança e estereotipá-la, mas como um caminho essencial para a aprendizagem.

Esclarece-se então que é necessário permitir o espaço para a imaginação e o prazer de aprender pela própria criança.

De acordo com Madalena Freire (1983) quando se tira da criança a possibilidade de conhecer determinado aspecto da realidade, esta a alienando da sua capacidade de construir o conhecimento, pois o ato de conhecer é vital como comer ou dormir, e ninguém pode realizar tais ações por alguém.

Nesse contexto Madalena Freire (1983, p. 45) fala sobre a importância da descoberta das crianças, dizendo que “é fundamental que as crianças tomem consciência de que elas estão fazendo, conquistando, estão se apoderando do seu processo de conhecimento”.

Alicia Fernández (1994) chama a atenção para a criança, e comenta o fato de se seguir pensando sobre o desenvolvimento da criança de forma tradicional, acreditando que só se ajudando a mão ou ao cérebro se resolve o assunto, pelo contrário, o centro deve ser a criança.

2.3 A LINGUAGEM DA CRIANÇA

De acordo com Piaget (1999a, p. 39) “a linguagem empregada na atividade infantil fundamental, a brincadeira, é tanto uma linguagem de gestos, movimentos e mímicas como de palavras”.

Ao observar e filmar a criança brincar na educação infantil, contexto em que esta pesquisa se realiza, tem-se como material para a reflexão e discussão, a sua linguagem que é expressa de diversas maneiras, antes de se chegar à fala propriamente dita.

Relacionando a linguagem ao pensamento, Piaget (1999a, p. 85) diz que,

entre a linguagem e o pensamento existe assim, um ciclo genético, de tal modo que um dos dois termos se apoia necessariamente sobre o outro, em formação solidária e em perpétua ação recíproca. Mas ambas dependem no final das contas, da inteligência, que é anterior à linguagem e independente dela.

Em sua obra a psicologia da criança, Piaget (1995) destaca a linguagem como um instrumento essencial da adaptação, sendo deste modo indispensável a criança para que possa apresentar um meio de expressão próprio e se comunicar.

Conforme Piaget (1995, p. 28) “a linguagem é um veículo de conceitos e noções que pertence a todos e reforça o pensamento individual com um vasto sistema de pensamento coletivo. Neste a criança mergulha logo que maneja a palavra”.

Assim, para Piaget (1995) a linguagem acontece em um processo de desenvolvimento, que se inicia na lalação espontânea, em seguida passa por uma fase de imitação presente no período sensório motor.

A palavra, pode assim expressar sentimentos e ações da criança. “A palavra é, pois, inicialmente ligada à ação, da qual é um dos elementos; depois, ela, por si mesma, basta para deflagrar a ação” (PIAGET, 1999a, p. 3).

O aparecimento da função semiótica ou simbólica é marcada pelas manifestações da linguagem. De acordo com Piaget (1995) no decorrer do segundo ano de vida da criança, aparece um conjunto de comportamentos, entre eles a linguagem.

São apresentados assim cinco desses comportamentos: a imitação,

isto é, aquela que principia na ausência do modelo, numa conduta de imitação sensório-motora a criança começa imitando em presença do modelo (por exemplo o movimento da mão), depois pode continuar a fazê-lo na ausência do modelo sem que isso implique em nenhuma representação do pensamento (PIAGET, 1995, p.48).

Logo em seguida aparece o jogo simbólico, ou jogo de ficção, onde a representação é clara e o significante é um gesto imitativo, porém acompanhada de objetos que vão se tornando simbólicos.

O desenho, uma representação presente na ação da criança, chamado também de imagem gráfica, no princípio é intermediária entre o jogo e a imagem mental, ainda que quase não surja antes dos dois anos.

Surge em seguida, a imagem mental, que surge como imitação interiorizada, em que não se nota características do período sensório-motor, pois do contrário o descobrimento do objeto permanente seria enormemente facilitado, por fim passa a existir a linguagem nascente que permite o desenvolvimento verbal de acontecimentos passados, como no exemplo observado e citado por Piaget (1995) em que uma criança, a sua filha, que inventou o primeiro jogo simbólico, diz “miau”,

já sem ver o gato, tendo o visto antes, no muro ao enfiar uma conchinha numa caixa, havendo, portanto representação verbal além da imitação.

Segundo Piaget (1999b) pode-se perceber que com o aparecimento da linguagem, os comportamentos vão sendo modificados no aspecto afetivo e no intelectual. Além de todas as ações que realiza nesse sentido a criança consegue por meio da linguagem, reconstituir suas ações passadas por meio de narrações, e de antecipar suas ações futuras pela representação falada.

Piaget (1999a) explica a linguagem da criança e o seu surgimento no desenvolvimento da mesma, em seu texto sobre a linguagem e o pensamento da criança, a dividindo em egocêntrica e socializada.

De acordo com Piaget (1995) inicialmente a fala da criança é caracterizada como egocêntrica, a criança fala tão somente para si mesma, sem se interessar por quem ouve, portanto, não tem como objetivo se comunicar, realiza, no entanto, um monólogo.

Pode-se notar um exemplo disso, quando a criança está brincando e fala sozinha mesmo estando na companhia de outras crianças. “A criança é obrigada a falar agindo, mesmo quando sozinha, a acompanhar seus movimentos e suas brincadeiras por gritos e palavras” (PIAGET, 1999a, p. 13).

Diante disso, segundo Piaget (1999a, p. 27) “a criança não fala somente as outras, fala-se a si própria sem cessar, em monólogos variados que acompanham seus jogos e sua atividade”.

2.4 HETERONOMIA E AUTONOMIA

Na obra o juízo moral na criança, Piaget (1994) aponta e discorre acerca de suas observações sobre o desenvolvimento moral na criança. O respectivo desenvolvimento envolve os conceitos de heteronomia e autonomia, aspectos que são vivenciadas pela criança na infância.

Piaget (1994, p. 23) define a moral como um “sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras”. As regras morais são passadas do adulto para a criança na interação entre ambos.

Conforme Piaget (1999b, p. 39),

a primeira moral da criança é a da obediência e o primeiro critério do bem é durante muito tempo, para os pequenos, a vontade dos pais. Então os valores morais assim concebidos são normativos no sentido que não são mais determinados simples regulações espontâneas como as simpatias ou antipatias, mas graças ao respeito, por regras propriamente ditas.

Nesse sentido a criança na infância primeiramente vive de forma heterônoma, sendo dependente do adulto, o qual convive e se relaciona. O adulto assim, impõem normas e induz a criança a obediência, essa situação ocorre no desenvolvimento moral da criança desde o ambiente familiar ao ambiente escolar. “A moral da primeira infância fica, com efeito, essencialmente heterônoma, isto é, dependente de uma vontade exterior, que é a dos seres respeitados ou dos pais” (PIAGET, 1999b, p. 39).

Segundo Piaget (apud KAMII, 1991, p. 20) há uma importante diferença entre a moralidade da heteronomia e a moralidade da autonomia. A heteronomia pode ser percebida na obediência inquestionável e na conformidade, a pessoa que segue regras cegamente, sem questioná-las, sendo governada por outra e não por si própria, ao contrário, a autonomia permite a pessoa questionar, construir a sua opinião, ser crítico e reflexivo, atribuindo às regras sentido para ele.

Nos primeiros anos de vida a criança está na fase da heteronomia, e nessa condição aceita ordens e regras vindas do adulto sem questionamentos (PIAGET, 1994).

Conforme Kamii (1991, p. 21) “todas as crianças inicialmente são heterônomas; conforme crescem, algumas se tornam autônomas”. No decorrer do seu desenvolvimento e crescimento, as crianças, tem a possibilidade de desenvolver cada vez mais a autonomia, contudo, para esse desenvolvimento é necessário que se permita a criança chegar ao conceito de autonomia. Segundo (Kamii, 1991) a

proporção de interação na relação adulto-criança é um fator crucial para a ampliação da autonomia da criança.

Com os progressos da cooperação social entre crianças e os progressos operatórios correspondentes, a criança chega a novas relações morais, estabelecidas no respeito mútuo, e que conduzem a autonomia, sem que seja necessário, naturalmente, exagerar a parte desses fatores em relação a ação continuada das precedentes (PIAGET, 1995).

Percebe-se que no ambiente escolar, local onde as crianças passam um tempo da sua infância e se desenvolvem, é reforçada a heteronomia. De acordo com João Batista Freire (1997) no campo da moral, as escolas tentam inculcar valores de fora, dando ordens e utilizando punições. O cotidiano escolar em grande proporção é formado por uma rotina de instruções onde as crianças recebem caminhos prontos do que e quando aprender, sendo conduzidas por normas e preceitos a serem atendidas como, por exemplo: “nada de conversa”, “formem fila para o recreio”. Assim, as escolas, infelizmente usam métodos que conduzem a moralidade da heteronomia.

Kamii (1991) comenta sobre a relação entre a criança e o adulto, e destaca a importância de que as crianças desenvolvam sua autonomia, e que o domínio do adulto seja assim reduzido, possibilitando que as crianças ajam e decidam, deste modo a autonomia corresponde a um termo político que quer dizer autogoverno, o oposto de heteronomia, que significa ser governado por outrem.

A essência da autonomia é que as crianças se tornem capazes de tomar decisões e fazer escolhas por si mesmas. Todavia a autonomia não diz respeito a mesma coisa que a liberdade plena, mas em a criança levar em consideração suas atitudes e deveres baseado em suas necessidades e significações (KAMII, 2012).

De acordo com Kamii (1991, p. 20),

a autonomia as vezes é confundida com a independência, como a habilidade de manter um emprego, pagar as próprias contas e viver na sociedade como um cidadão responsável. A diferença entre autonomia e independência reside no fato de que o indivíduo autônomo vai além das convenções, vendo-as como um conjunto de regras entre muitas outras

possibilidades, e adota regras convencionais somente em certas circunstâncias, quando elas tem sentido para ele.

A autonomia assim, não abrange apenas a esfera social, mas igualmente a intelectual, Kamii (1991) destaca que assim como as normas morais, o conhecimento intelectual deve ser constituído pela criança para que ela possa se apropriar dele.

Sendo assim é fundamental perceber a criança como sujeito que considera tudo o que está a sua volta, que pensa e constrói a aprendizagem. Uma vez que,

crianças pequenas são investigadores espontâneos que têm curiosidade insaciável e orgulho das suas realizações. Se as encontramos onde elas estão e as encorajamos a pensar da sua própria maneira e relacionar as coisas de seu jeito, ao invés de obriga-las a dar as respostas “certas”, elas vão construir o conhecimento de forma a levar o desenvolvimento até onde for biologicamente possível. O conhecimento que tem sentido para aquele que aprende provavelmente levará a um aprendizado maior. Não se pode esperar que respostas “corretas” que não têm sentido e não são interessantes resultem em autonomia intelectual em um desenvolvimento maior (KAMII, 1991, p. 30).

Assim, proporcionando condições, a criança torna-se progressivamente mais autônoma à medida que cresce, e ao tornar-se mais autônoma, torna-se menos heterônoma, ou seja, à medida que a criança torna-se apta a governar-se, ela é menos governada por outras pessoas (KAMII, 1991, p. 20).

Segundo Kamii (1991, p. 21) “a moralidade da heteronomia é mantida por sanções, isto é, por recompensa e punição”. Vale ressaltar que é mencionado por Kamii (1991) que existe uma diferença entre sanção e punição. A sanção pode ser positiva ou negativa, já a punição por sua vez, é sempre negativa.

Diante disso nota-se que o contexto de heteronomia em que as crianças são conduzidas principalmente no âmbito escolar, reduz as possibilidades de a criança desenvolver a autonomia.

Kamii (2012, p.105) ressalta que “infelizmente as crianças não são encorajadas na escola a pensar de maneira autônoma”. Assim percebe-se que a relação adulto-criança é um fator crucial que pode ampliar ou reduzir a autonomia da criança.

Segundo Kamii (1991, p.22),

o adulto mantém seu poder através do uso de recompensa e punição. Enquanto o poder do adulto predominar, as crianças não estarão livres para cooperar com os adultos voluntariamente e construir regras para si mesmas”.

3 O BRINCAR

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.

(Carlos Drummond De Andrade)

Alguns estudos foram realizados para compreender melhor o brincar, destacando que este foi o fio condutor para coletar os dados sobre a criança nesta pesquisa,

é no contato com o corpo da mãe, que ela, ainda sem conhecer o próprio corpo, experimenta a primeira brincadeira, pois, no ato de mamar, ela não apenas se alimenta, mas exerce uma atividade, caracterizada pelo prazer e pela descoberta da vida que a cerca. Brincando no seio da mãe, ela descobre o próprio corpo e, com ele, brinca, de segurar os pés, de observar as mãos, de tatear o que está ao seu alcance, desenvolvendo diferentes e variados sentidos, nesse processo de descoberta, que a estimula e impulsiona a novas percepções (JACOBY, 2003, p.30).

O brincar na teoria piagetiana é entendido com o termo jogo, onde o autor nessa perspectiva observou seus filhos e realizou um extenso estudo sobre a criança, descrevendo os estágios do desenvolvimento através das suas ações, que apresentam características prazerosas e permitem a criança construir o conhecimento. “Há, simplesmente, assimilação à atividade própria, isto é, utilização do fenômeno para o prazer de agir, que é no que consiste o jogo” (PIAGET, 1975, p.121).

Piaget (1975) afirma que o jogo é essencialmente assimilação, ou assimilação predominando sobre a acomodação. O jogo tem dessa forma grande importância no desenvolvimento da criança.

O jogo entendido por Piaget (1975) é o momento que permite a criança ser criança, ser livre, se desenvolver e aprender, formando seu conhecimento pela ação. Nesse sentido, o autor divide os jogos em três categorias principais que caracterizam os jogos infantis: o jogo de exercício, o jogo simbólico e o jogo de regras, que serão explicados a seguir.

3.1 O JOGO DE EXERCÍCIO

Piaget (1975) relata que o jogo de exercício é o primeiro a nascer na criança e é o que caracteriza as fases do desenvolvimento pré-verbal. O jogo de exercício é realizado pela criança a partir dos seus atos reflexos e é o único que faz parte do nível sensório motor, mas que permanece com o passar do tempo, podendo reaparecer durante toda a vida, tal jogo não apresenta simbolismo nem técnica, mas consiste no prazer de repetir um exercício sensório-motor, só pelo prazer de fazê-lo.

Dessa forma, Piaget (1975, p. 119) afirma que,

tudo é jogo durante os primeiros meses de existência, à parte algumas exceções, apenas, como a nutrição ou certas emoções como o medo e a cólera. Com efeito quando a criança olha por olhar, manipula por manipular, balança as mãos e os braços (e na fase seguinte, quando agitar os objetos suspensos, sacudir argolas etc.), ela entrega-se a ações centradas nelas próprias, a exemplo de todos os jogos de exercícios, e que não as insere em qualquer série de atos impostos por outrem ou pelas circunstâncias exteriores: não têm mais finalidade exterior do que, mais tarde, os exercícios motores – atirar pedras numa poça de água, fazer esguichar a água de uma torneira, saltar etc. – que todo o mundo considera jogos ou brincadeiras.

Em suas pesquisas com seus filhos Jacqueline, Lucienne e Laurent observados no decorrer do seu desenvolvimento, Piaget (1975) cita alguns exemplos como o de Jacqueline ao fazer rolar seu carrinho causando-lhe certo impulso, na mesma época, puxa o seu carrinho com um barbante e atira uma bola a diversas distâncias.

Pode-se tomar ainda como exemplo do jogo de exercício quando uma criança enche um balde de areia, vira-o, desfaz o bolo com a pá e recomeça, durante um tempo. Uma das filhas de Piaget, Jacqueline aos 3 anos cola e descola agulhas de pinheiro num pedaço de piche, amarra e desamarra os sapatos com ar de satisfação, após ter aprendido a fazer.

Segundo Piaget (1975, p. 100) os jogos de exercício,

reaparecem, pelo contrário, durante toda a infância, sempre que um novo poder ou uma nova capacidade são adquiridos; durante a sua fase de construção e adaptação atuais (em contraste com a adaptação consumada), quase todas as condutas dão lugar, por seu turno, a uma assimilação funcional ou exercício em vazio, acompanhados do simples prazer de ser causa ou de um sentimento de poderio.

Todos esses exemplos citados, bem como, puxar um barbante, imprimir um impulso, encher ou despejar, ou, mais tarde, dividir um todo e refazê-lo referem-se ao jogo de exercício e em seguida levam a conquistas inteligentes para a criança.

3.2 O JOGO SIMBÓLICO

Piaget (1995) destaca que ao término do período sensório motor, surge o jogo simbólico, e para o desenvolvimento das condutas seguintes, que consiste em poder apresentar alguma coisa, como por exemplo, o significado de um objeto ou acontecimento, por meio de um significante diferenciado que serve para essa representação, sendo eles a linguagem, imagem mental, e gesto simbólico,

a representação nasce, portanto, da união de “significante” que permitem evocar os objetos ausentes com um jogo de significação que os une aos elementos presentes. Essa conexão específica entre “significantes” e “significados” constitui o próprio de uma função nova, a ultrapassar a atividade sensório-motora e que se pode chamar, de maneira muito geral, de “função simbólica”. É ela que torna possível a aquisição da linguagem ou dos “signos” coletivos (PIAGET, 1975, p.351).

Segundo Piaget (1995, p. 52),

o jogo simbólico assinala, sem dúvida, o apogeu do jogo infantil. Mas ainda do que as duas ou três outras formas de jogo, corresponde a função essencial que o jogo exerce na vida da criança. Obrigada a adaptar-se, sem cessar, a um mundo social dos adultos cujos interesses e cujas regras lhe permanecem exteriores, e a um mundo físico que ela mal compreende, ou compreende de uma forma diferenciada da do adulto.

A função simbólica aparece quando a criança está no estágio inteligência intuitiva, e encontra seu ápice entre 2 e 6 anos. A partir do jogo simbólico se desenvolvem os jogos de construção, que com o passar do tempo, tendem a constituir adaptações ou soluções de problemas e criações inteligentes (PIAGET, 1995).

Portanto para Piaget (1975, p. 142),

todo o jogo simbólico é uma coisa ou outra, ao mesmo tempo um jogo de “comidinha” é imitação de situações reais e imaginação de novas cenas. Uma “metamorfose de objetos” como um caixote transformado em automóvel, é imitação do veículo ao mesmo tempo que criação imaginativa etc.

Piaget (1995) percebeu o primeiro tipo deste jogo, quando inventado por uma de suas filhas ao fingir dormir, sentada e sorrindo, com olhos fechados, cabeça inclinada, e o dedo polegar na boca, segurando um canto de pano, que representava o canto do travesseiro, esse comportamento, tem semelhança ao que de costume fazia ao adormecer. Em todos esses eventos, é perceptível a representação, e o significativo diferente é novamente uma imitação, acompanhada de objetos que vão virando simbólicos na ação da criança.

Há outro exemplo observado e descrito por Piaget, quando Jacqueline finge que telefona, depois faz a sua boneca falar. Nos dias seguintes reproduz a mesma cena, telefona utilizando uma folha de papel, enrolada em forma de cone.

Dessa forma segundo Piaget (1999b, p.78),

o jogo simbólico aparece mais ou menos ao mesmo tempo que a linguagem - independente dela, - desempenhando importante papel no pensamento das crianças, a título de fonte de representações individuais (ao mesmo tempo cognitivas e afetivas) e de esquematização representativa, igualmente, individual.

Em sua obra sobre a formação do símbolo na criança, é citado como exemplo do jogo simbólico, o jogo de brincar com bonecas, Piaget (1975, p. 140) afirma que,

com efeito, na maioria dos casos, a boneca serve apenas de ocasião para a criança reviver simbolicamente a sua própria existência, de uma parte para melhor assimilar os seus diversos aspectos e, de outras parte, para liquidar os conflitos cotidianos e realizar o conjunto de desejos que ficaram por saciar. Assim, podemos estar certos de que todos os eventos, alegres ou aborrecidos, que ocorrem a vida da criança repercutir-se-ão nas suas bonecas.

No jogo simbólico a criança assimila o real ao eu, de maneira alterada, mas satisfazendo por esse meio seus desejos, prazeres e conflitos do dia-a-dia.

Piaget (1975) acrescenta ainda que o jogo simbólico comporta também, outros conflitos inconscientes como, interesses sexuais, defesa contra a angústia, fobias, agressividade, recuos por medo do risco ou da competição etc.

Sendo assim, Piaget (1999b, p. 28) explica que,

é fácil dar-se conta de que estes jogos simbólicos constituem uma atividade real do pensamento, embora essencialmente egocêntrica, ou melhor,

duplamente egocêntrica. Sua função consiste em satisfazer o eu por meio de uma transformação do real em função dos desejos: a criança que brinca de boneca refaz sua própria vida, corrigindo-a à sua maneira, e revive todos os prazeres ou conflitos, resolvendo-os, compensando-os, ou seja, complementando a realidade através da ficção.

Assim sendo, o jogo simbólico faz parte do desenvolvimento da criança, e a permite satisfazer seus desejos transformando o real a seu modo ao realizar o jogo simbólico, onde a mesma revive situações prazerosas e desagradáveis, compensando-as a sua maneira.

3.3 O JOGO DE REGRAS

O exercício, símbolo e regra, são as três fases sucessivas que caracterizam as classes de jogos citadas por (PIAGET, 1975).

Ao realizar os estudos sobre os jogos da criança, Piaget (1975) diz que após os jogos simbólicos surgem os jogos de regras, onde neste jogo ao invés do símbolo, a regra dá espaço a relações sociais, ocorrendo entre dois ou mais indivíduos. Um simples ato sensório-motor, como o de caminhar ao longo de uma vedação de madeira tocando com o dedo em cada uma das tábuas, não constitui uma regra, dada a ausência de obrigação, e implica no máximo um sentido de regularidade.

Segundo Piaget (1975, p. 185),

os jogos de regras são jogos de combinações sensório-motoras (corridas, jogos de bola de gude ou com bolas etc.) ou intelectuais (cartas, xadrez, etc.), com competição dos indivíduos (sem o que a regra seria inútil) e regulamentados quer por um código transmitido de gerações em gerações, quer por acordos momentâneos.

Ao passo que o jogo de exercício simples começa no princípio da vida da criança e o jogo simbólico surge durante o segundo ano de vida, o jogo de regras, só se configura no decorrer de quatro a sete anos e, maiormente, no período dos sete aos onze anos (PIAGET, 1975).

Assim como o jogo simbólico inclui, frequentemente, um conjunto de elementos sensório-motores, também o jogo com regras pode ter o mesmo conteúdo dos jogos precedentes: exercício sensório-motor como o jogo das bolas de gude ou

imaginação simbólica, como nas adivinhações e charadas. Proporcionando um elemento novo a mais, a regra, tão diferente do símbolo quanto este pode ser do simples exercício e que resulta da organização coletiva do jogo (PIAGET, 1975).

Conforme Piaget (1975) em relação às regras, de fato, se diferenciam dois casos: as regras transmitidas e as regras espontâneas, explica-se assim, os jogos de regras que se tornaram “institucionais”, no sentido de realidades sociais que são impostas por sucessivas gerações, e os jogos de regras de caráter contratual e momentânea.

Os jogos de regras podem de tal modo ter várias procedências,

os jogos de regras podem ter origem quer em costumes adultos que caíram em desuso (de origem mágico-religiosa etc.), quer em jogos de exercício sensório-motores que se tornaram coletivos, quer, enfim, em jogos simbólicos que passaram igualmente a coletivos mas esvaziando-se, então, -de todo ou parte do seu conteúdo imaginativo, isto é, de seu próprio simbolismo (PIAGET, 1975, p. 127).

4 REFLEXÕES SOBRE A CRIANÇA E O BRINCAR

Segundo Piaget (1975) o jogo está presente na vida da criança desde o nascimento, e são compostos por características prazerosas vivenciadas pela criança. Dessa forma, tais jogos contribuem para pensamentos inteligentes e para o seu desenvolvimento. “O jogo livre oferece à criança a oportunidade inicial e a mais importante para atrever-se a pensar, a falar e ser ela mesma” (KISHIMOTO, 2012, p. 133).

Durante o jogo acontece a brincadeira, ainda conforme Kishimoto (1992, p. 61) “a brincadeira na sua teoria, é a expressão dos sentimentos, necessidades e interesses da criança e por isso tem um fim em si mesma”.

Buscando realizar um estudo sobre a criança, bem como compreender o brincar, visto que se filmou a criança brincando, discorreremos sobre a concepção de Piaget acerca da relação existente entre a criança e o brincar e as definições de jogo.

Durante a pesquisa, e principalmente na coleta de dados fizeram-se algumas reflexões a respeito da criança e o seu brincar, onde se notou a importância do brincar para a criança e que este é um aspecto indissociável da mesma. Piaget (1975) atribui ao jogo, termo pelo qual caracteriza o brincar da criança, grande importância. Dividindo em três grupos chamados: jogo de exercício, jogo simbólico e jogo de regras. Tais jogos acompanham os estágios de desenvolvimento da criança.

Ao perceber e contemplar o brincar das crianças pode-se observar que o brincar é muitas vezes uma atividade controlada e limitada pelo adulto, com hora e espaço definidos na Educação Infantil.

De acordo com Kishimoto (2012) nossa civilização parece ter denominado como “brincar” um exercício que se opõe a “trabalhar”, caracterizando-o como futilidade e oposição ao que é sério, onde nesse contexto a atividade infantil é entendida com o mesmo termo, ressaltando-se assim os aspectos negativos (oposição às tarefas sérias da vida).

Sendo assim, é essencial ressaltar o brincar na educação infantil não como uma atividade dirigida, ou apenas como recompensa das atividades realizadas com

tempo estipulado, mas como uma experiência essencial vivenciada pela criança no seu desenvolvimento.

João Batista Freire (1997, p. 219) afirma que,

a criança é uma especialista em brinquedo, que ela chega à escola provida de um conhecimento inegável. Não vejo procedimento mais sensato por parte da escola que, de início, levar em conta esse conhecimento como ponto de partida do programa escolar.

Diante do exposto, faremos agora a discussão das cenas e brincadeiras filmadas na Educação Infantil, a partir das interações e diálogos das crianças durante o brincar, bem como os aspectos e temas presentes nessa vivência observados nos dias de filmagem.

4.1 A FILMAGEM E ANÁLISE DAS CENAS

Neste item apresenta-se como foram realizadas as filmagens, expondo os procedimentos utilizados nesse processo, e posteriormente no próximo capítulo a descrição e a discussão das cenas.

As filmagens realizadas na unidade de Educação Infantil totalizaram sete dias, nessa pesquisa tais filmagens buscaram registrar a criança durante o brincar no espaço do parque, para tanto, se realizou as gravações a partir da criança, levando em consideração as suas falas e ações para a análise, pois o meu objetivo era pesquisar e fazer o estudo a partir da criança, não fazendo uma coleta de dados a partir do ponto de vista do adulto, mas da própria criança.

Com a intenção de realizar a pesquisa sobre a criança, trata-se de uma pesquisa qualitativa. De acordo com Ludke e André (2014) o estudo qualitativo ocorre em uma situação real, é rico em dados descritivos, tendo um plano aberto e flexível e enfoca a realidade de maneira complexa e contextualizada.

De acordo com Belei et al. (2008) as imagens filmadas resultarão em informações que darão base para o texto escrito. O autor acrescenta que das cenas de maior importância podem ser feitas fotos que ilustrarão os dados na pesquisa.

Nesse contexto, segundo Belei et al. (2008) com a filmagem pode-se reproduzir a fluência do processo pesquisado e observar pontos que muitas vezes não são percebidos.

Para Duarte et al. (2011, p. 251),

o uso adequado da imagem em movimento, aliada ao áudio, permite capturar aspectos difíceis de serem captados com outros recursos, tais como expressões corporais, faciais e verbais utilizadas em situações cotidianas; [...] em face de uma atividade ou questão proposta pelo pesquisador.

Sendo assim, o vídeo tem uma função de registro sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo de ser captado integralmente e descrito claramente por um único observador enquanto ele acontece (LOIZOS, 2002). Portanto, a filmagem é grande fonte para a obtenção de dados, permitindo captar com maior fidelidade aquilo que não é perceptível à primeira vista.

Nesse sentido, o vídeo permite registrar o contexto das interações, bem como permite que façamos amiúdas revisões, a fim de estabelecer uma análise compreensiva do fato (DUARTE et al., 2011).

Dessa forma, optou-se pela utilização manual da câmera, devido a necessidade de deslocamento no ambiente e pela possibilidade de escolher um melhor ângulo, as cenas para filmar e de ir até onde as crianças estão, nos diferentes espaços.

No andamento das filmagens ocorrem diferentes cenas no mesmo espaço e tempo, no entanto, além das crianças que participavam da filmagem eu observava os demais grupos de crianças e as brincadeiras que iam acontecendo em outros grupos ao redor da cena filmada, visto que, aconteceram demais cenas que não foram possíveis de captar com uma única câmera em todo o espaço ocupado pelas crianças no parque.

Nas filmagens realizadas, o término ou corte de uma cena se deu por diversos motivos, tais como: a interferência de um adulto, desvio da temática da brincadeira, surgimento de uma nova brincadeira, mudança de componentes nos grupos de crianças ou em alguns casos o esgotamento de determinada brincadeira.

Além disso em alguns momentos parava-se a filmagem porque no decorrer das brincadeiras as crianças se dispersavam, mudavam de local ou corriam, sendo iniciada uma nova cena. Justifica-se assim a divisão dos dias em cenas.

Buscou-se assim focar em um grupo que estabelecia uma brincadeira, ressaltando que o brincar foi o meio para coletar os dados e fazer uma análise sobre a criança, o meu objeto de pesquisa.

Partindo dessa divisão e análise a partir das cenas, destacamos a definição de cena. De acordo com o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2008) cena significa o palco teatral, cada um dos acontecimentos no decorrer de uma peça, filme, novela, etc., além disso, significa uma ação ou fato que desperta a atenção ou interesse.

Aumont e Marie (2003, p. 45) afirmam no dicionário teórico e crítico do cinema que,

a cena designa, originalmente, no teatro grego uma construção em madeira, a skêné, no meio da área de encenação, depois, por extensões sucessivas de sentido, essa área de encenação inteira (o palco), depois o lugar imaginário onde se desenrola a ação. Por uma nova extensão de sentido, a palavra designou, em seguida, um fragmento de ação dramática que se desenrola sobre uma mesma cena, ou seja, uma parte unitária da ação. Daí um certo valor temporal ligado à palavra: a cena vale por uma certa unidade, indeterminada, de duração.

Nota-se que o desenrolar de uma cena envolve vários aspectos, tendo como elementos principais a pessoa que fala, suas ações e o espaço em que a cena acontece. Com o intuito de descrever as ações realizadas pelas crianças durante a brincadeira, as mesmas foram transcritas dando atenção às falas das crianças, movimentos corporais, gestos e expressões, bem como a ambientação da cena.

Após o processo de coleta de dados, os vídeos foram assistidos e reassistidos exaustivamente, buscando realizar uma melhor descrição e interpretação. As transcrições foram feitas respeitando inteiramente as falas e ações das crianças, sendo adotados sinais para facilitar a leitura e padronização de tais descrições.

Segundo Belei et. al (2008, p. 193),

ao se examinar e interpretar os dados repetidas vezes o pesquisador descobre novas interrogantes, novos caminhos a serem trilhados. Não é só ver os fatos e gestos da prática filmada, mas sublinhar a imagem, analisar com o cenário, com o ambiente da pesquisa e com o referencial teórico.

Pensando também sobre as questões éticas e para uma melhor compreensão das transcrições, as crianças participantes da pesquisa foram identificadas por um nome fictício, além disso, foi colocado um travessão entre os nomes das crianças nos diálogos, significando que uma criança fala para a outra, como por exemplo: Paula-Felipe (Paula fala para Felipe). As narrativas das cenas feitas por mim entre os diálogos das transcrições foram feitas com a letra Arial, tamanho 12, as minhas falas foram acompanhadas do nome pesquisadora e as falas da professora regente da turma filmada, acompanhada pelo nome professora.

No momento da transcrição as filmagens foram todas descritas e separadas por dia de filmagem, e em seguida divididas por cena, narrando durante a transcrição os acontecimentos e a sequência do comportamento das crianças (linguagem verbal e linguagem corporal), nesse processo se faziam reflexões sobre a criança e alguns temas possíveis para análise, associando-as as leituras e teorias estudadas, sendo muito trabalhoso para definir as categorias de análise.

Percebe-se que a transcrição é uma etapa fundamental para a pesquisa como um todo, bem como para análise dos dados. De acordo com Lima (2015, p. 3),

as transcrições, assim como os vídeos e áudios gravados em pesquisas, têm sua importância no âmbito de muitos trabalhos. As transcrições permitem ao pesquisador uma análise criteriosa a respeito de cada fala de seus sujeitos de pesquisa.

Sendo assim nesse processo após a coleta dos dados, foram realizadas algumas fases para uma melhor descrição do material filmado, tais fases são citadas por Lima (2015) acerca de métodos de transcrições e análise de vídeos. Dessa forma, para desenvolver a transcrição nesse trabalho, se concretizou as seguintes etapas:

- Assistir aos vídeos;
- Selecionar os eventos críticos;
- Descrever os eventos críticos;
- Transcrever os eventos críticos;
- Discutir os dados encontrados;

Transcrever, se constitui assim um passo primordial na pesquisa e vem sendo cada vez mais utilizado em análises e discussões em trabalhos no campo da educação. Segundo Planas (apud LIMA, 2015, p. 2),

transcrever vídeos é a ação de transformar o que se ouve (palavras, músicas, sons, etc.) em textos escritos. De extrema importância para várias partes da sociedade, como legenda de filmes, entre outros, a transcrição vem sendo usada com certa frequência como recurso metodológico em pesquisas na área da educação.

Para a organização de tais transcrições foram utilizadas as convenções indicadas no quadro abaixo, apresentadas por Dino Pretti (1999).

Tabela 1 – Convenções utilizadas na transcrição das filmagens

ACONTECIMENTOS	SINAIS
Comentários descritivos entre as falas das crianças	<i>Itálico</i>
Narração da cena	Arial 12
Falas das crianças	<i>Recuo à esquerda</i>
Truncamento, corte da fala	/
Incompreensões de palavras ou segmentos	()
Comentários que quebram a sequência temática, desvio temático
Expressões corporais e atos físicos	[]

Para exemplificar como as cenas foram transcritas e discutidas neste estudo, segue abaixo o modelo de uma transcrição.

DIA 1

O jogo de queimada

No primeiro dia de filmagem, logo ao chegar no parque Leonardo se aproxima e me faz uma pergunta,

Leonardo: o tia você tá filmando a gente? Deixa eu filmar com você? [E em seguida sai correndo].

No início das filmagens no parque, foco em um grupo de crianças que fazem uma roda no canto, afastado dos brinquedos e discutem sobre alguma coisa. Na

filmagem não consegui ouvir e compreender a conversa com clareza, pois as crianças fecharam a roda e algumas ficaram de costas para câmera falando todas ao mesmo tempo, tornando as falas inaudíveis. A cuidadora, que acompanha uma criança da turma, observando as crianças de longe vê esse grupo e chama a atenção, [gritando e batendo palmas],

vai gente! Vai brincar gente, *a professora também interfere dirigindo a fala as crianças*: o Paula, Paula, brinca pra cá.

Paula lá da roda com as crianças olha e vai andando para o outro lado. As outras crianças, Letícia, Luana e Amanda acompanham Paula, chegando até o escorregador do parque. Paula segurando a peteca na mão explica as regras sobre a brincadeira que iria começar para as crianças, e faz uma pergunta,

Paula: ta bom? Entenderam?
As crianças respondem: ta bom! [e saem correndo].
Letícia corre para o outro lado e fala: Paula é por aqui.

Ao ver que nenhuma das crianças a segue, volta indo atrás das outras crianças. Esse grupo de crianças se reúne perto de uma árvore que dá sementes, e Paula segura uma das partes da planta em que ficam essas sementes para me mostrar,

Letícia: tia ó bananinha [me mostrando as sementes da árvore].
Paula: aqui as bananinha. [Paula puxa a mão de Luana e fica segurando para me mostrar] *dizendo*: Luana mostra, mostra.
Pesquisadora: que isso?
Luana, Letícia, Paula: bananinha! *Falam em um coral*.
Pesquisadora: da onde?
Paula: caiu desse daqui ó, de lá de cima! Elas nascem!
[Apontando para árvore]
Nesse contexto Felipe pega algumas sementes que estão no chão e joga em Letícia, que reclama [brava]: o para assim de jogar as cascas na minha cara menino!
Felipe: eu que inventei a outra brincadeira, eu que inventei essa aqui agora, de jogar as sementes.
Paula entrega algumas sementes que tem na mão para Luana e sai andando para o lado, pega a peteca e fala: vão bora!
[Levantando a peteca para cima] pergunta: entendido?!
Letícia: sim!
Amanda: sim!

Queimou! Não queimou!

Após esse combinado, o grupo de crianças composto por Paula, Letícia, Luana e Amanda vão para um ambiente ao lado onde tem mais espaço e começam a brincadeira com a peteca, que funciona como uma bola em um jogo de queimada. Paula ameaça que vai jogar a peteca para começar a brincadeira e as crianças saem [correndo e gritando]. Paula de imediato chama a atenção das crianças,

Paula: não! Aí não! Aqui! [Faz sinal de não com a mão e a expressão emburrada, apontando com o dedo para o local onde deveria ser, impondo para as outras crianças: aqui!]

E as crianças voltam.

[Paula corre em direção a Letícia e joga a peteca para queimá-la]

Paula: queimou, queimou Letícia! Queimou Letícia! [Batendo palmas comemorando]

Paula-Letícia: pega a peteca.

Letícia: queimou, queimou, queimou, queimou, queimou, queimou! [Queima Paula e fala dando risadas]

A peteca fica com Paula novamente, sendo a vez dela de queimar.

As crianças que estão participando da brincadeira vão correndo em direção ao outro lado do parque,

Paula: por aí não! [Fala delimitando o espaço para as crianças que saem do espaço em que acontece a brincadeira].

Paula queima Letícia na perna,

Paula: queimou, queimou [pula batendo palmas].

A vez de queimar agora está com Letícia, Paula aponta para o chão mostrando a peteca para a mesma pegar,

Lucas: queimou na perna!

Amanda: queimou, queimou Letícia.

[Letícia joga a peteca em Paula].

Amanda: queimou!

Paula: não queimou!

Inicia-se uma discussão entre as crianças se queimou ou não queimou. Letícia Joga a peteca em Lucas e o queima,

Paula: queimou!

Amanda: queimou Lucas. Tá com Lucas.

A peteca fica por um momento na areia, Letícia pega e joga para queimar Paula,

Letícia queima e fala: queimou, queimou [fala dando risadas]

Lucas: queimou na bunda [fala dando risadas]

A vez passa para Paula,

Paula queima Letícia: acertou, acertou a cabeça de Letícia [risos].

A vez passa a ser de Letícia, que vai correndo atrás das crianças na tentativa de queimar alguém,

queimou André [Lucas fala observando a brincadeira].

Letícia: ah não foi de raspão.

Paula: queimou André [batendo palmas]

Amanda: queimou André!

[Letícia entrega a peteca para André e passa a vez para ele].

Letícia: queimou você.

André joga a peteca e acerta Paula,

Paula: queimou minha perna, queimou minha perna.

Paula pega a peteca e acerta Luana,

Paula: queimou Luana [corre batendo palmas] e dizendo: Queimou, queimou Otávio.

André: queimou, queimou, Lucas.

Lucas: queimou, passou aqui ó, [apontando para o braço], queimou eu.

As outras crianças Paula, Letícia e Luana se aproximam para conferir.

Paula: queimou ele! Queimou ele! [Apontando e afirmando com certeza].

Lucas: queimou a areia [as outras crianças afirmam e começam a brincadeira de novo].

Letícia: queimou a areia, caiu na areia.

Amanda: queimou o pé dele de areia ().

As crianças se aproximam de Lucas e saem correndo para não serem queimadas.

Na mesma cena Paula me envolve na brincadeira falando com um tom de brava,

o tia acertou aqui em mim, Lara.

Pesquisadora: queimou?

Paula: queimou! [Fala brava] ()

Voltam andando para o meio do parque onde estavam brincando e [Paula pega a peteca da mão de Letícia].

Paula-Letícia: tocou em mim, tocou em mim.

Paula: queimei, queimei, quando queima Letícia.

Letícia imediatamente pega a peteca e queima Luana.

Paula: queimou Luana!

Luana vai andando em direção a Letícia para pegar a peteca. Mas Letícia entrega para Lucas, e dá um susto nas crianças que estão próximas [apontando para o muro e gritando],

tem uma anaconda no parque!

As crianças saem todas correndo gritando por causa do susto. Letícia fica rindo das outras crianças e sai correndo.

A brincadeira para, e as crianças saem correndo para outros espaços do parque, e Lucas as segue com a peteca na mão. Nesse momento eu reiniciei a câmera para começar uma nova filmagem.

Continuação do jogo de queimada

Estão brincando Gabriel, Pedro, Leonardo e Rafael,

Leonardo finge estar com uma arma na mão, [correndo e atirando imitando o som de uma arma: pow, pow, pow] *perto das meninas que voltam a brincar de queimada com a peteca.*

Na continuação da cena em que as meninas voltam a brincar de queimada Leonardo se aproxima de Paula e pergunta se pode participar da brincadeira,

Leonardo-Paula: posso brincar? Paula posso brincar com você?

[Saem correndo], *logo depois Leonardo volta.*

Letícia-Leonardo: Leonardo vem cá brincar.

Paula se aproxima de Leonardo e explica.

Paula: olha é bem assim, se garrou em você, se garrou em você [as outras crianças que estão perto fazem uma roda em volta para ouvir].

Letícia interrompe a explicação de Paula e diz: Paula, faz! Paula vamo ensinar. ó/ ó/ [as duas vão andando e jogam queimada para explicar as regras e para demonstrar para Leonardo como se joga].

Paula: eu tenho que tacar nela pra queimar. Aí ela vai ficar com a peteca, ela vai ficar com a peteca. [Mostrando a peteca para Leonardo].

Todas as crianças que estavam na roda começam a correr e gritar: vai, vai! E começa a brincadeira de queimada novamente. Duas crianças ao lado não participam da brincadeira Luana e Gabriel.

Leonardo vindo de outro grupo de crianças que brincava na areia, aparece nas filmagens, vai até a frente da câmera no momento em que estou filmando o jogo de queimada e “rouba” a cena. [Fica dançando, dando língua, levantando os braços, rebolando, em seguida vira uma estrela, levanta e sai correndo].

Esse grupo de crianças que eu estava filmando se dispersa pelo parque correndo, e se juntam com outras crianças. Sendo assim iniciei outra filmagem.

Grava aí tia!

Ao observar o comportamento das crianças, percebe-se falas que também representam o egocentrismo apresentado pela criança. Além da inabilidade de ver outro ponto de vista, a criança neste período está centrada em si mesma como pode-se perceber na transcrição a seguir, em que as crianças pedem para gravar suas ações.

Letícia, Amanda, Paula, Luana e Lucas, estão juntos atrás do escorregador enterrando a peteca para esconder de outro grupo de crianças que está perto. Luana fica vigiando para as outras crianças não verem, Paula pede pra eu gravar a cena,

grava aí tia.

Pesquisadora: estou gravando!

Quando veem outras crianças vindo, [todas as crianças se levantam e se afastam do local, para disfarçar que estavam escondendo alguma coisa].

Luana: o gente bora desenterrar logo ().

As crianças não concordam com Luana, e iniciam um diálogo com a pesquisadora.

Letícia-Pesquisadora: tira foto tia. [Faz uma pose colocando as mãos na cintura e dando um sorriso]

As outras crianças que estão perto também pedem,

Lucas: grava um vídeo. [Coloca a mão na cintura e sorrir na frente da câmera]

Pesquisadora: estou gravando!

[Paula também para em frente a câmera e dá língua dando risadas].

Paula: verdade tia?

Pesquisadora: é, olha aqui. Mostro a câmera gravando para ela.

Paula: cadê, cadê? Cadê tia?

Luana: cadê?

[As outras crianças curiosas pedem também para ver a filmagem]

Letícia: deixa eu vê aí, deixa eu vê aí, deixa eu vê aí.

E fala impressionada: óóó tia tá gravaaando! Observando as filmagens na câmera

Paula: olha eu, mostra pra elas, mostra pra elas. [Fazendo poses na frente da câmera] Vai lá Letícia pra ver.

Luana vê e fala: ó Paula.

Letícia: tia, mostra eu pra Paula. [E vai pra frente da câmera]

Pesquisadora: vem aqui Paula então.

Paula: ó/ ó/

Paula: é!

.. ...

Uma das crianças que estava brincando no outro grupo chega, e as crianças que eu estava filmando gritam,

André! Cadê a peteca?

Paula desenterra a peteca que estava enterrada na areia e entrega para Letícia e Amanda que saem correndo com a peteca gritando, e se misturam com outro grupo de crianças que brincam no parque.

Para analisar o material filmado relacionamos a teoria que embasa a pesquisa e as ações das crianças registradas nas filmagens, na busca de se realizar um estudo centrado na criança.

Desse modo apoiou-se na teoria piagetinana, enquanto embasamento teórico e para análise e discussão do material produzido. Desta forma optou-se pela análise descritiva dia-a-dia do material coletado confrontando com a teoria de Piaget sobre a criança e o brincar.

Conforme Gil (2008) as pesquisas descritivas têm como finalidade a descrição e a análise das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência.

Sendo assim, a análise descritiva, possibilita descrever minuciosamente e notar fatos ou acontecimentos ocorridos em uma determinada realidade, contribuindo para a percepção de determinados assuntos possíveis para discussão, colaborando grandemente para despertar novas visões a respeito uma realidade já conhecida (GIL, 2008).

5 SETE DIAS DE BRINCADEIRAS

Nesse capítulo irei fazer a análise dos dias filmados a partir das orientações citadas anteriormente.

5.1 DIA 1

5.1.1 O jogo de queimada

Buscando realizar um estudo sobre a criança, os capítulos de análise foram elaborados a partir do brincar na educação infantil. Na teoria de Jean Piaget a criança é um ser ativo, se desenvolve a partir de sua interação com o meio e de suas ações, tendo assim características próprias durante o seu desenvolvimento na infância, que diferem das do adulto, tais características são apresentadas e podem ser percebidas no brincar.

A partir da teoria piagetiana compreende-se três tipos de jogos vividos pela criança, o jogo de exercício, o jogo simbólico e o jogo de regras, esses jogos acompanham as etapas de desenvolvimento da mesma, a sensório-motora, a simbólica e refletida (PIAGET, 1964).

O jogo de regras acompanha as brincadeiras da criança, e corresponde as brincadeiras organizadas, com regras e ações a serem seguidas. Sendo assim, notou-se em algumas cenas o jogo de queimada, conforme Piaget (1975, p. 182) “o jogo de regras subsiste e desenvolve-se mesmo durante toda a vida (esportes, xadrez, jogos de cartas etc.)”.

Quando as crianças estão brincando, percebe-se que acontece o jogo de regras. Este aparece por último na infância e de forma estruturada. Conforme Piaget (1964) o jogo de regras se constitui na vida da criança a partir de quatro anos. Nas filmagens, em algumas situações observou-se as crianças brincando com regras.

No primeiro dia de filmagem, logo ao chegar no parque Leonardo se aproxima e me faz uma pergunta,

Leonardo: o tia você tá filmando a gente? Deixa eu filmar com você? [E em seguida sai correndo].

No início das filmagens no parque, foco em um grupo de crianças que fazem uma roda no canto, afastado dos brinquedos e discutem sobre alguma coisa. Na filmagem não consegui ouvir e compreender a conversa com clareza, pois as crianças fecharam a roda e algumas ficaram de costas para câmera falando todas ao mesmo tempo, tornando as falas inaudíveis. A cuidadora, que acompanha uma criança da turma, observando as crianças de longe vê esse grupo e chama a atenção, [gritando e batendo palmas],

vai gente! Vai brincar gente, *a professora também interfere dirigindo a fala as crianças*: o Paula, Paula, brinca pra cá.

Paula lá da roda com as crianças olha e vai andando para o outro lado. As outras crianças, Letícia, Luana e Amanda acompanham Paula, chegando até o escorregador do parque. Paula segurando a peteca na mão explica as regras sobre a brincadeira que iria começar para as crianças, e faz uma pergunta,

Paula: ta bom? Entenderam?

As crianças respondem: ta bom! [e saem correndo].

Letícia corre para o outro lado e fala: Paula é por aqui.

Ao ver que nenhuma das crianças a segue, volta indo atrás das outras crianças. Esse grupo de crianças se reúne perto de uma árvore que dá sementes, e Paula segura uma das partes da planta em que ficam essas sementes para me mostrar,

Letícia: tia ó bananinha [me mostrando as sementes da árvore].

Paula: aqui as bananinha. [Paula puxa a mão de Luana e fica segurando para me mostrar] *dizendo*: Luana mostra, mostra.

Pesquisadora: que isso?

Luana, Letícia, Paula: bananinha! *Falam em um coral*.

Pesquisadora: da onde?

Paula: caiu desse daqui ó, de lá de cima! Elas nascem! [Apontando para árvore]

Nesse contexto Felipe pega algumas sementes que estão no chão e joga em Letícia, que reclama [brava]: o para assim de jogar as cascas na minha cara menino!

Felipe: eu que inventei a outra brincadeira, eu que inventei essa aqui agora, de jogar as sementes.

Paula entrega algumas sementes que tem na mão para Luana e sai andando para o lado, pega a peteca e fala: vão bora!

[Levantando a peteca para cima] pergunta: entendido?!

Letícia: sim!

Amanda: sim!

5.1.2 Queimou! Não queimou!

Após esse combinado, o grupo de crianças composto por Paula, Letícia, Luana e Amanda vão para um ambiente ao lado onde tem mais espaço e começam a brincadeira com a peteca, que funciona como uma bola em um jogo de queimada. Paula ameaça que vai jogar a peteca para começar a brincadeira e as crianças saem [correndo e gritando]. Paula de imediato chama a atenção das crianças,

Paula: não! Aí não! Aqui! [Faz sinal de não com a mão e a expressão emburrada, apontando com o dedo para o local onde deveria ser, impondo para as outras crianças: aqui!]

E as crianças voltam.

[Paula corre em direção a Letícia e joga a peteca para queimá-la]

Paula: queimou, queimou Letícia! Queimou Letícia! [Batendo palmas comemorando]

Paula-Letícia: pega a peteca.

Letícia: queimou, queimou, queimou, queimou, queimou, queimou! [Queima Paula e fala dando risadas]

A peteca fica com Paula novamente, sendo a vez dela de queimar.

As crianças que estão participando da brincadeira vão correndo em direção ao outro lado do parque,

Paula: por aí não! [Fala delimitando o espaço para as crianças que saem do espaço em que acontece a brincadeira].

Paula queima Letícia na perna,

Paula: queimou, queimou [pula batendo palmas].

A vez de queimar agora está com Letícia. [Paula aponta para o chão mostrando a peteca para a mesma pegar]

Lucas: queimou na perna!

Amanda: queimou, queimou Letícia.

[Letícia joga a peteca em Paula].

Amanda: queimou!

Paula: não queimou!

Se inicia uma discussão entre as crianças se queimou ou não queimou. Letícia Joga a peteca em Lucas e o queima,

Paula: queimou!

Amanda: queimou Lucas. Tá com Lucas.

A peteca fica por um momento na areia, Letícia pega e joga para queimar Paula,

Letícia queima e fala: queimou, queimou [fala dando risadas]
 Lucas: queimou na bunda [fala dando risadas]
A vez passa para Paula,
 Paula queima Letícia: acertou, acertou a cabeça de Letícia [risos].

A vez passa a ser de Letícia, que vai correndo atrás das crianças na tentativa de queimar alguém,

queimou André [Lucas fala observando a brincadeira].
 Letícia: ah não foi de raspão.
 Paula: queimou André [batendo palmas]
 Amanda: queimou André!
 [Letícia entrega a peteca para André e passa a vez para ele].
 Letícia: queimou você.
André joga a peteca e acerta Paula,
 Paula: queimou minha perna, queimou minha perna.
Paula pega a peteca e acerta Luana,
 Paula: queimou Luana [corre batendo palmas] e dizendo:
 Queimou, queimou Otávio.
 André: queimou, queimou, Lucas.
 Lucas: queimou, passou aqui ó, [apontando para o braço],
 queimou eu.
As outras crianças Paula, Letícia e Luana se aproximam para conferir.
 Paula: queimou ele! Queimou ele! [Apontando e afirmando com certeza].
 Lucas: queimou a areia [as outras crianças afirmam e começam a brincadeira de novo].
 Letícia: queimou a areia, caiu na areia.
 Amanda: queimou o pé dele de areia ().

As crianças se aproximam de Lucas e saem correndo para não serem queimadas.
 Na mesma cena Paula me envolve na brincadeira falando com um tom de brava,

o tia acertou aqui em mim, Lara.
 Pesquisadora: queimou?
 Paula: queimou! [Fala brava] ()
Voltam andando para o meio do parque onde estavam brincando e [Paula pega a peteca da mão de Letícia].
 Paula-Letícia: tocou em mim, tocou em mim.
 Paula: queimei, queimei, quando queima Letícia.
Letícia imediatamente pega a peteca e queima Luana.
 Paula: queimou Luana!

Luana vai andando em direção a Letícia para pegar a peteca. Mas Letícia entrega para Lucas, e dá um susto nas crianças que estão próximas [apontando para o muro e gritando],

tem uma anaconda no parque!

As crianças saem todas correndo gritando por causa do susto. Letícia fica rindo das outras crianças e sai correndo.

A brincadeira para, e as crianças saem correndo para outros espaços do parque, e Lucas as segue com a peteca na mão. Nesse momento eu reiniciei a câmera para começar uma nova filmagem.

5.1.3 Continuação do jogo de queimada

Estão brincando Gabriel, Pedro, Leonardo e Rafael,

Leonardo finge estar com uma arma na mão, [correndo e atirando imitando o som de uma arma: pow, pow, pow] *perto das meninas que voltam a brincar de queimada com a peteca.*

Na continuação da cena em que as meninas voltam a brincar de queimada Leonardo se aproxima de Paula e pergunta se pode participar da brincadeira,

Leonardo-Paula: posso brincar? Paula posso brincar com você?

[Saem correndo], *logo depois Leonardo volta.*

Letícia-Leonardo: Leonardo vem cá brincar.

Paula se aproxima de Leonardo e explica.

Paula: olha é bem assim, se garrou em você, se garrou em você [as outras crianças que estão perto fazem uma roda em volta para ouvir].

Letícia interrompe a explicação de Paula e diz: Paula faz! Paula vamo ensinar. ó/ ó/ [as duas vão andando e jogam queimada para explicar as regras e para demonstrar para Leonardo como se joga].

Paula: eu tenho que tacar nela pra queimar. Aí ela vai ficar com a peteca, ela vai ficar com a peteca. [Mostrando a peteca para Leonardo].

Todas as crianças que estavam na roda começam a correr e gritar: vai, vai! E começa a brincadeira de queimada novamente. Duas crianças ao lado não participam da brincadeira, Luana e Gabriel.

Leonardo vindo de outro grupo de crianças que brincava na areia, aparece nas filmagens, vai até a frente da câmera no momento em que estou filmando o jogo de queimada e “rouba” a cena. [Fica dançando, dando língua, levantando os braços, rebolando, em seguida vira uma estrela, levanta e sai correndo].

Na cena descrita, pode-se notar que as falas acima mostram o que Piaget nomeou de jogo simbólico, ao fingir estar com uma arma, Leonardo faz de conta estar com este objeto e imagina alguma situação, apresentando uma característica do jogo simbólico. Assim o jogo simbólico faz parte do brincar de toda criança, seja individualmente ou em grupo,

o jogo simbólico individual pode, também, de acordo com a ocasião, transformar-se em coletivo com a presença de vários participantes. A maior parte dos jogos simbólicos implica movimentos de atos complexos, que podem ter sido, anteriormente, objeto de jogos de exercício sensório-motor isolados. Esses movimentos são, no contexto do jogo simbólico, subordinados à representação e à simulação que devem predominar na ação (KISHIMOTO, 1996, p. 60).

Piaget (1995) diz que a função simbólica aparece na criança a partir do segundo ano de vida, onde o símbolo significa a representação de um objeto que não se faz presente, sendo a apresentação de um elemento imaginado pela criança.

Esse grupo de crianças que eu estava filmando se dispersa pelo parque correndo, e se juntam com outras crianças. Sendo assim iniciei outra filmagem.

5.1.4 Grava aí tia!

Ao observar o comportamento das crianças, percebe-se falas que também representam o egocentrismo apresentado pela criança. Além da inabilidade de ver outro ponto de vista, a criança neste período está centrada em si mesma como pode-se perceber na transcrição a seguir, em que as crianças pedem para gravar suas ações.

Letícia, Amanda, Paula, Luana e Lucas, estão juntos atrás do escorregador enterrando a peteca para esconder de um outro grupo de crianças que está perto. Luana fica vigiando para as outras crianças não verem, Paula pede pra eu gravar a cena,

grava aí tia.

Pesquisadora: estou gravando!

Quando veem outras crianças vindo, [todas as crianças se levantam e se afastam do local, para disfarçar que estavam escondendo alguma coisa].

Luana: o gente bora desenterrar logo ().

As crianças não concordam com Luana, e iniciam um diálogo com a pesquisadora.

Letícia-Pesquisadora: tira foto tia. [Faz uma pose colocando as mãos na cintura e dando um sorriso]

As outras crianças que estão perto também pedem,

Lucas: grava um vídeo. [Coloca a mão na cintura e sorrir na frente da câmera]

Pesquisadora: estou gravando!

[Paula também para em frente a câmera e dá língua dando risadas].

Paula: verdade tia?

Pesquisadora: é, olha aqui. Mostro a câmera gravando para ela.

Paula: cadê, cadê? Cadê tia?

Luana: cadê?

[As outras crianças curiosas pedem também para ver a filmagem]

Letícia: deixa eu vê aí, deixa eu vê aí, deixa eu vê aí.

E fala impressionada: óóó tia tá gravaaaando! Observando as filmagens na câmera

Paula: olha eu, mostra pra elas, mostra pra elas. [Fazendo poses na frente da câmera] Vai lá Letícia pra ver.

Luana vê e fala: ó Paula.

Letícia: tia, mostra eu pra Paula. [E vai pra frente da câmera]

Pesquisadora: vem aqui Paula então.

Paula: ó/ ó/

Paula: é!

.. ...

Segundo Kamii (1991) as crianças na fase do egocentrismo estão interessadas apenas no que “elas” fazem, e não se interessa em comparar suas ações com nenhuma outra.

Uma das crianças que estava brincando no outro grupo chega, e as crianças que eu estava filmando gritam,

André! Cadê a peteca?

Paula desenterra a peteca que estava enterrada na areia e entrega para Letícia e Amanda que saem correndo com a peteca gritando, e se misturam com outro grupo de crianças que brincam no parque.

DIA 2

5.2.1 Brincadeira com carrinho

Segundo Piaget (1975) na criança, o jogo de exercício é o que aparece primeiro e caracteriza as etapas do desenvolvimento pré-verbal. Assim o jogo de exercício é basicamente sensório-motor.

Em relação a esse tipo de jogo Piaget (1964) caracterizou três grupos diferentes: a do exercício simples e das combinações com finalidade e combinações sem finalidade.

O jogo de exercício simples é demonstrado quando uma das crianças observada pelo autor empilha cubos de um jogo e em seguida desfaz tudo, sem nenhuma finalidade ou objetivo, existindo na ação da criança apenas o movimento pelo movimento.

O outro chamado das combinações com finalidade, é apresentado quando uma criança aos 5 anos, brinca pulando de cima para baixo e de baixo para cima numa escada, sem atribuir finalidade a este movimento, depois salta do chão para cima de um banco, aumentando cada vez mais a distância, associando uma finalidade ao seu exercício.

Pode-se perceber o jogo de exercício na cena filmada no dia 2. Neste dia filmei o momento da chegada das crianças a escola as sete horas, eles chegando na sala e conversando. Ao chegar na sala, sentam-se e brincam na mesma mesa, Pedro, Gabriel, André, Luan e Arthur. Gabriel e Luan jogam um dinossauro de brinquedo

um para o outro algumas vezes, cada um de um lado da mesa, dando risadas, e a brincadeira de Pedro e André ao lado com o carrinho chama a atenção e eles param de brincar com o dinossauro.

Pedro brinca de arremessar o carrinho no chão gritando,

ééé, você de novo! [Fala levantando da cadeira em que está sentado com ar de bravo, e levanta para pegar o carrinho do chão] [Arthur aponta para a ação de Pedro dando risadas].

Pedro pega o carrinho e põe na mesa novamente, dirigindo algumas falas ao carrinho que não consigo compreender ().

Em seguida Pedro pega o carrinho e joga no chão novamente. Fazendo o som com a boca como se o carrinho estivesse caindo,

uuuuueee [gritando] pega o carrinho de novo e fica empurrando fazendo sons.

Depois Mexe com Miguel que está passando perto neste momento, falando,

Miguel cara de pastel!

.. ..

Em seguida, a professora dirige uma fala as crianças chamando a atenção durante a brincadeira para o início de uma atividade,

Professora: vamos pro coletivo agora!

O coletivo é o momento em que todas as crianças fazem a atividade xerocada juntas, acompanhando a professora que vai explicando no quadro. Enquanto a professora pega o material a ser trabalhado as crianças continuam brincando. Em seguida Rafael arremessa o carrinho de Pedro a distância da mesa até o chão mais uma vez,

Pedro-Rafael: ei você jogou!

Depois pega o carrinho novamente e repete o mesmo exercício [sorrindo e achando graça].

Leonardo estava andando pela sala e se aproxima de mim que estou filmando e pergunta: o tia que que isso?

Pesquisadora: estou filmando vocês brincarem.

Leonardo: posso ver com você? Pode filmar?

Sem esperar eu responder [Sai correndo para onde estão as outras crianças na mesa. Depois retorna e fica passando em frente a câmera, rindo, dançando e fazendo caretas].

Os colegas que estão perto começam a dar risadas do comportamento de Leonardo.

Piaget (1975) aponta em seus estudos que o jogo de exercício é uma assimilação pela assimilação, e surge na medida em que a assimilação da atividade própria se desvincula da acomodação às coisas e onde o eu da criança tem prazer nas capacidades que vai adquirindo, assim também é no jogo simbólico.

Segundo Piaget (1975, p. 145) “o jogo simbólico representa o polo da assimilação, no pensamento, e assimila assim, livremente, o real ao eu”.

5.2.2 Felipe e Miguel no armário

Ainda na sala de aula enquanto estava aguardando o momento do parque para realizar as filmagens filmei um grupo de crianças que estavam na mesa esperando o recreio, algumas delas já haviam terminado a atividade xerocada que foi realizada no dia, e estavam brincando, entre eles Felipe, Miguel, Gabriel e Leonardo. Felipe que está em uma das mesas no final da sala se levanta rapidamente, sai da mesa e entra no armário no fundo da sala, Miguel vê e vai também, os dois ficam em pé conversando baixinho puxam as portas e ficam lá dentro. Não foi possível ouvir a conversa pois o armário estava com as portas encostadas e as crianças estavam do lado de dentro do armário [Miguel sai e fecha Felipe lá dentro] e vai falar com Leonardo e Gabriel que estão sentados,

Miguel: gente, Felipe tá aqui dentro, [apontando para o armário].

[Leonardo levanta e vai abrir o armário para conferir com Gabriel]. Ao abrir Felipe dá um susto nele, e puxa as portas e se fecha no armário de novo.

A professora vê e interfere mandando cada qual sentar no seu lugar.

Professora: cada qual sentando no seu lugar, tá muita bagunça, bagunça de mais aí. Bora!

Vai até o armário e fala com Felipe: bora moço.

Pedindo para Felipe sair do armário. Ele continua e depois sai.

As crianças se sentam e voltam a brincar sentadas na mesa.

.. ..

Neste mesmo momento algumas crianças, se reúnem perto do alfabeto que tem na sala na parte de baixo da parede e começam a soletrar do A ao Z. Mesmo o foco da filmagem estando nos meninos lá traz no armário, foi possível ouvi-las nas filmagens soletrando o alfabeto.

5.2.3 Pedro e Gustavo conversam sobre Wesley Safadão

Na sequência passo a filmar Pedro e Gustavo que brincam sentados com o carrinho e o boneco na mesa, e surge uma conversa sobre Wesley Safadão,

Gustavo: você já viu Wesley Safadão?

Pedro: já! Por quê? Já fui até no show dele.

Gustavo: mentira! De Wesley Safadão?

Pedro: L de Safadão.

Gustavo: L de Safadão? S de Safadão!

Fala corrigindo o amigo.

Hélice é um negócio que roda no helicóptero pra ele voar.

Gustavo roda o boneco que estava na mão brincando como se fosse a hélice rodando.

Pedro insiste: o L de Safadão.

Gustavo e Pedro param de conversar e voltam a brincar e de rodar o boneco e bater com o carrinho um no outro,

[Pedro bate no boneco com o outro brinquedo com força até quebra-lo] e fala: morreu!

.. ..

Volto a filmagem para outro grupo no fundo da sala em que brincam e conversam Gabriel, Felipe, Leonardo e Miguel. Leonardo com um lagarto de brinquedo na mão brinca fazendo-o andar e imitando um cachorro,

au, au, au, au e faz barulho de pum com a boca,

Felipe grita: eca [sorrindo]

E fala: você ouviu que eu soltei um pum de verdade? Eu soltei um pum de verdade, eu soltei um pum de verdade, aqui na sala.

Gabriel com um brinquedo na mão finge que vai arremessar para a outra criança várias vezes, mas não joga.

Felipe: soltei um pum de verdade aqui na sala. É amiguinho, vai ter que sair, é melhor você sair, que eu soltei um pum de verdade. *Fala sorrindo.*

Em seguida Felipe levanta a blusa e começa a abaixar a bermuda mostrando o pênis para as outras crianças da sala que estão perto, Miguel, Gabriel e Leonardo. [Todos saem correndo e rindo pela sala]. Felipe ri também, para, e depois repete a mesma ação, as crianças que estão perto começam a rir também ao ver. Gabriel passa correndo por perto e rindo, Felipe corre atrás dele e tenta abraça-lo. Eu parei a filmagem para começar outra, pois as crianças começaram a correr.

5.2.4 Quem fez coco na calça?

Foco em uma mesa onde estão Leonardo, André, Miguel, Pedro, Rafael, Otávio, Felipe e Gabriel. Rafael [canta batucando na mesa],

gordinho gostoso, gordinho gostoso, gordinho gostoso.

As crianças ficam em pé ao redor da mesa brincando com brinquedos e conversando. Leonardo acha um chapéu de brinquedo embaixo da mesa e fala com as demais crianças,

Leonardo: achei um chapéu, achei um chapéu!

E põe na mesa de Pedro, mas Pedro não olha, pois está brincando com o carrinho, e Leonardo tenta chamar a atenção de Pedro [gritando].

Leonardo: chapéu, chapéééu.

André pega o chapéu e põe na cabeça, logo Pedro procura e vê que está com ele e toma. Leonardo pega um dinossauro de brinquedo e põe na cabeça de André falando e [rindo],

ó o chapéu de André!

Leonardo se levanta e vai andar engatinhando pela sala com Miguel.

Felipe que está ao lado faz uma pergunta para as crianças que estão na mesa [gritando]: quem fez coco na calça?

Gabriel: foi elas! Foi elas duas! Apontando para as meninas [rindo].

Conforme Kishimoto (1996, p. 52),

na criança a imaginação criadora, surge em forma de jogo, instrumento primeiro de pensamento no enfrentamento da realidade. Jogo sensório-motor que se transforma em jogo simbólico, ampliando as possibilidades de ação e compreensão do mundo. O conhecimento deixa de estar preso ao aqui e agora, aos limites da mão, da boca e do olho e o mundo inteiro pode estar presente dentro do pensamento, uma vez que é possível “imaginá-lo”, representa-lo com o gesto no ar, no papel, nos materiais, com os sons, com palavras.

Nesse sentido, percebe-se na cena acima que a criança representa alguma coisa que imagina e os objetos que tem em mãos se tornam simbólicos, acontecendo o jogo simbólico.

Na continuação da cena, as crianças conversam todas ao mesmo tempo na mesa, e outras ficam andando pela sala, gritando e conversando. A professora chama a atenção dos alunos para ela falando,

ó vamos sentar pra gente começar nossa manhã!

A manhã começa com a rotina que é realizada na sala diariamente. Parei a filmagem, pois a professora ia começar a aula e fiquei só em observação até o momento do recreio e do parque, para retomar a filmagem.

5.2.5 Eu vou ficar desse tamanho! Aí eu vou ficar com quarenta anos, cem anos

Retomo a filmagem na hora do recreio, depois de comerem no momento do recreio, normalmente as crianças se dividem em grupos para brincar no chão da sala, ou no espaço do refeitório que tem na escola. Na sala, próximo ao quadro estão Leonardo, Rafael e Pedro. Leonardo e Rafael ficam um de frente para outro medindo o tamanho, juntam as cabeças e colocam a mão comparando os seus tamanhos,

Rafael afirma: do mesmo tamanhooo!

Fala com ar de impressionado ao ver que possuem o mesmo tamanho.

Leonardo: cinco anos eu tenho!

Rafael: eu também!

[Dá um pulo e fala: eu vou ficar desse tamanho].

Leonardo: aí eu vou ficar com quarenta anos, cem anos, quarenta e quatro, quarenta e quatro.

[Fala pegando Rafael no colo abraçando e apertando].

Rafael: quarenta e quatro se vai ficar até aqui ó.

[Estica o braço acima da cabeça para mostrar o tamanho].

[Leonardo sai andando e Rafael vai atrás e futuca ele no ombro] falando: quarenta e quatro você vai ficar até aqui e me alcança.

[Os dois ficam nas pontas dos pés para ficar maior].

Se juntam no meio da sala, Pedro, Leonardo, Rafael e Otávio.

[Leonardo fica na ponta dos pés levantando a mão acima da cabeça] e *fala*: olha o meu tamanho!

As crianças saem andando e a conversa termina. Leonardo e Rafael expressam suas ideias e pensamentos sobre a noção de tamanho, medem e comparam seus tamanhos, falando suas idades e ouvindo um ao outro, e chegam a conclusão de que tem o mesmo tamanho. Em seguida, estipulam um tamanho que irão ficar com determinada idade, como na fala de Rafael “quarenta e quatro se vai ficar até aqui ó”, estabelecendo a compreensão que quando se aumenta a idade, se aumenta o tamanho. Sendo notório que o uso da linguagem acompanha e colabora para o desenvolvimento da criança.

A linguagem socializada conforme Piaget (1999a) é constituída de ordens, pedidos, de palavras ou de frases que manifestam desejos, e posteriormente, perguntas e verificações.

Assim,

o uso significativo da linguagem estimula seu desenvolvimento. Negociando compromissos com adultos e colegas, expressando suas ideias e ouvindo os outros, as crianças desenvolvem tanto sua linguagem quanto sua inteligência (KAMII, 1991, p. 16).

5.2.6 Brincadeira de polícia

A brincadeira de polícia e ladrão é muito vivenciada pelas crianças, e foi mais percebida entre os meninos, onde os participantes se dividem em polícia e ladrão, decidindo quem vai ser cada personagem na brincadeira.

No desenvolvimento dessa brincadeira após as definições dos personagens, a polícia começa a correr atrás do ladrão, nesse dia essa brincadeira teve início no momento do recreio na sala, quando Rafael chama Leonardo para brincar de polícia,

Rafael: vão brincar de polícia?

Leonardo: vão!

[Saem andando pela sala com os braços para trás olhando para um lado e para o outro como se fossem policiais e param na frente das mesas].

Leonardo: gente tem um convidado policial vindo pra gente.

Rafael tem na mão um ovo de chocolate pequeno e fica mexendo distraído, ao ver, Leonardo chama a atenção dele gritando: guarda esse ovo caramba! Guarda embaixo do sovaco.

Rafael não guarda e Leonardo insiste: guarda esse ovo!

[Sai andando pela sala, parando em frente ao quadro pega um giz e começa a desenhar na lousa].

.. ..

A cena acima apresenta o jogo simbólico, em que as crianças sugerem temas e personagens para serem representados na brincadeira,

o jogo simbólico implica a representação de um objeto por outro, a atribuição de novos significados a vários objetos, a sugestão de temas, como: “Vamos dizer que isso é um cavalinho? (Apontando para um pedaço de madeira) ou a adoção de papéis, como “sou o pai”, “sou o médico”, “sou a mãe” etc. (KISHIMOTO, 1996, p. 59).

Dessa forma, “o que caracteriza o jogo simbólico é o brincar de faz de conta, aquilo que não é de fato. São representações livres, que mostram o nível de compreensão da criança em relação ao mundo que a cerca” (FREIRE, 1997, p. 68).

5.2.7 Desenho

Na continuação da cena anterior Leonardo mostra para Miguel o desenho que está fazendo,

Leonardo: ó Miguel!

Miguel se aproxima do quadro e vai ver o que Leonardo está desenhando. Eu me aproximo do quadro também para ver o desenho que Leonardo está fazendo,

Leonardo: ó Miguel. [Olha para a câmara dá um sorriso ao lado do desenho e volta a desenhar].

[Miguel pega um apagador para apagar o quadro].

Neste momento, Fernanda se aproxima de mim com o caderno de atividades e fala,

o tia me ensina esse daqui. Se referindo a uma atividade que a professora havia passado no caderno, e a professora a chama.

Leonardo: olha, ó que André fez

[Dando risadas e apontando para o desenho do quadro]

Miguel com o apagador na mão perto do desenho, ameaça e por fim apaga o desenho.

Leonardo fica zangado: paraaa!

[E começa a fazer um novo desenho].

Miguel apaga novamente.

Leonardo fica bravo e grita com Miguel: paraaa!

Leonardo sai de perto de Miguel e vai para outra parte do quadro desenhar, Miguel vai atrás dele com o apagador e apaga o que Leonardo começa a desenhar novamente, se divertindo com isso,

Leonardo grita irritado: paraaa! Eu vou te dar uma cassetada! [Quase chorando] e Miguel dá gargalhadas.

Leonardo: seu feio.

Fala querendo rir também por causa das gargalhadas de Miguel.

Leonardo para de desenhar, e se senta perto de Rafael que está em uma cadeira na porta da sala, Miguel se junta a eles e começam a rir. A professora chama a atenção das crianças para dar um recado sobre o parque. Após o recreio antes de ir para o parque a professora retoma com as crianças uma atividade xerocada que havia iniciado e fala,

olha só crianças, se vocês terminarem logo, vão ficar mais tempo no parque. Agora se vocês ficarem... deu a entender "demorando". Quem tem desenho para pintar, pinta logo pra gente ficar mais tempo no parque.

Neste momento, algumas crianças estão na porta, outras em pé e conversando.

A professora chama atenção sobre a atividade: Pedro já terminou? Rafael já terminou? Rodrigo? O Leonardo já terminou?

[Pedro vai até a professora e leva o caderno para conferir]

Leonardo: já!
 Professora: já pintou?
 Leonardo: que?
 Professora: já pintou também?
 Leonardo: não! Porque tava na hora.
Leonardo afirma que estava na hora, se referindo a hora do recreio.

Em seguida, volto a filmagem para as crianças que brincam de desenhar no quadro, Leonardo, André e Miguel. Miguel desenha um peixe grande no quadro parecido com um jacaré, Leonardo fica ao lado imitando o peixe que Miguel está desenhando [fazendo o som e pulando],

Leonardo: cuidado Miguel! Cuidado Miguel, olha [apontando para o desenho no quadro] Miguel cuidado!
Miguel olha e começa a fazer outro desenho.
 Luan chega perto do quadro e fala: o jacaré!

Leonardo pega um giz e continua o desenho do jacaré que Miguel fez. André chega chupando picolé e mostra para as outras crianças,

André-Pedro *chupando o picolé*: Eu to comendo bosta!
 E depois para Leonardo: ei to comendo bosta! [Risos] e assim repete para Miguel, [fazendo careta de nojo, e falando bem próximo do rosto de Miguel].
Em seguida oferece picolé para Miguel, conta alguma coisa no ouvido dele e dá pra ele morder, depois morde novamente e ficam dividindo o picolé.
Leonardo está terminando de desenhar o jacaré no quadro e grita: cuidado Migueeee!
 Depois vê André dividindo o picolé com Miguel e fala: eu quero picolé de coco.
 [Puxa a mão de André para morder o picolé]
 Leonardo: muito gostoso picolé de coco.
 [Faz sinal de legal como o dedo, dança, abraça André e depois Miguel] e *pede para André dá mais picolé para Miguel.*
Quando ele morde, fala: eca! Ta com bosta! Tem bosta! E segura a mão de André para morder o picolé de novo.

A professora lá no fundo da sala com outras crianças chama a atenção,

ei, que isso vocês? *As crianças olham e não respondem nada, se virando para o quadro novamente.*

Pedro se aproxima observando o quadro e pergunta: Leonardo cadê seus negócio?

Se referindo aos *desenhos que haviam desenhado no quadro*.

André: você apagou, apontando para Pedro.

Pedro: não! Gabriel também! [Apontando para Gabriel].

Ainda com o picolé André divide com Leonardo e Pedro. As crianças se abaixam perto dele e ficam imitando cachorro com a língua pra fora, esperando Carlos dividir o picolé com eles. Miguel continua desenhando no quadro,

Professora: André, senta pra merendar! *Ele não senta*.

A professora continua: André senta pra comer isso.

André se senta e Leonardo e Miguel vão atrás dele para comer o picolé, ficam no chão imitando cachorro e esperando André dividir o picolé com eles. Nesta mesma cena algumas crianças combinam a brincadeira do parque, Pedro se aproxima de Gabriel iniciando uma conversa,

Pedro: Gabriel lá no parque vão brincar de lanterna verde e lanterna azul?

Gabriel: uhrum [balança a cabeça dizendo que sim].

Pedro conta para Miguel: eu e Gabriel vão brincar, eu e Gabriel vão brincar, eu e Gabriel vão brincar de lanterna verde.

E discute () não consigo compreender a discussão.

Pedro: nada a ver, só ele me ver. Eu sou o lanterna verde! Sai lanterna amarela. Lanterna verde.

A Professora chama atenção de algumas crianças e de Gabriel: o Gabriel! O lanterna verde é lá fora.

Eu paro a filmagem para reiniciar no parque.

.. ..

Das conversas e brincadeiras das crianças, que são o centro de estudo nessa pesquisa, obteve-se algumas falas da professora e cuidadora que hora ou outra se dirigiam as crianças no decorrer das filmagens, em meio a brincadeira, ou antes mesmo de começarem a brincar. A professora, diante de algum comportamento das crianças que para ela não estava adequado ou devido a algum “mau” comportamento na sala, pediam as crianças para ficarem sentadas na hora do parque. Observa-se assim que existe uma imposição do adulto sobre a criança, onde é exercida a vontade da professora em relação a criança, e não é levada em consideração a sua expressão e etapas de desenvolvimento.

5.2.8 O morcego e a mãe morcego

Ao chegarem ao parque as crianças vão para debaixo da árvore brincar, de repente Letícia observa algo se mexendo na árvore e chama a atenção das outras crianças para observar, as crianças ficam todas curiosas olhando e apontando para árvore, levantando hipóteses do que possa ser o que se mexe na árvore. Luana e Paula que estavam brincando ao lado em outro espaço do parque se juntam as crianças que estão embaixo da árvore,

Letícia: eu to vendo o rabo de uma pessoa, eu acho que é a mãe dele, eu to vendo um rabo de uma pessoa hahaha [risos].

Paula: cadê, cadê? Ta escuro, ta escuro, ta escuro mesmo!

Leonardo: tá escuro!

As crianças ficam procurando o morcego na árvore

Gabriel: a mãe dele tem sangue, tem sangue pra valer a mãe dele.

Amanda: cadê gente? Eu não to vendo!

Pedro [aponta pra cima da árvore e diz]: oh lá doido

Letícia: cadê doido? Tô vendo não.

Felipe: oh a mãe dele!

Leonardo: ela tá descendo.

Letícia: eu to vendo o rabo dela, eu to vendo o rabo dela. [Gritando]

Luana: eu também to vendo!

Letícia: ela tá preocupada!

As crianças ficam olhando, e esperando a reação do morcego.

Pedro: o morceguinho no/, o morceguinho ele tava rolando, quando ele tava sonhando que tava rolando, ele caiu.

Leonardo: ele vai descer até aqui esse morcego. É o pai também! Eu vi até o pai. O pai, o pai ta vindo, eu vi!

[Todos saem correndo, gritando e rindo, com expressão de assustados e depois acham engraçado. Se espalham pelo parque, depois voltam para debaixo da árvore].

Gabriel: o pai dele é muito bravo. [Gritando].

Letícia: eu vi o rabo.

Com base na teoria piagetiana as conversas das crianças dividem-se em dois grupos, denominados egocêntrica e socializada. Ao pronunciar as frases no primeiro grupo, a criança não se preocupa em saber a quem fala nem se é escutada, ela fala para si mesma ou pelo prazer de associar qualquer coisa à sua ação.

Na continuação da cena, quando se juntam novamente embaixo da árvore, André acha uma formiga no chão,

André: eca, eca, eca... olha, apontando e mostrando uma formiga no chão. Eca [faz gestos com as mãos para mostrar que está cheirando mal].

Leonardo: uma formiga!

Felipe: uma formiga de fogo!

Gabriel: o pai dele é bravo!!

Rafael falando da formiga no chão: nãããã, não é de fogo ela, não fez nada.

Leonardo: ela morde!

Rafael: morde nada!

Leonardo volta a olhar para a árvore chamando a atenção das outras crianças.

Leonardo: o pai dele, eu vi o pai dele, fugiu! O pai dele tava/ [fala olhando para árvore]

Rafael: o pai dele tava aonde?

Pedro: o pai dele foi fazer compras, o pai dele foi fazer compras.

Rafael tem a ideia de fazer uma armadilha para pegar o morcego e chama Leonardo para ajuda-lo, empolgado.

Rafael: armadilha, uma armadilha, vão fazer uma armadilha?

Leonardo dirige a fala a mim que estou filmando: tia [vai lá na areia e pega uma castanha] tia, tia, não tem essa fruta aqui? É de morcego.

[Mostra para as outras crianças] essa fruta aqui é de morcego.

Letícia: o gente caiu mais um ali. Caiu, caiu, caiu, corre.

Saem todos correndo para longe da árvore. Algumas delas encontram o morcego que está no chão perto da árvore e vão observar,

Leonardo: ó o dente dele. Ele morde.

Rafael: cadê o dente dele? Morreu gente!

Leonardo: morreu não! Ele deve ter chupado uma pessoa, ou chupou um macaco.

André começa a jogar castanhas no morcego.

Leonardo e as outras crianças gritam mandando ele parar.

Para! Leonardo fica [bravo] e se dirige as outras crianças.

Leonardo: deixa o bichinho [grita mais alto] deixa o bichinho, paraaa.

Letícia-Amanda: vão sair daqui.

Pedro: a mãe dele já tá vindo.

Outras chegam e se juntam para tentar matar o morcego.

Letícia: o que foi gente? Sai daí.

Leonardo: vai ganhar uma com isso aqui ó, na cara. [Rodando um telefone de brinquedo].

Leonardo: André, André.

Chamando André.

Felipe: a mãe tá vindo.

Pedro: tão com medo de morcego?

Leonardo pega o telefone de brinquedo que estava na mão de Pedro e tenta bater nas crianças que se aproximam do morcego que está no chão. Se abaixa para olhar o morcego que está com areia em cima e pergunta,

Cadê o morcego? Ele já morreu!

Letícia: Rafael viu um morcego voando ali hein.

[Apontando para a árvore].

Rafael: an eu vi uma coisa voando ali.

Letícia vai correndo contar para o grupo de crianças que observa o filhote do morcego caído no chão: Rafael viu uma coisa voando ali ein!

Leonardo se levanta e [sai correndo gritando]: aaa é o pai dele!

Letícia, Pedro, André, Amanda e Rafael, discutem em uma roda como o morcego caiu da árvore, fazendo gestos. ()

Pedro: ainda bem que eu não taquei nada nele.

Rafael: nem eu!

Ao lado no gira-gira brincam algumas crianças e é possível observar também a conversa que acontece entre Carol, Miguel, Fernanda e Rita,

Miguel: eu empurro.

Fernanda fala com Leonardo que aparece perto do gira-gira: você ta com quatro anos, vai fazer cinco? Então você vai empurrar.

Leonardo: não, tô com quatro [fazendo o número quatro com os dedos].

Rita: ta com cinco, é mentira! Carol não bota o pé no chão.

Felipe chega na brincadeira e se senta em um dos espaços que está vazio, perguntando: posso brincar?

Rita: Felipe, não, não bota o pé no chão! Então quem vai empurrar é Felipe.

Não brincam e saem correndo atrás das outras crianças que estavam observando o morcego e passam correndo.

Rita vem até mim e fala: o tia eles estão mexendo! Eles botaram a mão no vampi... no no morcego, eles.

As crianças que estavam observando o morcego levantam e vão correr. Passo a filmar as crianças que voltam a brincar no gira-gira, no brinquedo de girar Miguel fala com Fernanda,

eu empurro você, [Levantando do brinquedo para empurrar].
Ao ver Carlos se aproximando senta e pede: empurra a gente, vem Paula, vem Paula. André começa a empurrar.

Miguel: espera André! espera Paula, Espera Paula.
Chamando Paula.

Fernanda: Paula, Paula. Alguém empurra a gente aqui.
André empurra as crianças que estão no gira-gira.

.. ..

Brincam próximo ao gira-gira um grupo de crianças: Pedro, Letícia, Amanda, Paula, Leonardo e Luana. Gabriel se aproxima do grupo que está sentado brincando na areia e fala,

gente eu vi uma coisa voando na árvore ele foi para aquela árvore de novo,

Leonardo: que árvore? Aquela de novo. [Apontando pra árvore].

Leonardo: agora é a mãe dele.

Gabriel e Leonardo vão conferir na árvore.

[Leonardo volta na roda onde as crianças estão brincando] e fala: eu vi um morcegão, é um morcegão, é um morcegão, é um morcegão, lá na árvore.

Pedro: o doido, oh os outros filhotinho de morcego.

Letícia: cadê? Cadê? É mesmo, é mesmo eu to vendo a asa Paula. [Batendo palmas e eufórica] tem morcego ali ó, [apontando para a árvore].

Pedro, Leonardo, e Felipe tentam subir na árvore, mas não conseguem e voltam a brincar na areia.

5.2.9 Brincadeira de bebe

Na sequência, Letícia volta para brincar na areia observando as crianças que estão na roda brincando, vigiando quem pediu e quem não pediu para brincar,

Letícia: Leonardo não pediu, Leonardo não pediu.

Amanda: Leonardo não pediu, Luana já pediu! Luana já pediu!

Paula-Leonardo: Leonardo quer ser o bebe? Leonardo que é o bebe! *Paula avisa as outras crianças.*

Letícia aponta para Gabriel e diz: Gabriel não pediu.

Gabriel então pede em seguida: eu posso brincar? Eu posso brincar?

Ninguém responde.

Letícia: o Paula, Gabriel ta pedindo pra gente, brincar.

Paula: o que? Quer brincar?

Gabriel [balança a cabeça dizendo que sim].

Letícia coloca um copo descartável na boca sujo e Paula [grita]:

Letícia, não!

Paula-Gabriel: vai ser o cachorro brabo.

Letícia: quem que vai ser o cachorro brabo?

Paula [apontando para Gabriel]: ele.

Paula: pega eles cachorro.

Letícia repete: pega eles cachorro.

[E saem correndo em direção as outras crianças].

.. ..

5.2.10 O pai e a mãe do morcego

O brincar nos fala muito sobre a criança, uma vez que é uma ação inseparável da mesma. Assim nas cenas filmadas nessa pesquisa percebe-se a presença de diferentes linguagens da criança durante o brincar, embora muitas vezes não sejam levadas em consideração na vida cotidiana, especialmente na Educação Infantil.

A linguagem infantil abrange dois tipos distintos: uma que envolve gestos, movimentos, mímicas que por sua vez acompanham a palavra, e outra formada por palavras pronunciadas (PIAGET, 1999a). A criança assim se expressa e se comunica através de diferentes linguagens.

O movimento do corpo além de ser a primeira forma de expressão, porque quando a criança ainda não fala ela é capaz de se movimentar, é uma forma de comunicação e conhecimento, pois a permite realizar a exploração do espaço, conhecer o mundo através do seu corpo e manipular objetos, assim a criança é quem dá sentido ao brincar. Sendo assim, toda linguagem é importante e deve ser respeitada nas etapas de desenvolvimento da criança, pois,

para se adaptar ao mundo, para resolver problemas, para agir sobre o mundo, transformando-o, o sujeito constrói movimentos corporais específicos, dirigidos para um fim e orientados por uma intenção: são os

esquemas de ação. É por esses esquemas que o ser humano se expressará em todas as ocasiões de sua vida. Como a criança não desenvolveu ainda o privilégio humano de representar por imagens suas experiências práticas, é nesta primeira fase de desenvolvimento em que por absoluta necessidade, formam-se todas as possibilidades básicas de movimentação corporal (FREIRE, 1997, p. 33).

Na cena transcrita abaixo podemos analisar e perceber vários aspectos que representam as características da linguagem da criança, através do que vai sendo vivido e conversado entre elas.

As crianças fazem uma roda embaixo de uma árvore no parque e se abaixam em volta de um morcego no chão para observa-lo de perto,

Leonardo: ó a barriga.

Miguel: eu peguei na asa dele.

Leonardo: cadê? Morreu ou não? Tá vivo Miguel!

Felipe: oi gente, qualquer coisa a gente leva ele outro lugar, outro lugar, outro lugar.

Leonardo: ó mexe na cabeça.

Pedro fica jogando areia aos pouquinhos em cima do morcego, pra ver se ele mexe. Um deles grita: a mãe tá vindo, e todos saem correndo como se estivessem com medo da mãe do morcego,

Leonardo: a mãe ta vindo!

Leonardo: a mãe dele.

As crianças ficam correndo pelo parque e Miguel pega o filhote de morcego para jogar no lixo que tem no parque. Felipe e Leonardo vão jogar e voltam para debaixo da árvore,

Pedro: a mãe dele tá vindo, a mãe do morcego ta vindo.

Leonardo: a mãe do morcego ta vindo.

Pedro: a mãe do morcego ta vindo.

Rafael: a mãe do morcego ta vindo!

Beatriz: nós vão matar a mãe do morcego também né be?

Rafael: é! Ó o pai vem pegar você. E enche vocês de sangue também.

As crianças conversam enquanto brincam de fazer bolinhos de areia e cavando. Enquanto as crianças cavam, André joga areia no buraco duas vezes para provocar

as crianças, as mesmas se levantam e saem correndo atrás dele, e voltam para continuar a brincadeira,

André separa um baldinho de brinquedo e fala: vocês vão fazendo e pegando as bolinhas e colocando aqui dentro.

Gabriel chega gritando para as crianças que brincam: gente, gente a mãe e o pai do morcego tá vindo, gente a mãe e o pai do morcego tá vindo.

Rafael: cadê menino?

André abraça Rita e ela pede a Paula ajuda para ele soltá-la. Leticia se levanta e vai lá ajudar, ele solta depois abraça de novo. Leticia vê, separa os dois e fala chamando a atenção de Rafael,

o rapaz, ham. Batendo nele com a pá,

Gabriel chega no grupo de crianças gritando: eu vi alguma coisa voando, eu vi alguma coisa voando. Gente a mãe e o pai, o morcego tá vindo! A mãe e o pai do morcego tá vindo!

Rafael: o morcego!

Leticia: o morcego, olha lá o morcego.

Amanda: toda família [saem todos correndo gritando] para perto da professora.

A professora fica de longe observando as crianças correndo no parque e fala com as mesmas: ó tá vindo aí ó! Quem foi que matou o filhotinho dela? A sua sorte é que ela não gosta de dia, ela só gosta de noite.

Cuidadora: ela veio pra pegar vocês! Miguel mesmo que ela vai pegar, a mãe.

Miguel me pergunta: cadê a mãe morcego?

Pesquisadora: acho que está na árvore.

Gabriel: Miguel, Miguel. Vai aparecer no ninho. Miguel vai correndo atrás de Gabriel. Logo após Paula pergunta para mim: onde tá o morceguinho que tava aqui?

Pesquisadora: Miguel jogou no lixo.

As meninas vão até o tambor de lixo que Miguel jogou o filhote e tentam procurar o filhote que Miguel jogou na lixeira do parque,

Leonardo começa a gritar: a mãe morcego tá vindo, a mãe morcego tá vindo, e as outras crianças gritam ao mesmo tempo repetindo.

Leticia: os morcegos, corre! [Saem todos correndo].

Fernanda me pede para balançar ela no balanço: o tia me balança lá no balanço.

Pesquisadora: pede pra Miguel ou alguém, porque eu to filmando vocês brincarem.

Enquanto algumas crianças correm e brincam em grupos, Paula, Carol, Miguel, André, Luana e Letícia, vão até a lixeira em que Miguel jogou o morcego e tentam derrubar a lixeira, até que derrubam.

Miguel: ai meu pai.

Eu vou até a lixeira e peço Leonardo para me ajudar a levantar a pedido da professora que observa as crianças de longe, para elas não mexerem no lixo,

Leonardo: eu não! Tá sujo!

O grupo de crianças que eu estava filmando se dispersa pelo parquinho correndo. É notório que o movimento, a expressão corporal e a linguagem são características presentes na vida da criança desde o nascimento e principalmente ao brincar, mas observa-se que o brincar muitas vezes não é considerado como importante para a criança e o seu desenvolvimento, mas é utilizado como recompensa das atividades, e um estímulo para que as crianças cumpram as atividades propostas em sala, foi possível observar essa situação enquanto esperava, o momento do parque para filmar as crianças.

5.2.11 Brincadeira no balanço

No balanço estão brincando de balançar penduradas de barriga para baixo: Fernanda, Carol e Paula, ao se balançar falam 1,2,3 e já, todas as vezes que pegam impulso para balançar. Repetem por quatro vezes,

Beatriz dirige a fala a mim: o tia vou ir de costas, agora de lado.

Fernanda: to igual um passarinho: piu, piu, agora igual um urubu,

Fazendo a imitação do som do urubu.

Fernanda: agora igual um pintinho piu, piu, piu, agora igual um lobo. Não! Agora assim um lobo, agora um lobo auuu, auuu.

Carol: agora assim: moom, moom, moom.

Fernanda: agora um porco, *tentam imitar o som do porco.*

A professora que está um pouco distante observando a brincadeira das crianças no balanço pergunta: esse aí é o que?

As crianças começam a rir com a pergunta da professora.

Felipe que está atrás das crianças sai correndo em direção a árvore, as demais crianças que estão por perto vão correndo atrás dele, inclusive as que estavam no balanço, e Felipe avisa,

a mãe ta vindo!

Rafael: a mãe dele ta nascendo, ovos.

Felipe: a mãe dele ta viva! Não ta morta!

Letícia que está ao lado [aponta para Leonardo]: fica aí quieto. Na brincadeira na areia.

Amanda chega falando com Paula que é a mãe na brincadeira: o tia, o mãe.

Amanda fala provocando Paula: sua feia, horrorosa, sua feia horrorosa, sua feia horrorosa.

Paula sai correndo atrás das crianças.

.. ..

Parei essa filmagem para filmar um grupo de meninos que brincavam de carrinho próximo ao balanço, o que originou outra cena descrita a seguir.

5.2.12 Jogo Simbólico

Leonardo, Pedro e Gabriel, brincam com o carrinho e boneco e cavam por alguns minutos sem conversar. Leonardo fica observando atentamente Gabriel brincando com o boneco. Aproximam-se outras crianças, Paula, Miguel, Letícia, Amanda e Luana. Paula se agacha perto dos meninos baixinho e fala,

vão bora, vão bora brincar.

Em uma brincadeira alguns meninos estão brincando de carrinho, estão ao lado Paula, Letícia, Amanda e Luana, em um dado momento outro grupo de crianças chega apelidando gritando as crianças que estavam no local brincando,

suas feias tam tam tam, suas feias tam tam tam, suas feias tam tam tam. *A cuidadora que está perto chama a atenção das crianças:* ei, para! A mulher ta filmando, vocês não tão vendo não?

As crianças continuam. E a cuidadora chama a atenção novamente: gêmeas!

Chamando a atenção de Letícia e Amanda

As crianças não param e a professora interfere.

Professora: ei pode ir parando, Letícia e Amanda, que isso?
Por que vocês não vão brincar?

Cuidadora: manda sentar.

Letícia: a gente tá brincando!

Professora: é! Mais elas duas não. O Letícia e Amanda, brincando!

Letícia chama Paula para saírem dali: vem Paula.

Pedro: eu vou brincar Paula.

Paula: eu também vou brincar.

Letícia fala gritando pra Paula que é a mãe na brincadeira: mamãe vem cá me pegar, mamãe vem cá me pegar. [E saem correndo pelo parque].

Pedro, Miguel, Leonardo brincam na areia, decidindo os personagens para a próxima brincadeira.

Pedro: eu sou o filho mais velho.

Leonardo: sou o pai.

Pedro: nada a ver, é Miguel, né Miguel que é você que é o pai?

Miguel: é!

Pedro: eu sou o filho mais velho. E Miguel é o filho mais velho.

[Fala pulando os pneus]

Pedro: Miguel quer brincar com isso aqui?

Um cartão de crédito, dá pra gente brincar com isso aqui né? Né?

A alternativa sugerida pela cuidadora à professora nesta cena, de “mandar sentar”, é quase sempre utilizada para que determinado comportamento da criança pare, percebe-se que não há uma compreensão em relação a criança, e a linguagem infantil não é considerada. O desenvolvimento, assim é guiado e atribuído do ponto de vista do adulto, sendo desprezadas as características e expressões da criança.

Segundo João Batista Freire (1997) as crianças sofrem consequências dos equívocos da educação desde cedo, já na pré-escola. Essa questão da restrição ao movimento, desse modo, não se dá apenas no ensino fundamental, mas desde a educação infantil, tudo isso em busca de uma educação que conduza a criança de forma segura para escola e para a vida, onde as crianças têm suas ações reduzidas e conduzidas em uma educação tradicional.

Na escola tradicional, se exige a imobilidade e o silêncio, visando uma aprendizagem, acreditando que a criança ou o aluno aprende sentado, sem fazer barulho.

Na continuação da brincadeira, Pedro levanta e dança para os meninos, e depois em frente a árvore, as meninas continuam na brincadeira correndo de Paula, gritando mamãe vem cá me pegar, mamãe vem cá me pegar,

Miguel brinca de encher o balde de areia, e Gabriel grita do outro lado do parque: Miguel, Miguel, peguei.

Miguel: ta bom bota ela pra cozinhar pra mim,

E continua brincando com o balde junto com Pedro. Pedro pega o telefone de brinquedo põe no ouvido como se fosse fazer uma ligação e diz,

vou ligar para o conselho tutelar,

Pedro levanta com o telefone no ouvido falando: conselho tutelar?

Para em frente a Gabriel como se ele fosse o conselho tutelar e fala: pega aquelas ali ó, as gêmeas. Letícia e Amanda.

Gabriel levanta e finge que está dirigindo um carro: iu iu iu iu, *Pedro vai ao lado de Gabriel e fala:* ei eu liguei para o conselho tutelar.

E fala para Paula: o conselho tutelar vai pegar elas.

Paula: pega elas aí!

Pedro e Gabriel chegam perto de Letícia que está brincando na gangorra.

Gabriel-Rafael: você tem que correr!

[Gabriel corre atrás de Letícia saindo do foco da filmagem e volta imitando o carro do conselho tutelar: iu iu iu iu iu iu, e Pedro fica ao seu lado com o telefone no ouvido].

.. ..

Na outra parte do parque algumas crianças falam sobre o morcego, não aparece nas filmagens mas é possível ouvir o áudio captado pela câmera,

Felipe [grita]: Rafael o morcego ta vindo! Olha aqui, olha aqui!

Surge o assunto da mãe morcego novamente.

Passo a filmar esse grupo de crianças.

Letícia grita: a mãe morcego, a mãe morcego a mãe morcego.

Rafael: a mãe morcego, a mãe morcego, ali a mãe morcego.

Felipe: o gente a mãe do morcego!

Luana a apontando para árvore: a mãe morcego!

Letícia grita: a mãããããeeeeee do morceeeeeeoooo Annaaaaa!
Vem cá!

A professora entra no diálogo e fala com as crianças: ainda a mãe do morcego? O morcego não faz nada de dia porque ele não gosta da claridade do dia!

Letícia: ó lá, ó lá.

Miguel estava sentando brincando com Leonardo e André se levanta e vai até onde estão as crianças para ver o morcego,

Felipe: ta descendo! A mãe do morcego ta descendo!

Leonardo: vem Miguel, aqui!

Chamando Miguel para brincar na areia.

Fernanda que está no balanço fala comigo: o tia tira foto da gente, o tia tira foto da gente tia.

Pesquisadora: vou filmar vocês um pouco então no balanço!

Filmei as crianças que ficaram se balançando e depois direcionei a filmagem para um grupo de crianças que brincam na areia.

5.2.13 Disputa pelo lugar para brincar

Brincam na areia: Miguel, Pedro, Leonardo, Beatriz e André,

Paula chega e fala: a gente tava brincando aqui primeiro!

Leonardo: então vem Miguel, vem pra outro lugar,

Pegando os brinquedos e se levantando

Miguel: não, e faz cara de [zangado] para Paula.

Paula: Miguel tava brincando comigo né?!

Miguel: É!

Leonardo volta e fala com Miguel e Paula que estavam colocando os pés em um buraco que ele tinha feito na areia,

não é pra pôr o pé aí dentro.

E as crianças tiram o pé do buraco e continuam conversando,

Paula: Pedro também tava brincando comigo, né Pedro?

Miguel: eu também!

Leonardo e Paula disputam uma pá pra brincar, Paula puxa até que Leonardo desiste.

Miguel: Paula, aqui você tem que ir até cachoeira, *apontando para o buraco que estão fazendo na areia.*

[Em seguida Miguel entra dentro do buraco e Leonardo e André começa a enterra-lo].

André: vou te enterrar. [Enterram rindo].

Miguel de dentro do buraco grita para as meninas que brincam em outro grupo: vem meus nenéns.

Felipe que brinca ao lado chama a atenção das crianças: olha Miguel.

E as crianças que estão em volta começam a rir vendo Miguel enterrado na areia. Pedro chama Paula e mostra Miguel.

Paula: é a piscina agora de Miguel?

Paula fica rindo e também ajuda a enterrar.

.. ..

5.2.14 Oba! Ô aqui ta muito bom, aqui no parquinho!

Pedro já fora da gravação da câmera, sai correndo pelo parque e fala,

oba! Ô aqui ta muito bom, aqui no parquinho!

Paula levanta e mostra Miguel enterrado para um grupo de crianças que brinca ao lado.

5.2.15 Jogo simbólico

Letícia que brinca próximo faz de conta que o pai liga pra ela e fala, apresentando características do jogo simbólico,

papai tá ligando!

Pedro: é Miguel que ta ligando pra você.

Lembrando da brincadeira anterior em que Miguel era o pai. Pedro vai até Miguel e fala,

Miguel, aí ó se tava ligando pra ela.

Letícia senta-se perto de Miguel e fica olhando a brincadeira. Pedro brinca um pouco distante mas é possível ouvir sua voz na filmagem falando,

ó lá Miguel enterrado na areia meu pai, ó lá Miguel.

Apontando para as outras crianças que não estão participando da filmagem no momento.

Letícia e Pedro saem correndo. Leonardo, André e Miguel ficam brincando com a areia que fica em cima de Miguel.

Leonardo: deixa aqui, segurando um brinquedo que enterrou onde Miguel está enterrado.

O grupo de crianças continua brincando com Miguel enterrado, e Leonardo fala,

Miguel vai ficar doidão. *Miguel tenta sair do buraco e Leonardo fala: ah não, não, não.*

Miguel sai e as outras crianças disputam para entrar no buraco,

Letícia: deixa eu, deixa eu.
Leonardo: deixa eu, eu, eu, eu.
Leonardo pula dentro do buraco sem Miguel ter terminado de sair.
.. ..

5.2.16 As crianças brincando no portão

Enquanto filmava o grupo de crianças brincando na areia, algumas crianças brincam perto do portão olhando para rua e a professora chama a atenção,

vocês saem desse portão,

A cuidadora que auxilia a professora também,

se sair um tiro pega em vocês.
Professora: é! Ó [fala batendo palmas] eu não quero ninguém no portão, que vai que alguém passa aí correndo, pega vocês/ então ó/

5.2.17 O brincar como recompensa

Na filmagem de hoje, antes de irmos para o parque, ainda na sala, percebi um cartaz novo na sala, o cartaz com o nome “como estou hoje” com o nome dos alunos em sequência e os dias da semana, essa perspectiva como estou se refere ao comportamento, ou seja, como me comporto, comportamento ruim ou bom, que é classificado nas entrelinhas como quieto ou bagunceiro. Quem fica quieto ganha carinha feliz na frente do nome, do contrário a carinha vermelha brava. É uma forma de disciplinar a criança, e de certa forma ameaça-la em tirar o momento da brincadeira e o parque. Quem ganha a carinha vermelha é menos 5 minutos para brincar no parque, esperando sentado esse tempo enquanto as outras crianças brincam, se piorar o comportamento, menos 5 minutos e assim por diante.

O momento do parque que é o qual foi escolhido como o momento para as filmagens, é usado em algumas situações como um estímulo para a realização de atividades e recompensa como pode-se perceber em uma das falas da professora,

antes de irmos para o parque, vamos na última atividade, está acabando! *Se referindo a atividade xerocada.*
Quando terminar vocês estão livres, para o parque e para brincar.

Para ir ao parque as crianças tem que fazer fila, quando não se comportam na fila tem que sentar de novo e voltar depois, e tem que ficar “quieto” na fila,

Professora: quem não se comportar vai ficar sem parque.
Pedro [retruca balançando os ombros]: por mim eu não gosto dessa escola mesmo.

5.3 DIA 3

No terceiro dia de filmagem logo na chegada, ao chegarmos no parque, Miguel se aproxima de mim assim que início a filmagem e fala,

né que areia macia né tia? [Fala pisando descalço na areia do parque]. Macia essa areia! dá até pra afundar o pé.
As crianças se espalham no parque para brincar, neste dia Pedro foi para o balanço primeiro e a professora chama a sua atenção: eu falei pra você brincar o Pedro? Pode sentar!
[Pedro se levanta do balanço e vai sentar próximo a professora].
A professora chama mais alguns: o André, Gabriel e Felipe, é sentado aqui!
Tirando as crianças da brincadeira, pois haviam ficado de castigo.

Há muitas vezes a diminuição da ação da criança mesmo durante o brincar, que deveria ser uma ação livre. Como pode-se observar na cena acima.

Piaget traz em sua teoria que a criança é concreta, ativa e motora, porém na educação infantil, mesmo no brincar, no espaço do parque, essas características em muito não são consideradas.

Segundo Freire (1997) a criança é impedida em alguns momentos, de viver corporalmente, concretamente e por si mesma, os aspectos espaciais e temporais de que a infância é repleta.

Ao filmar outro grupo de crianças Leonardo inicia uma conversa comigo,

Leonardo-Pesquisadora: o tia pega a Didi um pouquinho, pega.
Fala me pedindo para pegar uma formiga que pegou na areia do parque.

Pesquisadora: quem é ela?

Leonardo: Didi é uma formiguinha, aí a Didi.

Passa a formiguinha para minha mão.

Pesquisadora: pega ela de volta agora.

Leonardo: ela não quer ir não. liii gostou da mão de tia, e agora? Ela gostou de você tia.

Pesquisadora: perai que ela vai sair!

Miguel: aqui Leonardo eu fiz um caminho pra Didi.

Mostrando um caminho que fez na areia.

Pesquisadora: quem foi que deu esse nome pra ela?

Leonardo: eu! Aqui a Didi subindo.

Miguel: aqui Leonardo eu fiz um caminho pra Didi.

Miguel mostra um caminho que havia feito na areia para colocar a formiga. Enquanto isso, algumas crianças ao redor estão com um esqueleto de brinquedo na mão, e brincam de escondê-lo de outro grupo de crianças.

Letícia e Paula passam [correndo e gritando]: cadê o esqueleto, cadê o esqueleto?

Algum tempo depois Paula aparece correndo com o esqueleto na mão. Letícia pega e sai correndo. As demais crianças correm atrás para pegar, desfazendo assim o grupo de brincadeira.

5.3.1 Construção do formigueiro

Leonardo brinca na areia de construir um formigueiro e eu passo a filmá-lo,

e ele me pergunta: que foi tia que você ta filmando eu?

Pesquisadora: você brincando!

Leonardo-Miguel: tenta achar uma formiguinha.

Miguel brinca de correr com as outras crianças e fica de castigo sentado.

Professora: o Gabriel quer voltar pra cá?
Chamando a atenção de Gabriel.

Paula, Rafael e Letícia recolhem alguns brinquedos para brincar na cozinha que estão na areia do parque e Leonardo continua brincando de construir um formigueiro na areia,

Leonardo: eu to fazendo a casinha da minha formiga, aqui que ela vai morar.

Pedro: mas cadê ela? Se elas for beber água Leonardo, elas vão afogar.

Ficou fundo o buraco que Leonardo cavou.

Pedro dar risadas e imita uma formiga se afogando: afoguei, afoguei. Aí você vai levar elas pra sua casa?

Leonardo: não eu vou deixar ela aqui com os amigos dela.

Pedro: aqui, vou fazer um buraco.

Leonardo: faz um buraco aí e segura o telhadinho.

[Pedro se levanta e fala]: Leonardo eu vou caçar outra formiga.

Pedro retorna [chateado]: não consegui pegar a formiga.

E ajuda a Leonardo continuar construindo o formigueiro de areia.

Em seguida faz um buraco na lateral do formigueiro e Leonardo fala: não! Faz não, vai fugir. Fecha esse buraco!

Fechando todas as entradas do formigueiro para as formigas não saírem.

Pedro: ta ficando bonito né?! [Levanta e sai].

Leonardo fica modelando o formigueiro

Fernanda chega e abaixa perto do formigueiro: que se ta fazendo? Deixa eu alisar aqui. [Alisando uma das partes do formigueiro].

Leonardo: não! É o murinho, é coisa do formigueiro. Eu vou fazer junto com Pedro.

Fernanda: eu to fazendo liso!

Pedro chega: ei não, não é pra tampar os buracos. *E começa a fazer um buraco com o dedo no meio do formigueiro e fala:* ei, ei, ela gosta de buraco assim no chão Leonardo.

Letícia chega de repente correndo com a caveira na mão e joga dentro do formigueiro que as crianças estavam fazendo, estragando tudo e falando,

esconde essa caveira aí! Enchendo o formigueiro de areia para cobrir a caveira.

Leonardo [fica bravo e grita]: para! Aí, se destruiu nosso formigueiro [decepcionado].

[Letícia pega a caveira e sai correndo de novo, Rafael vai atrás dela].

Pedro: cadê a caveira?

Fernanda: a caveira ta lá com Letícia e Amanda! Não! Ta com Paula.

Observam as outras crianças brincando com a caveira, depois Voltam a fazer o formigueiro novamente na areia.

[Miguel se aproxima fazendo uma bolinha de areia na mão]: ah, ó dá pra colocar um negocinho aqui ó.

Pedro: não! Você não sabe o que que nós tão fazendo.

Heitor: um muro de formigas.

Miguel: ó que legal assim Leonardo!

Mostra a bolinha de areia que colocou na frente do formigueiro

Pedro: não! [Desmanchando a parte que Miguel fez].

Leonardo: aqui ó, o buracão aqui ó!

No decorrer da cena acima em que as crianças constroem um formigueiro, as mesmas sinalizam a linguagem socializada, pois fazem juntas o formigueiro levando em consideração a opinião e fala do outro, fazendo perguntas, questionando e ainda levam em consideração os aspectos do formigueiro que está sendo feito, em relação a formiga. Pedro ao expressar que se as formigas forem beber agua no buraco feito por Leonardo iriam se afogar, observa que o buraco ficou fundo. Percebe-se que há uma interação e troca de pensamentos entre as crianças.

Durante a brincadeira tem um grupo de crianças que grita muito alto e a professora chama a atenção,

ó vou colocar esse grupinho sentado, ta tendo aula na sala de tia fadinha, eu ein, brincar é uma coisa, gritar é outra. Ouviram né?! Brincar, não é essa bagunça não!

O brincar na teoria Piagetiana nomeado como jogo, é considerado fundamental para o desenvolvimento da criança, e vivido por ela desde que entra na vida. O brincar assim não acontece de maneira organizada e “sem bagunça”, é movido pela ação e necessidades da criança, a professora ao chamar a atenção da criança e mencionar que “brincar é uma coisa, gritar é outra! Brincar não é essa bagunça não!” nos leva ao entendimento de que no brincar a criança não deve bagunçar, existindo nesse contexto um equívoco em relação a criança e seu brincar.

Um dos aspectos que João Batista Freire (1997) faz menção é que nós possuímos e é construída socialmente algumas concepções de como é uma criança e o comportamento apresentado por ela, como por exemplo: ela se arrasta, engatinha, corre, pula, joga, fantasia, faz e fala coisas que os adultos, nem sempre, compreendem.

Vale ressaltar, a fala do autor, de que os adultos nem sempre compreendem o que as crianças fazem e falam, e por de fato não compreender, não veem a criança e sua construção, não atribuindo valor e respeito a ação realizada pela criança.

Outra brincadeira das crianças ao lado com a caveira chama a atenção, elas correm gritando: cadê a caveira? Cadê a caveira? Cadê a caveira? As crianças que esconderam ficam cantando para as outras crianças que estão procurando a caveira. Leonardo, Pedro e Fernanda, param para observar a brincadeira depois voltam a fazer o formigueiro,

Leonardo: eu to fazendo muito alto, olha o tamanho do meu!
Olha, olha, olha o tamanho!
[Fala fazendo o muro do formigueiro]
Pedro: ó vocês sabe ein, fazer formigueiro!
Fernanda: elas não vão cavar né?
Pedro: an be essas bixa é forte! Se elas mete o chifrim delas aqui ó.
[Pedro levanta para arrumar o final do formigueiro].
Pedro: eu sei onde tem muitas formigas, vou num lugar.

Pedro sai da brincadeira para procurar formigas.

5.3.2 Felipe pede para brincar com um grupo de crianças

Segundo Kamii (1991) o desenvolvimento da linguagem na abordagem piagetiana, não acontece independente das relações sociais com outras crianças, com adultos, com o meio e do processo de construção do pensamento.

Outro aspecto que podemos perceber que acontece com frequência durante o brincar da criança e que indica esse tipo de linguagem é quando a criança pede permissão ao outro para brincar, e espera a resposta, como na fala de Felipe,

Felipe se aproxima de Leonardo perguntando: Leonardo posso brincar com vocês?

Leonardo: não! a gente ta fazendo um trabalho.

Felipe: eu sei! Mais eu posso ajudar?

Leonardo: não!

Fernanda: e eu já tava aqui!

Paula chega [batendo palmas] e chamando Felipe: Felipe, Felipe, vão.

Felipe [acompanha Paula correndo].

Pedro retorna com uma formiga na mão e falando com a formiga: para se ta me mordendo!

E joga ela no chão perto do formigueiro. [Se abaixa e começa a cuspir dentro].

As crianças começam a rir e falam: eca Pedro!

No outro canto do pátio onde as crianças sempre brincam de cozinha nota-se as crianças gritando: vem tia! Vem tia! Vem tia! Vem tia! [Batendo palmas].

A Professora vai até onde as crianças estão, e as crianças começam a cantar parabéns. Leonardo, Pedro, Miguel e Felipe continuam fazendo o formigueiro. Algumas crianças em volta jogam areia uma na outra e a Professora chama a atenção,

Professora: ei pode parar! Quem eu ver agora jogando areia vai ficar sentado até a hora de ir embora!

Miguel grita: vai ficar de castigo! Vai ficar de castigo! [Levanta e fala]: ah vou lá brincar um pouquinho.

Na continuação da cena, a linguagem socializada se repete, além de pedir autorização para brincar o que demonstra características deste tipo de linguagem, Leonardo impõe uma condição para que André possa brincar, pedindo para isso uma formiga que na presente brincadeira é do seu interesse, e também de Fernanda que concorda com a condição imposta por Leonardo,

Pedro chega novamente onde as crianças ainda estão fazendo o formigueiro e fala: Leonardo a casa da minha vai ser aqui!

Felipe chega na brincadeira.

Fernanda-Carol: Miguel tá brincando lá! Você não! Porque você é muito chata!

Colocando areia no formigueiro fala: é meu, de Pedro e de Leonardo! né Leonardo?

Carol fica observando por um tempo quieta e sai, com a expressão [chateada].

André chega e também pede para brincar: deixa eu brincar com vocês?

Fernanda: não!

Leonardo: só se achar uma formiga!

Fernanda: é!

Leonardo: achar uma formiga pra colocar no formigueiro!

André coloca a mão no formigueiro um pouco, colocando areia e Leonardo proíbe: não! tem que achar uma formiga.

Mas acaba deixando André brincar sem pegar a formiga.

Felipe volta: eu vou fazer minha casinha aqui ó, na outra parte do formigueiro, é grandona!

Chega perto e pergunta: o que que vocês tão fazendo?

Leonardo: um formigueiro!

Fernanda: uma casa!

Leonardo: não! Um formigueiro! Esqueceu?

Fernanda: vou fazer um rio, eu vou fazer um rio! E começa a cavar ao lado.

Pedro: não! Tem que fazer formigueiro!

Leonardo: deixa ele fazer o rio!

Fernanda: é pras formigas morrer. É, lá na minha casa tem muita formiga pequeninha e grande! Tem grande, tem pequena!

Pedro começa a jogar areia sobre o formigueiro: elas gostam de chuva de areia! *Gustavo chega na brincadeira perguntando:* uma torre?

Falando sobre a casinha que Fernanda fez

Fernanda: é da gente! É porque você chegou agora.

[Pedro levanta]: deixa eu testar, sai aí Leonardo,

E pula sobre o formigueiro de um lado para o outro, e Gustavo o imita.

Fernanda, Leonardo e Miguel continuam construindo o formigueiro na areia.

Leonardo: olha a minha casinha de formiga.

Fernanda fez uma torre de areia ao lado do formigueiro

Miguel faz um bolinha e pergunta: Já pensou botar isso? Um uma bolinha aqui em cima?

Fernanda: Na, na, na, na, não.

Miguel: la ficar muito bonitinho! E coloca assim mesmo.

Fernanda grita: nãoooo! Me dá, me dá, me dá, e pega da mão de Leonardo rindo.

.. ..

Pedro pega um porco de brinquedo, mexendo na areia começa a falar,

ela vai peidar, cagar, peidar, cagar.

Fernanda e Leonardo começam a rir.

Fernanda: e mijar, se esqueceu?

Miguel: é mesmo! Vou fazer um vaso.

Fernanda aponta para a torre que ela fez ao lado do formigueiro e fala: aqui é um vaso!

[Os dois ficam dando risadas].

Miguel faz um burquinho na torre e diz: esse daqui é o das meninas!

Rita se aproxima das crianças: eu posso brincar também?

Fernanda: sim! Rita pode!

Miguel: cadê a formiguinha do Leonardo? Cadê?

Pedro: Miguel não! Miguel não!

Miguel: Leonardo perdeu?

Pedro: é!

Miguel: Leonardo cadê sua formiga?

Leonardo: eu perdi!

Em um momento, enquanto filmava este grupo de crianças construindo o formigueiro e procurando formigas no parque; no brinquedo ao lado, no gira-gira, as crianças que estavam nele começam a gritar chamando a atenção: peru, peru, peru! Se referindo ao pênis, estavam olhando e falando de Felipe, que estava bem próximo ao banco do gira-gira fazendo atrito do pênis no brinquedo, enquanto alguns olhavam. Virei a câmara para filmá-los, e ver do que se tratava os gritos, quando virei para filmar ele parou [constrangido, dando uma risada, e abaixando a cabeça], dizendo,

iii a tia... [com risos tímidos] ao perceber que eu estava filmando.

Felipe sobe no brinquedo novamente e volta a brincar de girar. Eu voltei a filmagem para as outras crianças que continuam brincando no formigueiro,

Fernanda construindo e moldando a areia fala com Pedro: Pedro você destruiu o banheiro de ela cagar e mijar e peidar. [Risos].

Pedro: Leonardo a minha vai ser baixa a sua vai ser alta [cavando o buraco]

5.3.3 Eu vou fazer um parque!

Podemos observar na situação da descrição a seguir a linguagem infantil. O monólogo das crianças apresentado abaixo apresenta inicialmente a fala egocêntrica quando Leonardo narra a sua ação “eu vou fazer um parque”, e Pedro

retruca sem compreender o ponto de vista de Leonardo afirmando que “já estão no parque”. Leonardo tenta explicar dizendo que é para se fazer o parque das formigas de areia, e Fernanda com a mesma compreensão de Pedro fala “então, a gente já ta no parque!”

Brincando na areia,

Leonardo fala: eu vou fazer um parque!
 Pedro: é mesmo vou fazer um parque!
 Leonardo: vamos cavar um buraco e vão fazer.
 Pedro: ei nós já tão no parque.
 Leonardo: é o parque das formiga, eu to falando!
 Fernanda: então, a gente já ta no parque!
 Pedro: é!
 Leonardo grita: de formiga eu to falando!
 Fernanda insiste: então! A gente já ta no parque!
 Pedro: isso aqui é parque de todo mundo, até de formiga.
 Leonardo: tem que fazer um parque. Não! [Levanta gritando nervoso]. Eu, ninguém ta me/ pra fazer um parque de formiga, de formiga.

Dá a entender que iria falar que ninguém está entendendo o que ele quer dizer. Volta a cavar falando com Fernanda,

vão fazer um parque de formiga
 Leonardo: faz um parque pras formigas, que tal Pedro?
 Pedro: ah ela já falou que nós já tão no parque. [Irritado].
 Leonardo: de formigas [gritando nervoso] *porque nenhuma das outras crianças que brincavam com ele estavam compreendendo o seu ponto de vista, que é para fazer um parque para as formigas.*
 Fernanda: então a gente já ta no parque!
 [irritada também].
 Leonardo grita: de formiga!!! Um parque de areia.

Na continuação da conversa citada abaixo, Leonardo se irrita porque as crianças não entendem o que ele quer dizer, e tenta explicar de forma que as crianças compreendam o seu objetivo que é construir um parque para as formigas de areia, a partir desse acontecimento a conversa entre as crianças se torna socializada,

Leonardo [irritado] porque as crianças não compreenderam dirige a palavra a mim,

o tia parece que tão surdo, não tão ouvindo nada, e *começa a fazer na areia falando*: olha tem que ser assim, me ajuda a fazer um parque de formiga pras formiguinha brincar.

Pesquisadora: você quer fazer um parque para as formigas né Leonardo?

Leonardo: Ahram, a gente vai achar várias formigas.

Fernanda: é, pra gente! Na minha casa tem areia, lá na minha casa tem areia.

Miguel chama Leonardo para brincar, e ele responde dizendo que não.

Fernanda: nãooooo, ele não vai mais brincar com a gente.

Leonardo: vem aqui Luiz.

Luiz vai até Leonardo.

Fernanda: se você brincar lá de novo, não vai brincar mais com a gente.

Pedro vem e fala com Leonardo: a gente precisa de você pra um negócio vem! *Leonardo não entende.*

Pedro repete: a gente precisa de você pra um negócio, vem!

Leonardo deixa a brincadeira do formigueiro e vai com Pedro.

Fernanda: Leonardo por que não vai brincar com a gente não?

Leonardo chega em um grupo de crianças que estão brincando e pergunta:

Que negócio? Que negócio? [Se abaixa e ajuda as crianças fazerem alguma coisa na areia] e *volta para onde fez o formigueiro.*

Fernanda: eu vou fazer igual desse daí ó. [Aponta para o giragira].

Leonardo: faz um parque de formiga também!

Fernanda: vou fazer pra ela ali ó, aponta para uma das crianças que não participa da filmagem no momento.

Leonardo: faz um escorregador também, faz tudo no parque de formiga.

Fernanda: e o balanço?

Leonardo balança a cabeça dizendo que sim.

Fernanda pergunta: mais como? [Rindo] e sem saber como fazer, pergunta pra Leonardo mexendo na areia: assim? Abrindo aqui?

Leonardo: de balançar, faz na areia, tenta fazer! Eu to fazendo a bolinha de girar!

Leonardo quer fazer um parque para as formigas de areia, as crianças por já estarem no parque entendem que já tem um parque e que elas já estão nele.

Na linguagem socializada, diferentemente da egocêntrica, a criança troca pensamentos com os outros, seja informando o outro de qualquer coisa que possa

interessar a ele, seja em uma discussão, ou mesmo na colaboração em busca de um objetivo comum (PIAGET, 1999a).

Observa-se, portanto, que a linguagem egocêntrica e socializada, bem como a expressão corporal predominam as ações da criança durante o brincar.

Encerro a filmagem, pois estava perto de acabar o tempo das crianças no parque.

5.4 DIA 4

5.4.1 Desenhos e Conflitos

Miguel e Leonardo estão sentados brincando na areia fazendo bolos e desenhos Miguel fala comigo sobre o seu desenho,

tia eu fiz um formigão,
Luan chega na brincadeira e estraga o que Leonardo estava fazendo.
 Leonardo: para Luan, sai daqui!
Luan joga areia em cima, e sai, volta e pisa no que Leonardo fez.

Miguel para defender empurra Luan e começam a se empurrar [brigando],

Leonardo começa a fazer construções na areia novamente, e Pedro que brinca ao lado com baldes fala: eu vou destruir [risos].
Leonardo não fala nada e Pedro fica o observando, levanta e vai até ele.
 Pedro: Leonardo, eu tô falando, ó aqui é lugar de passar, aqui é lugar de passar.
E passa em cima do que Leonardo fez na areia.
 Leonardo fala [zangado]: ó se tá colocando areia na minha coisa, é pra ficar liso, liso.

Algumas crianças brincam no gira-gira, Carol e Beatriz sentam para brincar de boneca nos pneus que tem no parque comendo gelatina com a boneca no colo. Carol dá um beijo na boneca, em seguida as duas levantam e vão correr.

5.4.2 Jogo simbólico

Leonardo, Miguel, Pedro e Gustavo, brincam com o carrinho sem conversar, só empurrando o carrinho. Pedro e Gustavo saem para brincar com outras crianças e Leonardo permanece brincando na areia. Ao lado estão brincando um grupo de crianças: Carol, Beatriz, Gabriel, Letícia e Fernanda, e iniciam uma conversa sobre quem vai ser o que na brincadeira,

Carol-Beatriz [apontando para Fernanda]: sua vó lá ó.

Carol: não é? Não é Fernanda que é a vó? Ela é minha mãe e você é vó dele lá!

Encerram a discussão e voltam a brincar na areia.

Uma brincadeira muito frequente entre as crianças e que representa o jogo simbólico é a brincadeira de mãe e filha, nessa brincadeira as crianças representam situações vividas no contexto familiar, refazendo-a conforme o seu interesse, um outro aspecto importante de análise nesse contexto é a compreensão dos papéis sociais feita pela criança, e que fazem parte do seu dia-a-dia, como a relação mãe e filha que é vivida cotidianamente e revivida na brincadeira.

De acordo com Kishimoto (1996, p. 68) “dentro de uma mesma cultura, crianças brincam com temas comuns: educação, relações familiares e vários papéis que representem as pessoas que interagem essa cultura”.

5.4.3 Jogo simbólico: fazendo milk shake de areia

Em um outro grupo de crianças que está próximo Pedro e Gustavo brincam com o balde e um pedaço de mangueira,

Pedro põe a mangueira no balde dizendo: eu to vendendo milk shake!

Coloca um carrinho de brinquedo na ponta da mangueira como se estivesse dando milk shake para o carrinho: tão milk shake, e começa a encher o balde de areia.

Leonardo chega e pergunta: posso brincar com vocês?

As crianças respondem baixinho, não consigo entender ()

Leonardo pega um caminhão que está perto dizendo: eu vou ir pra estrada amigos! Tchau! E vai empurrar o carrinho em um caminho que tem feito na areia.

Pedro e Gustavo continuam fazendo milk shake e Gustavo sai. Pedro enche o balde e põe a mangueira em cima e chama: Papai, filho, e leva até onde estão Leonardo e Gustavo, chamando as crianças pelo nome do personagem na brincadeira. Luan se aproxima e pega o caminhão que tinha pegado para brincar e [sai correndo],

Leonardo [levanta irritado] e vai atrás dele o alcança e dá um soco falando: o sua merda.

Pedro levanta atrás de Leonardo e pega o seu carrinho que estava mais a frente um pouco.

Leonardo: joga isso na cara dele!

Luan volta com o caminhão na mão e [dá língua para Leonardo].

Leonardo ameaça jogar areia nele.

Pedro pega outro brinquedo, um fogão, e Luan fica querendo tomar dele.

Luan: ei, me dá, eeeiii. Joga o caminhão no chão, e pega o fogão que Pedro pegou e deixou no chão um pouco.

Leonardo: não vai ter nada!

Pedro: não deixa Gustavo! Corre atrás dele e pega!

Luan sai correndo e Leonardo e Gustavo vão atrás. Mas desistem e voltam para onde estavam brincando,

Leonardo fala [com ar de chateado]: Não consegui.

5.4.4 Eu vou fazer uma pousada, eu vou fazer uma loja!

A característica principal dos monólogos é a falta de função social das palavras, dessa forma a palavra não serve, para comunicar o pensamento, mas para acompanhar a ação (PIAGET, 1999a). Como pode-se observar nas falas a seguir.

Na continuação da cena narrada anteriormente, Leonardo e Gustavo se sentam na areia e começam a brincar novamente,

Leonardo: ah eu vou fazer uma pousada [mexendo e desenhando na areia]

Gustavo: eu vou fazer uma loja!

Nas falas descritas acima, Leonardo e Gustavo narram suas ações em uma brincadeira na areia sem se importar com quem escuta, ou mesmo, se alguém

escuta, falam sozinhos um ao lado do outro, sem a intenção de serem compreendidos.

Fernanda sai de um grupo de crianças em que estava brincando ao lado, se aproxima de Leonardo e pergunta,

ei você que tinha pedido uma formiga? [Levando uma na mão para Leonardo].

Leonardo: [estica a mão] eu quero!

Pedro chega: vou brincar com vocês ta? Vou brincar com vocês! *vai ao lado e pega o balde de areia e a mangueira falando: milk shake pronto!*

Gustavo: entorna aqui.

Pedro leva para o outro grupo de crianças.

.. ..

A professora chama as crianças, avisando que o tempo do parque acabou [Fazendo o som de um sino com a boca]. É notável o lamento das crianças e que querem ficar mais,

Pedro: ah não tia! Ainda não tia, ainda não, ainda não, dá mais cinco minutos.

Professora: vou deixar eles mais um pouquinho. Ó mais dez minutos!

A professora fala com a cuidadora.

Gabriel: dez minutos!

Pedro [comemora contente]: obaaa! E levanta os braços comemorando. Oba dez minutos. [Sai correndo e gritando]: dez minutos!

.. ..

5.4.5 Gustavo me pergunta sobre o desenho

Em sua teoria Piaget (1999b) sustenta que o pensamento da criança é egocêntrico não na ideia de aumento exagerado do eu, mas no de centralização do pensamento sobre o próprio ponto de vista.

Conforme afirma Piaget (1999b) a criança está centrada em suas próprias ações e em seu pensamento, apresentando assim o egocentrismo. Em outra cena percebida

durante o brincar notou-se o egocentrismo na ação de Gustavo ao me chamar e pedir para que eu olhe o que ele está fazendo,

Gustavo chama a minha atenção ao lado,

tia olha!

E me mostra um desenho que fez na areia.

Gustavo começa a conversar comigo: o tia, você já assistiu monster machini?

Pesquisadora: não!

Gustavo: monster machini é um desenho que tem aquele que tem o carro que fala, que o carro corre.

Leonardo se aproxima e entra na conversa.

Leonardo: olha o que eu fiz Gustavo,

Mostrando o buraco que cavou no chão.

Em um outro grupo de crianças estão brincando: Fernanda, Pedro, Luana, Luan, Gabriel, Beatriz e Felipe, e me chama a atenção eles resolvendo quem vai ser cada personagem para iniciar a brincadeira,

Fernanda fala com Beatriz apontando para Luan: ele vai ser o bebe.

Pedro: você vai ser o bebê?

Luan: ta bom!

Beatriz avisa as outras crianças: Luan vai ser o bebê.

Beatriz: cadê o milk shake? Me daí o milk shake.

Letícia pega e entrega para ele.

Pedro: ta quente! Ei Letícia, ó qui ó, pega o milk shake

E pede um brinquedo que ta com Luana.

Pedro: me dá, me empresta aí, só pra eu colocar aqui ó, deixa e bota aqui, encaixa aqui. Dá bem aqui ó, deixa eu te mostrar.

Mostra uma peça que encaixa em uma que ele tá.

Luana: eu sei!

Pedro: sabe nada, sabe nada! Foi eu que inventei agora, foi eu que inventei!

Fernanda: então você sai daqui!

Pedro: mais eu quero ficar!

Fernanda [levanta e vai até onde tem mais brinquedos]: por mim a gente tem outro fogão.

.. ..

5.4.6 Brincadeira de boneca

Pedro levanta e vai onde tem outros brinquedos, onde Gabriel mostra e Tenta pegar uma boneca,

Pedro pega a boneca que está do lado e Fernanda não deixa: nãoooo! E pega a boneca da mão de Beatriz.

Pedro: eu vou dar mamadeira pra neném.

Carol está perto toma a mamadeira da mão de Pedro.

Fernanda: me daí, deixa eu dar mamadeirinha a ela, ela ta chorando, coloca leite dentro pra eu dar eu, ela dá eu.

Carol: você não é a mãe.

Beatriz dá a mamadeira para Fernanda, e Carol pega a boneca da mão de Fernanda.

Fernanda: porque ela é a dona, aponta para Beatriz. Você bota fraude nela!

[E entrega a boneca e a mamadeira para Beatriz] que é a dona da boneca dando a entender que só ela poderia dá o leite.

Beatriz não aceita, balançando a cabeça dizendo que não.

Carol finge tomar a mamadeira e nina a boneca.

Luana: deixa eu, deixa eu.

Fernanda: deixa ela, ela vai ser a mãe.

Das cenas registradas a partir das filmagens, identificaram-se situações de conversas das crianças em que apareceu o egocentrismo, aspecto que constitui o comportamento infantil, tal característica acompanha a criança desde o período sensório-motor.

Piaget (1995) ressalta que o termo egocentrismo infantil e seu significado foi por vezes mal compreendido, embora tenha se esclarecido na sua teoria que este termo se refere a dificuldade da criança em refletir os diferentes pontos de vista que não seja o seu, ou seja, a criança não é capaz de descentração.

Ao estudar a ideia de egocentrismo, Piaget (1983) explicou a noção de centração e descentração, o termo centração se refere a impossibilidade que a criança tem em refletir o ponto de vista do outro, pois está centrada em si mesma, assim a criança não realiza a descentração, que significa passar a ouvir e compreender a perspectiva do outro.

A partir das conversas das crianças se percebeu o egocentrismo nas falas descritas abaixo.

Carol devolve a boneca e a mamadeira para Fernanda, que dá mamadeira para a boneca,

Beatriz sai correndo gritando: amigos.
As meninas continuam brincando com a boneca.
 Carol inicia uma conversa com Beatriz que volta para onde estava: você não sabe onde que eu moro né Beatriz?
 Beatriz [Balança a cabeça] concordando.
 Fernanda: a gente mora longe! Lá longe!
 Carol: a Beatriz não sabe!
 Beatriz: lá longe, lá longe, Lá bem longe. Lá bem em Vitória.
 Fernanda: ei é o meu nome!
 Beatriz começa a dar risadas.
 Carol: não, é outra Vitória.
 Fernanda: então, é meu nome!

No trecho acima Carol conversa com Beatriz afirmando que a mesma não sabia o lugar em que ela morava, e afirma em seguida que é em Vitória. No final da conversa entre as crianças Fernanda (que tem por nome original Vitória) não realiza o processo de descentração, não compreendendo que Vitória também é uma cidade, a qual Carol se refere, só tendo a sua própria perspectiva de que Vitória é o seu nome.

Segundo Piaget (1964, p. 6) “com efeito, o egocentrismo infantil é, essencialmente, um fenômeno de indiferenciação: confusão do ponto de vista próprio com o de outrem, ou da ação das coisas e pessoas com a atividade própria do sujeito”.

Na sequência mudam de assunto

.. ..

Fernanda: eu vou na casa da minha vovó.
 Letícia chega na brincadeira e pergunta: que que vocês tão brincando?
 Fernanda: de bebe.
 Chegam na brincadeira Miguel, Paula, Rafael e Luan.
 Paula: posso brincar?
 Miguel: e eu?
 Luan: e eu?
 E se sentam para brincar.
 Fernanda que tinha saído, volta: a tia falou que a gente vai ficar dez minutos.
 Beatriz: eu também sei! Eu que pedi, não foi?
 Pedindo para Carol confirmar.

Pedro: eu falei, tia dá mais dez minutos,
Ela falou: vou dá mais dez minutos, e ela, e ela deixou brincar.

5.4.7 Brincadeira de mãe e filha

Fernanda observando as outras meninas que chegaram para brincar pergunta,

quem deixou essas meninas?

Carol: eu deixei! Porque eu sou a dona da brincadeira.

Fernanda: então é Paula que vai ser a mãe. Paula, o Paula
você pode ser a mãe! Quem vai ser a mãe? Paula ou Rita?

Paula: eu!

Fernanda com a boneca na mão fala: mamãe, mamãe, mamãe,
pode ir lá no balanço com a bebe?

*Fernanda faz de conta que a boneca é um bebe, e Paula a
mãe.*

Paula: pode!

Carol: mamãe ela vai machucar o neném,

Fernanda vai correndo com a boneca.

Carol: a chupeta mamãe, chupetinha dela.

[Entrega para Paula que na brincadeira é a mãe]

Piaget (1975) em seus estudos sobre a formação do símbolo na criança destaca que o brincar com bonecas propicia a criança reviver simbolicamente a sua própria vida, conseguindo assimilar melhor vários aspectos, como lidar com conflitos do dia-a-dia e realizar por meio da brincadeira suas vontades que ficaram por satisfazer.

Na sequência da cena Carol vai atrás de Fernanda que está com a boneca, pega e traz para Paula. As crianças se organizam em grupos para brincar na areia com os brinquedos. Depois se levantam e vão brincar de comidinha em outro espaço do parque em que acontece essa brincadeira. Pedro faz um bolo de areia e Miguel ajuda a enfeitar,

Paula: você já fez esse daí Fernanda? *Mostrando o bolo de Miguel.*

As crianças voltam para a areia com os bolos de areia na mão, Paula para na frente da câmera e me mostra o dela,

aqui o bolo!

Em seguida esse grupo de crianças faz uma roda e começam a escolher os personagens para a brincadeira novamente,

Letícia: eu sou a filha mais nova ta?!

Amanda: e Fernanda é a mãe.

Fernanda: né não, é Paula! É Paula! né eu não.

Fernanda: é Paula. Todo mundo é filha. Eu sou a filha mais nova!

Letícia: eu também!

Carol: você é a filha mais velha, Rita é mais nova, e Beatriz é a tia, a avó.

Muda a personagem de Beatriz.

E ela é a vizinha [apontando pra Luana].

As crianças acham graça.

Carol: a vizinha fala assim: menina para de bagunça.

As crianças continuam a brincadeira e começam a fazer bolos com areia escolhendo sabores.

Letícia-Carol: é o recheio de chocolate.

[Tentando pegar o bolinho de Carol].

Carol: não, não, é de Paula.

Letícia: deixa colocar o chocolate

Carol: Paula, André po pode botar é por cima o choco... chama a mãe lá.

Vê um bolinho na mão de Amanda e pega falando: é de Pedro.

Carol: o Pedro bota outro bolinho.

Felipe que está perto da brincadeira começa a cantar a música “borboletinha tá na cozinha” de uma forma diferente,

borboletão ta no cuzão, fazendo macarrão para o irmão, potão, potão, pernão de pão e touc, touc, touc, touc e touc e tão [risos].

Miguel: gente aqui a terra molhada [cavando o buraco na areia]. *Falando para as outras crianças.*

Gabriel: eba! Terra molhada coloca a mão no buraco que Miguel cavou para conferir.

As crianças continuam brincando.

Gabriel: o Carol você tá brincando? Quem ta brincando?

5.4.8 Conflitos

Pedro chega e pega a peneira de brinquedo e Letícia toma da mão dele falando,

não!

Pedro: tava com a gente.

Letícia: tava nada! E sai correndo com a peneira.

Pedro: tava sim!

Letícia: o tia isso tava com nós. Não tava com Pedro.
[Fala chorando].

Na disputa Letícia fica com a peneira e Pedro acaba desistindo da disputa. Letícia sai com a peneira para brincar com outras crianças.

Miguel: to cheio aqui ein. [Aparece com a blusa cheia de areia],
Ai meu Deus será que eu aguento? Ai será que eu aguento?

Pergunta para Felipe: aqui será que eu aguento? É terra molhada! Não consigo nem sentar, Miguel coloca a areia que está na blusa no brinquedo.

.. ..

5.4.9 Letícia e Pedro discutindo sobre a peneira

Letícia vem de outro grupo de brincadeira e joga a peneira para Pedro, depois de alguns minutos e diz,

toma esse trem, tão. Tava com nós mesmo. [Fala brava].

Pedro: nós já achamo outro. Pode ficar nós já achamo outro, ta?! A gente que achou.

Letícia insiste e vai entregar a peneira para Pedro.

Pedro: não, pode brincar, ela começou bater, batendo.

Amanda: Letícia pede desculpa a ele.

Fernanda chega na brincadeira e diz algumas coisas ()

Miguel responde: não é pro bolo.

Letícia: Carol, o Felipe, Paula falou que é pra brincar com você.

Amanda: minha irmã ta chorando se deixa ela brincar?
[Expressando tristeza].

Miguel pega um pouco de areia que tem na blusa e joga em cima do bolo dizendo: agora um pouquinho de chocolate.

Felipe conversa com Amanda e não deixa.

Miguel levanta segurando a blusa de areia e fala: o vai cair ein, e joga tudo no chão, sacode a blusa dançando.

Miguel: ai vou pegar mais terra molhada. O André me ajuda a colocar aqui.

Miguel: aqui Leonardo me ajuda a colocar aqui. Não bo, bo, bo, não Leonardo, bota areia molhada aqui ne mim, não essa que eu tirei... não ta bom não. Bota mais. Já ta bom. [Risos]

Miguel vai para onde está brincando com as meninas e diz: vocês querem isso?

Miguel e Felipe jogam a areia molhada no fogão que estavam brincando.

Gabriel e Leonardo enchem a blusa de areia também, imitando Miguel.

Leonardo: Miguel, ó o tamanho da minha... *com a blusa cheia de areia.*

Leonardo: ó o tamanho da minha. Aqui gente.

Mostra a areia na blusa e para.

Quando se reflete sobre a noção de criança e sua linguagem, a teoria de Piaget é de grande importância devido aos seus estudos sobre o desenvolvimento da linguagem e o pensamento infantil. Em 1921, ao ingressar no Instituto Jean-Jacques Rousseau em Genebra, Piaget desenvolveu seus estudos sobre a criança, anotando detalhadamente tudo que a criança dizia e o que acontecia.

Nesse contexto em que as crianças eram observadas, é interessante destacar a maneira em que eram analisadas, as mesmas brincavam, desenhavam e construíam o que queriam, tal atividade era realizada com liberdade sem interferências à vontade de brincar e falar. As crianças brincavam sozinhas ou em grupo, onde os grupos para brincadeiras se faziam e se desfaziam.

Após a linguagem corporal que acompanha o ser humano durante toda a vida, a linguagem falada se evolui, e as palavras vão substituindo e acompanhando as ações corporais. Freire (1997) diz que a linguagem é fundamental, não só para a estruturação de um nível cada vez mais superior de pensamento, mas mesmo de construção de outros atos motores.

Inicialmente a fala da criança é egocêntrica e conforme Piaget (1999a) pode ser dividida em três categorias a primeira chamada a repetição ou ecolalia, que se refere a repetição de sílabas ou palavras, repetidas pelo prazer de falar sem intenção de falar a alguém, em seguida o monólogo, nesse a criança fala a si própria, como se estivesse pensando em voz alta. Por último o monólogo coletivo, que é uma forma infantil de conversa, neste tipo de conversa a criança somente fala de si, sem se preocupar com o ponto de vista do interlocutor, sem nem mesmo verificar se que este a ouve e compreende.

As transcrições abaixo percebidas durante a filmagem nos mostram a linguagem egocêntrica.

Miguel que está perto narra o trecho de uma história inventada por ele cantando,

fui na floresta, a borboleta comprou um canudo e quando ela chegou lá uma abelha posou nela.

As crianças brincam de encher a blusa de areia e levar para a outra parte onde estão os brinquedos.

Miguel-Felipe: ó o que eu trouxe pra botar no bolo ó, frutinhas da árvore do parque. *E sentam na roda em volta do bolo. Felipe, Luana, Carol e Miguel.*

Felipe: pra que vocês querem isso?

Miguel: Pra botar no bolo né?! [Levanta e sai]

Gustavo vê Felipe brincando com as outras crianças: Felipe, Felipe, vai brincar mais comigo não?

Paula chega na brincadeira e fala com Miguel como se estivesse confirmando algum combinado,

ta bom? Ta bom? Ta bom?

Miguel não responde

Paula faz a pergunta a Miguel novamente.

Ta bom?

Miguel responde gritando: ta bom!

Paula: ta bom?

Miguel: ta!

Paula: ta! [E sai para brincar com as crianças do outro grupo em que estava].

Chegam Leonardo e Gabriel com as blusas cheias de areia para brincar com Felipe.

Gabriel: olha o tamanho da minha barriga!

Miguel: aqui isso vai dar certo! *Traz sementes pra pôr no bolo.*

As crianças ficam arrumando o bolo.

Miguel: a gente não quer mais não moço! Pode levar.

[Fala com Gabriel que está com a blusa cheia de areia]

Gabriel: tem que pegar mais!

Leonardo: não, porque lá já ta cheio.

Miguel: me dá

Gustavo: joga em cima do carro.

Miguel se aproxima de mim e pergunta: por que que Pedro ficou de castigo? Ao observar Pedro sentado onde a professora coloca as crianças de castigo em alguns momentos.

Pesquisadora: não sei, a professora colocou? Acho que ele quis sentar Miguel.

A professora em alguns momentos coloca as crianças de castigo sentadas durante cinco minutos quando não se comportam enquanto estão brincando em uma calçada

que tem no parque. Ao ver Pedro sentado no local que normalmente é utilizado para o castigo, Miguel achou que ele estivesse de castigo. Esse castigo é também para quem não se comporta na sala.

Dando continuidade a filmagem direciono a filmadora para outro grupo de crianças que brincam de lutinha, mudando assim a temática da cena.

5.4. 10 Brincadeira de lutinha

Letícia chama algumas meninas que estão no canto do parque para participar de uma brincadeira,

Letícia: bora brincar de lutinha?

Fernanda: bora!

E as meninas começam uma a puxar o cabelo da outra.

Paula: eu puxei bem assim ó, pra doer mesmo.

Letícia: ele puxou assim ó [puxando o cabelo de Fernanda falando é pra doer mesmo]. Tem que puxar assim ó [dando um puxão no cabelo de Fernanda novamente], pra doer mesmo.

[Paula também puxa do outro lado].

Paula: eu puxei assim! Eu balancei a cabeça dele e puxei. [Demonstra no cabelo de Fernanda]. *Ele me beliscando.*

Paula: é, doeu, eu fiz bem assim ó, quis puxar o cabelo de Letícia para demonstrar, mas Letícia [saiu correndo].

[Paula puxa o de Miguel],

Paula: balancei a cabeça dela assim ó.

Fala com Miguel antes: chora não ta bom?!

[Mostra como puxou, puxando o cabelo de Miguel]

Letícia: Paula fez bem assim ó.

Mostra puxando o cabelo da própria Paula. Faz aqui ne mim, aqui ne mim.

Letícia: eu fiz assim ó.

[Mostra como puxou o cabelo]

Miguel fica observando a brincadeira de puxar o cabelo e rindo.

Letícia: ta falando com Pedro lá, Pedro ta falando. Deixa ele falar, deixa ele falar! Quero que ele vem cá perto, dá um soco na cara dele que ele vai desmaiar [risos].

Pedro volta para o parque onde as meninas estão, chorando.

Letícia: ele ta chorando, ele ta chorando.

Carol: cadê ele?

Carol e Paula vão até ele e pegam ele pela mão para brincar.

5.4.11 Letícia fala que não quer mais estudar na escola

Ao lado em um outro grupo as crianças brincam, e Letícia fala,

então fala pra minha mãe que eu não vou mais estudar aqui, que aqui é muito chato.

Acaba o tempo do parque com a fala da professora,

já dei um tempo grandão, agora vamos crianças?!

5.5 DIA 5

Logo que chegam no parque Paula fala que Miguel vai ficar sentado, porque na sala antes de ir para o parque, a professora havia dito que Miguel ficaria de castigo, e o castigo é ficar sentado por cinco minutos enquanto as outras crianças brincam,

Paula-Miguel: você vai ficar sentado.

Miguel: não vou não!

Paula: vai sim!

Paula lembra a professora o castigo de Miguel: o tia ele vai ficar sentado, lembra o que ele fez?

Professora: é mesmo! Pode ficar aqui um pouco. Você!

Paula [comemora sorrindo]: Uhu!

Letícia que está perto fala com a professora: o tia Gabriel também!

Professora: Gabriel fez o que?

Letícia: era ele que tava riscando.

Paula: Gabriel riscou também, a carinha também de Miguel. Então Gabriel vai sentar!

Professora: então pode sentar Gabriel!

Letícia que está perto com outras crianças, os chama para brincar.

Letícia: bora brincar André, bora Felipe brincar! [Saem correndo para o meio do parque].

André: Bora!

Para Freire (1997, p. 40) “criança é um ser do presente ao contrário das projeções que os adultos fazem sobre ela. Temos uma dívida de respeito para com a criança que só é possível resgata-la respeitando sua atividade, que é corporal e presente”.

Clara que está ao lado me observando filmar enquanto as crianças discutem com a professora me faz uma pergunta,

Clara: o tia você ta fazendo o que? Tirando foto?

Pesquisadora: filmando vocês brincando.

Clara ouve a resposta e corre em direção a um grupo de crianças para brincar.

Na realização das filmagens logo na chegada ao parque eu procurava para filmar um grupo de crianças que estabelecesse alguma brincadeira ou iniciasse alguma conversa para assim, começar a filmagem. Em alguns momentos quando a brincadeira ou conversa das crianças se esgotavam eu observava as crianças para focar novamente a filmagem em um determinado grupo que estivesse brincando.

5.5.1 André seu monstro!

Filmo atrás do escorregador do parque Letícia, Amanda, Paula, André e Fernanda e esse grupo começa a gritar em tom de brincadeira para provocar André: André seu monstro, André seu monstro, André seu monstro, e saem correndo para André ir atrás deles e rodeiam a escola correndo.

André assume o papel de monstro, fazendo expressões e gestos ameaçadores em direção ao grupo, as crianças reagem, correndo aos gritos e expressões de medo, mostrando grande agitação.

.. ..

Nesse momento o grupo de crianças que eu estava filmando atrás do escorregador corta a filmagem ao sair correndo para outros espaços da escola, que não fazem parte do parque, rodeando a escola. Assim, eu direcionei a câmera para outro grupo de crianças que brincavam ao lado no gira-gira. Mudando a sequência da brincadeira da filmagem.

A escola em que as crianças estão sendo filmadas, possui um prédio central, um espaço na frente da escola e um espaço atrás onde se encontra o parque, e nas laterais possuem corredores o que permite a circulação das crianças e demais pessoas que frequentam a escola.

No gira-gira Luana e Clara pedem para que eu rode elas no brinquedo,

o tia roda nós aqui.

Clara olha para outro brinquedo e chama Luana: vão brincar daquilo?

Pesquisadora: eu estou filmando agora daqui a pouco balanço vocês.

Fala reclamando: ah menina só fica filmando, sai daqui, vão sair daqui bê. Chamando Luana novamente para sair do gira-gira.

.. ...

As crianças que estavam correndo de André na brincadeira de monstro, rodeando a escola, retornam para o parque correndo e rindo,

Letícia: vai Paula, vai Paula. [Gritos] corre, corre, corre, vai.

A brincadeira é correr do monstro, Letícia e Paula ficam atrás da árvore para se esconder de André que é o monstro.

Letícia: o monstro de novo. Vem! *Chamando Paula.*

Paula: bora Letícia!

Letícia: vão bora, Aaah.

Abaixam-se atrás da árvore de novo ao ver que André estava olhando.

André que é o monstro na brincadeira vê as duas atrás da árvore e vai correndo em direção a elas, e as duas começam jogar areia nele mesmo de longe,

Letícia: corre Paula, corre Paula, Paula, bora, corre, vai, vai.

Fala apressando Paula para correr.

As outras crianças que estão por perto também começam a correr de André. Após ficarem alguns minutos correndo as crianças se dividem em grupos novamente para brincar,

Clara me grita do gira-gira: balança nós aqui tia.

André: não balança elas não, balança elas não.

Pesquisadora: balança elas André.

[André diz não com a cabeça].

André retoma a brincadeira de monstro e volta a correr atrás das crianças novamente falando: haha, te peguei, e sai correndo.

As crianças estão dispersas pelo parque correndo, brincando de pique e algumas no balanço,

Amanda que estava brincando na brincadeira de monstro fala:
o Letícia eu to de isola, eu to de isola. Eu vou descansar!

Quando a criança diz que ta de isola na brincadeira, não pode ser pega.

Paula: eu to de isola que eu vou guardar meu laço.

Letícia: eu também!

As crianças saem da filmagem e ao lado [está deitado no chão Felipe e Rafael segurando seus braços para trás] e Otávio chega falando: prende ele!

Surge a brincadeira de bandido. A brincadeira de bandido foi citada anteriormente como jogo simbólico.

5.5.2 Brincadeira de bandido

Felipe, Otávio e Rafael iniciam uma conversa,

Otávio pergunta para Rafael que está prendendo Felipe: deixa eu ser o bandido? Vou ser o bandido! Vou ser o bandido!

Rafael: você vai ser o policial! Felipe vai atrás dele, [apontando para Otávio].

Felipe pega Otávio e segura-o pelo pescoço, eu peguei! *E os dois caem e rolam no chão.*

Felipe: eu sou o ladrão!

Otávio: ele é o ladrão!

Saem todos correndo e a brincadeira se dispersa.

.. ..

5.5.3 A árvore do parque

Um grupo de crianças param, para olhar um fruta que tem em uma árvore do parque, perto da professora, e *falam,*

tem uma ali, tem outra ali, apontando para as frutas na árvore.

Rafael: ta boa!

Professora: tá não! Ta verde! É igual a que Miguel achou.

A professora vai na frente procurando mais frutas na árvore e as crianças vão atrás,

Professora: esse aqui não ta nem nascendo. [Apontando para uma fruta que estava começando a sair na árvore]

Rafael: ali tem, tem um ali ó, apontando para a árvore.

A professora [apontando para outro]: esse aqui não vai nem nascer ó, tá cheio de bichinho. Tem uns aqui, tá tudo pequenininho só quando crescer.

Felipe apontando para a árvore pergunta: o tia isso ali é o que?

Professora: o que?

Felipe: essa fruta

Professora: graviola.

Paula chega e pergunta para as crianças que estão debaixo da árvore chamando para brincar,

preparados pra correr?

Letícia: siiim!

Paula fala como se fosse uma ordem: correndo!

E Todas as crianças saem correndo.

Professora: você pode ficar aí senhor Gabriel, que eu não te liberei ainda não!

Miguel indaga a professora: e eu tia?

Professora: também ainda não liberei.

.. ..

5.5.4 Continuação da brincadeira de polícia

Eu volto a filmagem para o parque onde Felipe e Otávio retomam a brincadeira de bandido. Felipe fica segurando Otávio pelos braços atrás,

Rafael: eu sou polícia!

Felipe: ladrão. Vou ser de novo a polícia!

Felipe discuti com Rafael dizendo que vai ser a polícia de novo e Rafael o ladrão.

Felipe: eu virei o ladrão e [sai correndo]

[Otávio aponta para Felipe gritando]: ele é o ladrão!

E sai correndo atrás de Felipe com Pedro que chega na brincadeira e depois retornam para onde estavam e param no gira-gira.

.. ..

5.5.5 As crianças separando grupos para brincar

Estão no gira-gira brincando Clara, Fernanda e Carol,

Clara: ela é do meu gru, grupo né be? *Fala com Carol.*

Clara: ah, ele não! Ele não, vão sair daqui.

Fala quando Carlos chega querendo brincar.

Fernanda: não, ele também é do seu grupo.

Continuam rodando no gira-gira.

Felipe: ta pesado! Me ajuda aqui, ô me ajuda aqui Fernanda.

Fernanda ajuda a rodar o brinquedo.

Fernanda: ai to caindo.

Carol sai com as outras crianças correndo.

Fernanda: sobe você.

Carol: agora é você, vai. Vão brincar aqui mesmo? [Descem para brincar na areia]

Clara: agora é nós duas, vem be, vem be.

Fernanda: não é be não [rindo].

Carol se aproxima de Fernanda e parece contar um segredo no ouvido de Fernanda colocando a mão na frente para ninguém escutar. [Puxa Fernanda pelo braço] para saírem de frente da câmera, dando a entender que não querem mais ser filmadas. Fernanda chama Carol para irem para traz da árvore, e saem andando,

Clara: vem aqui menina!

As duas se escondem atrás da árvore.

Clara sai começa a andar sobre os pneus que estão enfileirados no parque se equilibrando [vai até o final e desce]. Paula também brinca nos pneus arrumando alguns brinquedos e as panelinhas em cima dos pneus,

Letícia se aproxima e pergunta: Paula posso brincar? Paula eu posso brincar?

Paula: pode! Pode vim!

Gabriel também chega na brincadeira: posso ser seu filho?

Paula: eu não sei!

Gabriel: então eu vou ser! Você é a mãe e eu sou o filho.

E [sai correndo] e André chega.

Paula: Gabriel vem aqui. Vem aqui.

Pede para Gabriel fazer alguma coisa que não consigo compreender ().

Fernanda se aproxima de mim e pergunta: o tia você sabe fazer isso daqui?

Pesquisadora: o que?

Vai para um brinquedo que tem no parque de se pendurar onde tem uma madeira e se pendura de cabeça para baixo,

André vê e fala: eu sei! [E se pendura do mesmo jeito quando Fernanda sai].

Paula e Letícia estão brincando na areia, Gabriel e Amanda chegam depois e começam a participar da brincadeira também,

Letícia: Gabriel você pediu para brincar?

Gabriel: pedi.

Letícia: pediu quem? Você pediu quem?

Paula: você Pediu quem? Letícia?

Gabriel: você.

Paula: não, pediu eu não. Eu falei pede Letícia ou a da pintinha.

Há na turma irmãs gêmeas Letícia e Amanda, uma delas tem uma pinta no rosto perto do olho, e as crianças usam esse sinal para diferenciar uma da outra,

Paula: então pode sair! Pede ela, ou André ou da pintinha.

Amanda: pede ela.

Paula: ou André.

Amanda: eu sou a dona, pode brincar.

Letícia: não Amanda, ele brinca não. Ele que tem que falar!

5.5.6 Discussão sobre o fogão

Na sequência da brincadeira, Paula e Amanda discutem,

Paula: eu, eu, eu, sou mais grande então eu que vou escolher a brincadeira.

Amanda: mais eu vi o fogão primeiro, eu peguei.

Discutem sobre o fogão de brinquedo.

Paula: mais eu que vi.

Amanda: eu que vi primeiro.

Paula: de lá ó, de lá, que a gente tava saindo para pegar o brinquedo eu to vendo.

[Mostra o percurso feito com o dedo, eu to vendo. Você chegou aqui].

Amanda: eu também, eu também tava olhando pra ele gente. Pode brincar!

Amanda fala cedendo o fogão para Paula brincar.

Paula: não, não pode brincar você!

Gabriel que estava ao lado vendo a discussão sai.

Amanda-André: dá licença! O Carlos, ta muito abafado chega pra lá.

Paula: se não vai brincar!
 [Apontando pra André].
 Amanda: e nem Gabriel!
 Letícia: eu, só eu, Amanda, Paula, e, e, e Luana.
 Amanda: olha ela fez um bolo, não desmancha não.
 [Apontando para Luana que está fazendo um bolo de areia].
 Paula: ah não Luana, tem que fazer aqui em cima.
 Luana tenta puxar para por onde Paula quer.
 Amanda: não puxa, não.
 Paula: não, não.
 Amanda: deixa aí agora.
 André: por que não vai deixar eu brincar?
 Amanda: porque não.

André sai chamando Letícia de fofqueira e Letícia logo em seguida relata o acontecido para Amanda,

Letícia: ele falou assim que eu sou filha fofqueira.
 Amanda: ele falou que você é filha fofqueira? [fala brava]
 Letícia: ahram!
 [Amanda levanta e vai atrás de André tirar satisfação]
 Amanda: André você falou que minha irmã é filha fofqueira?
André não responde.
Paula [levanta e vai pegar areia em outro lugar]
 Letícia continua cavando e fala para Luana: Vai lá pegar areia com Paula pra ses por aqui!
 Luana: duas já saiu
 Letícia: minha irmã saiu e Paula.
Luana: e nós duas ficou, nós duas ficou!

Carol e Otávio se aproximam da brincadeira, Carol se abaixa para brincar, imitando um monstro,

Letícia-Carol: você pediu eu? pediu?
 Carol: só eu e Otávio que não foi. Aí Paula falou, pode brincar,
 Letícia: mas sai daqui, eu sou a dona! Eu e Paula.
 Paula: Gabriel não quer brincar não, só deixa só Carol! [Grita para Letícia do outro lado onde foi buscar areia].
Letícia chama Carol: Carol, vem brincar.
 Paula: ó Letícia ta te chamando, vai, pega seu brinquedo e vai.
 Letícia: vem brincar, Carol vem brincar agora,
Carol chega até Letícia: que?
 Letícia: você mesmo!
Carol só olha, mas não responde Letícia.
 Carol: eu quero pegar umas bananinha aqui.

[Se agacha para catar no chão].
 Letícia: não!
 Carol: olha o que eu achei; uma pedra preciosa. Uma gracinha.
 Amanda: an, já sei o que eles vão fazer, estrelinha.
 Amanda [vira estrelinha] no parque.
 Carol [se levanta] falando: eu sei fazer estrelinha. Eu sei fazer estrelinha ó, eu sei fazer estrelinha na areia.
 Letícia: eu também sei, quer ver ó?! Eu também sei ó. Eu também sei.
 Paula chega na brincadeira: nada de virar estrelinha
 Letícia: sim mamãe!
Saem Letícia, Amanda e Paula: então vamos fugir dela, bora fugir dela. Todo mundo correndo, sem virar estrelinha.
Paula chama as crianças falando: vamos fugir de casa, vamos fugir de casa, bora fugir de casa. [Saem correndo].

5.6 DIA 6

5.6.1 Paula se oferece para brincar com Miguel

Leonardo, Miguel e Pedro estão brincando na areia,

Leonardo se aproxima de mim e pergunta: tia se ta filmando quem?
 Pesquisadora: quem ta brincando ali.

Mostro o grupo de crianças citado acima que estavam brincando na areia e que eu filmava naquele momento,

Paula chega [sorridente dando tchau para a câmera] e fala: olha ta me filmando apontando para a câmera.
Aline mostra os brinquedos para a câmera [dançando e sorrindo].
Leonardo está observando uma formiga na areia, quando Paula chega e pergunta [colocando a mão]: que que isso?
 Leonardo: paraaaa! A formiga! Deixa, paraaa. [Gritando].
Paula joga areia na formiga, Miguel pula na areia onde Leonardo está brincando e Leonardo grita: Deixa a gente em paz!
E continua brincando sozinho na areia.

Paula, Letícia, Amanda e Pedro brincam com alguns brinquedos no canto do parque,

Letícia [dança] com o baldinho na mão falando: ah eu vou dançar, e vai [andando e dançando].

Depois vão todos para onde Leonardo está brincando,

Leonardo fala: aaa para sua merda.

Se levanta e vai até onde Miguel brinca sozinho de esmagar sementes com a pedra.

Leonardo mostra para Miguel: ó pa lá ó, apontando para a árvore. Aaaaa veio dessa árvore aí ó [continua apontando para a árvore].

Leonardo olha para a árvore e para perto da casa e volta a mexer nas sementes que Miguel estava brincando e fala,

eca, coco.

Miguel começa a esmagar as sementes com uma pedra grande falando: aqui Leonardo ó.

Leonardo: também vou amassar.

[Levanta falando e fazendo som de peido com a boca]: vem Miguel.

Miguel: não! vou amassar a sua.

Leonardo: não! Eu que amasso.

Miguel: então pega outra pedra.

[Aponta para o parque].

Leonardo vai procurar uma pedra no parque e chega com uma menor na mão e fala:

Miguel ó o que eu achei pra amassar.

É possível ouvir mesmo sem estar filmando, a professora chamando a atenção de algumas crianças que estão perto,

Professora: pode pegar a sandália e sentar lá, eu falei que eu não queria nem Letícia e nem Amanda, sabem que não podem ficar descalça. A mãe delas já falou que não quer. Entendeu?! Eu não vou ser de contra a mãe dela não. Pode sentar lá. Letícia pode vim. Pega a sandália e vai sentar.
Sentar é o castigo.

.. ..

Voltando a filmagem para Miguel e Leonardo, Miguel comenta,

choveu muito né Leonardo?

E continua amassando as sementes com a pedra.

Leonardo sai para o lado do pátio onde está André e fala: fica, André, fica, ela vai sentar, ela tirou a sandália, a tia não me chamou não, porque minha / porque a mãe delas falou que não podia mais tirar sandália.

André: e ela tirou?

Miguel continua brincando sozinho de amassar as sementes.

Passa um aluno da Professora de outra turma, correndo e fala: ah eu quero brincar!

Leonardo fica agachado.

André e Paula começam a brincar na areia.

Paula: André vai chamar Amandinha, só tem um, [apontando para o brinquedo].

Paula vai também para o local no parque onde as crianças brincam de fazer comidinha. Tem um espaço no canto do pátio, que é mais alto e tem uma parte de cimento parecida com uma mesa, as crianças geralmente usam esse espaço para brincar de comidinha e fazer de cozinha,

Pedro grita da areia: Paula, achei duas, achei duas, já ia achar outra, já ia achar outra, eu achei.

Fala entusiasmado.

Leonardo chega correndo até onde está Paula e pergunta:

Paula posso brincar?

Paula: pode!

Miguel grita: ah Leonardo, corre Leonardo.

Leonardo: eu posso sair igual, eu posso ir lá? Pode amassar?

Chega Pedro com frutinhas do parque, entrega a Paula e vai procurar mais chamando Leonardo.

Pedro: bora?!

Leonardo: bora!

André chega com algumas sementes e entrega a Paula. Pede para ela guardar, e volta correndo para o parque, Miguel que está próximo na areia me pergunta,

oi eu to fazendo uma comidinha, quer?

Eu respondo que não, pois estava filmando.

Paula continua brincando sozinha no canto do parque com alguns brinquedos na areia.

Leonardo grita chamando a atenção: o macaco.

Paula: ó ele falou que tem um macaco ali.

[Aponta para a árvore falando comigo]

Paula continua brincando sozinha cantando na areia.

Paula: olha só.

[Cavando um buraco na areia].

E Miguel que está ao lado fala: ó tia, e me mostra um copo cheio de sementes.

Paula: Miguel quer brincar comigo? Vai até Miguel e chama, vem brincar. Que que isso?

Miguel aponta para o pátio e mostra as sementes.

Paula: vem brincar comigo. *Miguel não responde.*

Paula pergunta de novo: você quer brincar comigo? Eu to brincando, vem brincar comigo.

Miguel: ta bom!

Paula: vem!

Otávio chega e fala com Paula sobre a pá: aqui eu tenho uma pasona, eu tenho uma pasona. *Mas ela não dá importância.*

[Paula empurra ele com o braço reclamando]: ai menino.

Miguel não vai brincar com Paula, ela volta para onde estava brincando sozinha cavando um buraco na areia,

André e Pedro chegam onde Paula está brincando.

Pedro: Paula já achou a última aí.

André mostra para Paula e guarda em uma vasilha de brinquedo.

Leonardo: naquela baciinha mesmo.

[Aponta para a vasilha].

Miguel fala com Paula: cava mais, pra ficar bem fundo.

Pedro se aproxima e fala com Paula: ei, ó qui, Paula, deixa nós levar daqui, ai nós já vem colocando. Fala com as sementes do parque na mão.

Paula entrega a vasilha com as sementinhas a Pedro e explica o que é para fazer para Pedro e André.

Paula: eu quero! Só que essa bolinha não pode perder, essa bolinha não pode perder, essa bolinha não pode a, não pode perder.

Alguma criança que não está sendo filmada fala: eu tenho uma casona!

Paula: to nem aí.

Paula continua falando sozinha: amanhã eu pego essa.

Otávio: não vai pegar.

Paula: se eu quiser eu pego

Otávio: eu vou esconder.

Paula: oi?

Otávio: eu vou esconder.

Paula: mas eu sei, ai, ai, ai amanhã se você esquecer. [Falam cantarolando].

.. ..

5.6.2 Miguel pede para brincar

Miguel começa a contar as frutinhas que encontra no chão do parque e vai andando em direção a Paula que está brincando na areia. Começam a brincar de cavar, cavam junto algumas crianças da turma da professora Rose que neste dia também estavam no parque,

Gabriel-Paula: vou brincar com você pode? [E sai].

Pedro se aproxima e fala: Paula as menina tão brincando?

Paula não responde e ele insiste perguntando: Paula, Paula, Paula, essas menina ta brincando?

Paula [só balança a cabeça] dizendo que sim.

Perto de Paula uma das crianças da turma de outra professora da escola que também estão no parque, [levanta com um liquidificador de brinquedo na mão e pergunta]: ei quem quer suco?

Outra criança se levanta, levanta os braços como se estivesse comemorando: eeee.

E fala: eca! Nem é suco.

A criança que está com o liquidificador na mão serve a Paula: Pera aí, um de Paula primeiro.

Otávio se aproxima de Paula que está cavando: ei, ei.

Paula: você não ta brincando! Mais eu vou pegar um pouquinho de bolinha.

A outra professora bate o sino para chamar os seus alunos, e Paula que está brincando perto de Igor que é da outra turma fala,

iiii, a sua turma já foi, sua turma já foi!

Igor-Paula: minha turma, ta lá na minha sala, dããã.

A turma de Igor já tinha ido para a sala e ele ficou no parque brincando com os alunos da Professora da turma em que eu realizava a filmagem,

Leonardo chega correndo e fala com Paula: hoje é o nosso dia! Miguel chega perto dos dois com o liquidificador cheio de frutinhas perguntando: quer? Quer Paula?

[Leonardo puxa o copo da mão de Miguel]: eu quero! Miguel não deixa e Paula pega da mão de Miguel.

Gabriel chega gritando: hoje é o nosso dia de parque! E sai.

Fernanda: Paula, Paula, Paula, a gente vai brincar mais um pouquinho.

André: por que?

Fernanda: porque a tia mandou a gente brincar mais um pouquinho.

Pedro com um brinquedo na mão: Paula, Paula, Paula, *mostra pra Paula e fala*: tava aqui ó, *apontando o lugar em que achou o brinquedo*.

.. ..

5.6.3 A bananinha veneno

André e Paula começam a brincar na areia,

Paula: aí você ta derrubando areia.

Miguel chega: ó qui ó que que eu fiz gente, olha aqui ó. *Mostra pra Paula, mas ela não olha*.

Miguel: a bananinha veneno, quer?

Ninguém responde do grupo.

André: a gente vai pra casa de Letícia ta?!

Paula: ta! Não leva isso!

[Aponta para os brinquedos que estão na mão de André]. Não, o outro. Pode deixar.

Miguel: pode deixar ai com você.

Se referindo a uma frutinha

Paula-Miguel: bota dentro do negocinho ali, *mostrando o cantinho do parque onde as crianças fazem de cozinha quando brincam*.

Rita se aproxima e inicia uma conversa com Paula, mas ela não responde, pois está envolvida brincando com as outras crianças,

Rita insiste: Paula, Paula, Paula, Paula, Paula.

Rita se abaixa perto e fala: você vai brincar na minha casa?

Paula: tem que pedir minha mãe.

Rita: se ela não deixar eu vou na sua casa, ta Paula?!

Paula: pede sua mãe pra se ir lá.

Rita: pede sua mãe.

Paula: não! Minha mãe não vai deixar não, que eu já pedi ela, a ela hoje de manhã, ela não deixou.

Rita: pede pra ela vê se eu pode, vê se eu posso ir lá.

Paula continua brincando na areia de peneirar com Pedro.

Paula: cadê a pá.

André entrega a pá para Paula.

Paula: eeeeeee, André.

Rita-Paula: Paula, quando eu, um dia, eu vou marcar um dia pra se ir na minha casa porque você esqueceu aquele, o dia que eu marquei pra você ir na minha casa.

Fala em pé perto da roda em que Paula está brincando, mas ela não presta atenção.

Otávio fala para André que está cavando: mas eu tenho um buracão gigante! Você tem um buraquinho.

Nesse momento em que eu filmava as crianças no parque, Rita inicia uma conversa comigo sobre uma festa do pijama,

Rita-Pesquisadora: sabia que na minha casa vai ter festa do pijama?! Eu vou chamar minha amiga Milena.

Pesquisadora: é?

Rita: ahram.

Pesquisadora: que legal!

Rita: e também vai ter um piquenique no dia

Pesquisadora: vai ser que dia?

Rita: vai ser um dia de tarde, cinco horas. Meu aniversário é 7 de fevereiro. Eu to fazendo isso porque é, lá na minha casa minha mãe faz dois sucos, um suco pra Mariana e o outro suco pra, pra, pra mim, quando meu pai vai me/ minha mãe toma o suco da Mariana, da Mariana, ai Mariana toma o suco.

Paula grita cavando a areia ao lado: ó raiz, ó raiz, ó raiz, o tia, ó raiz.

Mostra uma raiz que desenterrou da areia.

Pesquisadora: estava lá em baixo?

Paula: tava! Tirei.

E continua cavando o buraco.

As crianças brincam com a areia, manipulando e cavando a areia conversam sobre a profundidade dos buracos,

André: o nosso ta fundão!

Leonardo: ta mesmo!

Paula acha alguma coisa cavando a areia e fala: olha, olha uma peça de tesouro!

Rita que estava ao meu lado observando as outras crianças brincando, continua contando-me sobre a festa do pijama que iria fazer, e me conta sobre o seu dente que havia tirado e a fada do dente,

Rita-pesquisadora: eu tinha botado meu dente embaixo do travesseiro, que eu ranquei dois, aí eu tinha botado meu dente hoje, ontem de noite, embaixo do travesseiro, aí de noite, de madrugada, ela acordo e pegou o de baixo do travesseiro e botou dentro da caixinha de brinco, aí a fada do dente chegou

lá num viu, aí depois ela foi embora, aí agora meu dente tá lá. Eu vou botar hoje de novo, de noite, quando Mariana dormir, que ela tava acordada e eu dormi, eu dormi cedo ontem.

Pesquisadora: aí ela pegou sem você ver.

Rita: aí hoje eu falei, mãe, a fada do dente pegou o dente? Aí ela falou: não! Mariana acordou e pegou e botou dentro da caixinha de brinco. Porque eu não tinha visto lá meu dente embaixo do travesseiro.

Pesquisadora: Mariana tem quantos anos?

Rita: dois, ela não estuda. Ela tem dois anos só que ela não estuda, minha mãe vai botar, vai matricular ela pra estudar lá na escolinha algodão doce.

Algodão doce é uma instituição privada no município de Conceição da Barra que atende criança de 0 a 2 anos,

Rita: aí primeiro minha mãe vai deixar ela, não deixa eu dentro do carro não, porque senão algum doido pode entrar pela janela e me pegar e me puxar pelo braço. Aí minha mãe leva ela lá dentro, aí depois me leva. Ela vai matricular Mariana e quando Mariana ficar estudando eu vou, minha mãe vai me levar.

5.6.4 Conflitos

Enquanto Rita me contava eu continuava com a câmera ligada filmando as outras crianças que continuavam brincando na areia deitadas, cavando e conversando. Paula joga areia no buraco que Henrique estava cavando,

Henrique grita: paraaaaa [irritado]! E bate a pá na cabeça de Paula.

E ela fala: se botou areia na minha cabeça eu vou botar também na sua. Vem jogar areia na minha cabeça.

Fala com tom de ameaça com Henrique.

Pedro entra na discussão: ele não jogou não, ele só colocou a pá na sua cabeça.

Paula discute: jogou!

Henrique: não, só botei um restinho de areia.

Paula levanta para mexer no buraco que Henrique fez e ele fala: não vai destruir!

[Pedro enfia o braço no buraco que cavou e fala]: ô poxa, ó a fundura, to quase afundando.

Henrique: deixa eu ver.

Paula: não! Se não vai não!

Henrique: então eu não vou mais ser seu amigo. Vocês só sabe fazer um buraquinho, eu sei fazer um buracão.

Pedro-Paula: é, eu, eu, eu, eu/ sabe o que um diamante. O navio ta brilhando.

Henrique é aluno de outra professora, a turma dele foi para sala de aula após o momento do parque ele como estava brincando com as crianças da turma em que eu realizava a filmagem, não foi para sala.

5.6.5 Heteronomia e autonomia

Depois de um tempo a professora dele aparece na janela que fica de frente para o parque e o chama,

Henrique! Vem filho.

E percebe que estou filmando e fala: o meu Deus estraguei seu vídeo.

E fala mais baixo: o Henrique vem ver o filme, vai lá lavar a mãozinha pra você assistir o filme.

Henrique: não quero!

A professora insiste: vai lavar a mão.

Henrique: não, eu não vou não!

Professora: então fica aí, depois se vai ta?!

Henrique: que filme?

Professora: Mohana.

Henrique: ahram, eu tenho esse filme.

Pedro: o doido, eu quero assistir Mohana, é massa!

Pedro: o galo é muito burro.

Paula: o Mauí, sabe porque, o Mauí? ele tem um anzol.

Rita: ele tem um anzol que se transforma em tudo.

Pedro: o que gosta mais, porque ele mos/

Paula interrompe: ele pegou o coração da da/

Esquece o nome do personagem que ia falar

Pedro e Rita falam juntos: do () o nome do personagem que parece ser Devich.

Paula: aí ele se transformou.

Rita fala [animada]: num monstro.

Paula: aí depois quando Mauí é, quando Devich pegou o coração ela, ela fi ficou cheia de plantas.

Pedro: é quando ela, a vó dela que deu o coração pra ela, ela perdeu na água.

Henrique grita lá da areia: eu achei, eu achei, um ouro, um ouro.

Paula: vai.

Henrique: eu achei ouro.

Paula: olha o tamanho desse buraco. Gente, anda logo. Peraí vocês tão batendo a mão.

[Letícia chega correndo] e fala: eu posso brincar?

Paula: pode!

Letícia: Paula posso brincar?

Paula: pode!

Letícia pergunta novamente: Paula posso brincar?

Paula: pode!

Pedro: mais não. Ó qui, mas se vai ter que brincar ali ó. *Pedro se levanta para falar e mostra o cantinho que é a cozinha com os brinquedos.*

Pedro: tá?! Porque aqui nós, nós, só nós. Vai, eu acho que vai afogar você nesse buraco. André vai afogar ela? tá, deve que tá fundo. Vai afogar, afoga André, afoga Letícia.

Henrique se abaixa perto de Beatriz e fala: achei uma pedra amarela. Eu achei uma pedra amarela. Fala para Paula.

Ao lado Miguel estava enchendo um balde de areia com Pedro.

[Pedro levanta e pega o balde] para levar para o cantinho onde eles brincam e chamam de cozinha.

Paula: pega outro balde. Peraí, peraí me dá esse balde aí e pega da mão de Pedro. Fica com a pá, tão, fica com a pá, enquanto isso, depois se me dá ta bom?!

E leva o balde de areia para a cozinha.

Nota-se a moral da autonomia que é comentada nos estudos de Piaget nas falas a seguir, onde se pode perceber a cooperação e respeito no diálogo entre Henrique e a professora. Nessa situação a criança cumpre a regra em um acordo estabelecido livremente, sem a imposição do adulto,

professora: Henrique! Vem filho.

Henrique: não quero!

A professora insiste: vai lavar a mão.

Henrique: não, eu não vou não!

Professora: então fica aí, depois se vai ta?!

Henrique: que filme?

Professora: Mohana.

Henrique: ahram, eu tenho esse filme.

Ao contrário da autonomia, na fase de heteronomia, a criança aceita ordens e regras vindas do adulto sem questionamentos (PIAGET, 1994).

5.6.6 Disputa pela pá de brinquedo

Paula pega a pá que Henrique estava usando para cavar e ele grita [querendo chorar],

aaaa, me dá aí a pá, me dá. Tava comigo, e [começa a chorar, chateado].

As crianças começam a jogar a pá uma para a outra e fazendo Henrique de “bobinho” depois entregam a pá para ele,

Henrique [fala bravo]: é minha sabia?

Letícia: não é sua, é da escola.

Paula, Pedro e André continuam cavando a areia, Letícia e Amanda observam e começam a cavar também no mesmo lugar,

Letícia fala reclamando: o gente ta jogando areia aqui dentro.

Paula: perai, perai, perai.

Pedro: eu sei escrever o nome Alan, aqui eu sei escrever o nome Alan, eu sei escrever o nome Alan é A, é L, A, e N o nome Alan.

Letícia: e N do seu pai? Do seu tio?

Pedro: é do meu tio.

Letícia: Seu pai é quem ein?

Pergunta curiosa, [colocando a mão na cintura]

Os dois sobem nos pneus que tem no parque e continuam conversando,

Letícia: meu pai trabalha com ele.

Pedro: meu pai ta trabalhando pra entregar lanche.

Param de conversar e as crianças ao lado brincam de cavar a areia,

Paula: André não cava não, deixa ele cavar.

Paula fala com Amanda, mudando de ideia e pedindo opinião se deixa ele cavar ou não.

Amanda: deixa ele cavar então, senão não vai brincar com nós né Paula?

Paula: é! Não cava não, você não vai brincar.

Letícia: é não cava não.

Paula, Letícia e Pedro levantam e enchem de areia o buraco que Henrique estava cavando e Henrique começa a chorar. Pedro continua jogando areia no buraco e Letícia vai ajudá-lo a jogar também,

Pedro: pode ir ajudando, quando André chegar, ajuda aqui a gente.

Pedro: Paula, Paula

Pedro acha alguma coisa na areia e corre chamando Paula para mostra-la,

Henrique chega vê as crianças jogando areia no buraco que ele havia cavado e grita: para, para.

As crianças acham engraçado e riem, apontando para o buraco que ele havia cavado e que foi tampado. Henrique irritado começa a agredir as crianças com tapas,

Letícia: para.

Pedindo pra ele parar de bater

Henrique: então para de/. *la pedir para as crianças pararem de jogar areia no buraco, mas começa a chorar.*

E começa a brigar novamente com as crianças e cai no chão.

As crianças param e ficam olhando ele chorar.

Pedro: eu não derrubei ele não.

André: nem eu.

Letícia: eu só tava rindo.

Pedro: não foi Paula?

Letícia tenta explicar como ele caiu: ele tava correndo assim/ nós corre rápido. Ele ficava correndo atrás de Pedro querendo/ [Corre parada no lugar e faz os gestos de como estivesse correndo].

Pedro: eu corro rápido! Bora correr? Eu vou correr!

Pedro e Letícia saem correndo.

Pedro: eu vou correndo hein.

Pedro volta: ai ó Miguel também ta aqui.

Chegam também outras crianças tampando o buraco cavado por Paula e as crianças que estavam com ela. Henrique vê, se levanta e também joga areia junto com as outras crianças, como se estivesse descontando o que as crianças fizeram no dele, as crianças vão para perto e empurram ele,

Letícia fala: para!

Henrique quase cai, e começa a trocar tapas com Paula. E brigam de tapas Paula, Henrique e André.

Paula e Henrique caem no chão brigando e eu encerro a filmagem.

5.6.7 Gustavo me pergunta sobre a filmagem, por que você não tira foto? Fica filmando?

Na transcrição abaixo pode-se observar o egocentrismo nas falas de Gustavo que começou a pular na frente da câmera para aparecer na filmagem e me pergunta por que eu não tiro foto e fico filmando. Eu explico que na minha pesquisa eu iria filmar e não tirar fotos, mas que poderia tirar fotos depois, Gustavo centrado no seu ponto de vista me pergunta novamente se eu iria colocar a “foto” no celular, e me questiona mais uma vez, perguntando se eu passasse as informações da câmera para o computador sairia a foto, mostrando assim que ainda está voltado para a sua ideia de que sairia foto da câmera, e em seguida me pergunta por que eu faço vídeo.

Leonardo, Miguel, Gustavo e Lucas, estão brincando na areia. Gustavo fica pulando na frente da câmera querendo aparecer e me pergunta,

por que você não tira foto? Fica filmando?

Pesquisadora: porque faz parte do meu trabalho filmar vocês brincando. Mas depois eu posso tirar fotos.

Gustavo: vai colocar no celular, vai colocar no celular? Vai colocar no celular? A foto tia?

Pesquisadora: não, no computador, pra ver as filmagens.

Gustavo: aí? Aí não vai não.

Pesquisadora: eu vou tirar daqui, e passar para o computador com o cabo.

Gustavo: aí sai a foto?

Pesquisadora: Eu tô filmando, vai sair vídeo, mas se eu tirar foto sai a foto também.

Gustavo: por que você faz vídeo?

Pesquisadora: pra eu ver depois, e estudar sobre a criança.

Mostro a câmera filmando para Gustavo.

Desta forma, percebe-se que um comentário ou fala que é dirigida pelo adulto à criança, nem sempre, é entendido por ela do jeito que se espera, devido a fase do egocentrismo que é vivida pela criança. Conforme o que explica Piaget (1964) o

egocentrismo infantil diminui na medida da socialização da criança, no sentido da troca, da cooperação e interação com o meio.

Enquanto isso as crianças brincam de rolar e rastejar na areia. A professora que está de longe chama a atenção,

ei, ei, vocês viraram minhoca de areia? *As crianças acham graça e riem do comentário da professora, e continuam a brincar no buraco que fizeram de areia, e começam a jogar areia um no outro, até que cai no olho de Carlos que começa a chorar e acaba a brincadeira.*

No início da filmagem da nova cena as crianças estão correndo pelo parque e um grupo de crianças tenta subir na árvore, a cuidadora vê e comenta com a professora,

olha Professora!

A professora de imediato pede para as crianças descerem,

Professora: opa, pode descer. Desce, desce, desce, desce.
[As crianças descem e vão brincar na areia],
Sentados na areia Leonardo fala com Miguel como se estivesse brigando: safado! Seu Safado! Seu safado!

Miguel faz um buraco na areia e se senta dentro, brincando com um boneco. Estão próximos Leonardo e Pedro. Leonardo começa a enterrar os pés de Miguel com a areia.

Em outro grupo de crianças brincam Gustavo e Rafael batendo na bunda de Pedro que está deitado de barriga para baixo. Rafael fala brincando com os pés de Pedro,

é legal!
[André vem correndo e pula] no buraco de areia que Miguel está enterrado.

Miguel fica rindo e o empurra. Pedro desconta um tapa que Gustavo dá nele. André sai do grupo e vem andando em minha direção, e faz sinal de joia e tchau para câmera. As crianças continuam lá brincando com Miguel, e começam a enterrá-lo com a areia,

Miguel: cheeegaaa! [Risos]

Fernanda brinca de andar se equilibrando nos pneus e fala observando a brincadeira das outras crianças com Miguel: Ó Miguel ta enterrado!

Miguel: Rita, André, me ajudem [aos risos].

André se aproxima de mim e pergunta: você ta fazendo o que?

Pesquisadora: Tô filmando eles brincarem.

5.6.8 Jogo simbólico

As crianças continuam brincando de fazer bolinho com areia em volta de Miguel, Paula chega e pergunta olhando para Miguel dentro do buraco de areia,

é a caminha do bebe? É o bebezinho?

Miguel: é!

[Paula abaixa perto de Miguel passando a mão na cabeça dele] e fala: ei bebezinho.

Miguel sai do buraco rindo e falando: ai ta cheio de areia, ai ta cheio de areia [fala sacudindo as pernas e a bermuda dando gargalhadas].

Miguel entra no buraco novamente e Gabriel começa a enterrá-lo.

Desvio a filmagem para filmar algumas crianças que brincam de andar no pneu.

5.6.9 Jogos de regras

Algumas crianças brincam de andar se equilibrando em fila nos pneus do parque: André, Miguel, Luana, Paula, Fernanda e Augusto. Leonardo fica observando a brincadeira, algumas crianças caem e saem e voltam para o final da fila onde as crianças estão andando, a regra é não cair, quem cai sai e tem que ir para o final da fila.

Na areia Miguel enterrando Pedro fala,

quando alguém ta morto, alguém não fala.

Eu encerro a filmagem dos meninos e foco em um grupo de meninas que brincam de faz-de-conta ao lado.

5.6.10 Jogo simbólico

Um grupo de meninas brinca com os brinquedos de cozinha de fazer bolos, e Letícia diz,

eu vou fazer um bolo também! Eu vou fazer uma festa aqui.
Amanda-Fernanda: você pediu Fernanda?

Na maioria dos grupos de crianças que se formam para brincar sempre tem um dono da brincadeira, que conduz o brincar e permite a entrada ou não de outras crianças para participarem da brincadeira,

Amanda: pediu eu que sou a dona? Pediu?
Fernanda: pode brincar?
Amanda: pode! Eu deixei Carol porque ela pediu.
Letícia: não é Laninha que eu nem preciso pedir?
Amanda: é! Nem Carol pode pedir. *E fala com Carol: Carol, você não pode me pedir não, se tem que chegar brincando ué. E continuam brincando.*

5.6.11 Continuação da brincadeira mãe e filha

Paula chega na brincadeira e fala,

ei, olha, eu sou a mãe!
Letícia: eu também sou a filha, porque/
Letícia: não, a gente tão brincando de mãe e filha. Peraí, pelo menos, quem tava brincando com aquele/? Era eu, você,
Amanda: o mãe eu posso brincar também?
Pede a Paula que na brincadeira é a mãe, para participar da brincadeira.
Paula: pode!
Fernanda: mamãe eu posso brincar também?
Letícia: Irmã, bora brincar.

As meninas brincando de mãe e filha não aparecem nas filmagens, eu acompanhava filmando a brincadeira do grupo de meninos, mas foi possível ouvir a fala delas enquanto brincavam, e foram transcritas também.

.. ..

Leonardo chega gritando na roda dos meninos ao lado,

perereca, perereca, perereca, e todas as crianças que estão perto começam a rir e brincam de jogar areia em Pedro.

Miguel finge fazer xixi nas calças falando e dando risadas.

Miguel: ai to fazendo xixi na calça [rindo].

Leonardo: aqui é uma bosta.

Fala de uma bolinha de areia que joga em Pedro. Miguel e as demais crianças repetem: bosta, é uma bosta [rindo].

As crianças ficam brincando de jogar areia umas nas outras, até que acertam o olho de Pedro e param a brincadeira.

5.7 DIA 7

5.7.1 Brincadeira com carrinho

Neste dia começo a filmagem na sala, a cena se inicia com Rafael chamando Gustavo para brincar de carrinho,

senta ali, que eu sento aqui, vem comigo, vem comigo,
Gustavo: vou ficar perto da tia.

Sentando próximo a mim, de frente para Rafael. E brincam de jogar o carrinho um para o outro,

Felipe chega perto de mim que estou filmando e fala: eu não vi você aqui!

Pesquisadora: não viu?

[balança a cabeça, dizendo que não]

Rafael e Gustavo continuam brincando com o carrinho.

Gustavo: morreu, o carro morreu, o pai morreu. E agora a ambulância levando.

O carrinho é transformado em ambulância pelas crianças. Quando Gustavo joga o carrinho para ele bate na cadeira, vira e capota,

Rafael: agora morreu!

Rafael: de ambulância, caraca chama logo a ambulância.

Augusto que está em uma das mesas da sala, atrás das crianças que estão brincando com o carrinho, está distraído sem perceber que eu estou filmando. Quando percebe reclama da filmagem,

Augusto: nem pode! A tia toda hora ta filmando [bravo]

Sai andando para onde os meninos brincam no chão com o carrinho, e para no meio atrapalhando a brincadeira,

Rafael: sai, se não ta brincando.

Augusto: [Põe a vasilha na frente da câmera] e *sai andando para sair da filmagem.*

.. ..

5.7.2 Animismo

Nesta cena do dia sete na hora do recreio, Leonardo se aproxima de mim e diz,

tia, ó meu carro que voa. Cadê minha moto que voa?

Sai andando fingindo que o carro voa. Rafael e Gustavo continuam brincando no chão de carrinho. Felipe, Amanda e Fernanda brincam de desenhar no quadro. Eu desliguei a filmagem, pois o recreio acabou e a professora começa a organizar a sala com as crianças.

.. ..

Na fala de Leonardo podemos observar o animismo citado por Piaget (1983) em que a criança dá vida aos objetos, atribuindo os desejos, as motivações, bem como características conscientes, e afetivas às coisas.

Em seguida fomos para o parque. Chegando lá se reúnem no gira-gira: Felipe, André, Gabriel, Leonardo, Gustavo e Augusto. Felipe conta alguma coisa para André fazendo caretas () não consigo ouvir, pois algumas crianças estão correndo e gritando pelo parque. Gustavo vem me contar que caiu,

o tia, o tia, eu cai ali ó, bati o joelho na pedra.

Perto dessa cena estão algumas crianças: Miguel, Letícia, Amanda e André. André [pega Letícia no colo e roda ela]. E Miguel chama a atenção das crianças,

perai, deixa eu falar um negócio com André. O André você não pode fazer assim [cruza um braço sobre o outro] porque não vale.

Letícia: acho bom.

Esse mesmo grupo começa a brincar de lutinha. Amanda com André e Letícia com Miguel.

Lucas chega e pede para brincar: ei posso brincar com vocês?

Rafael: pode! Pode!

André: eeeee, a luta, a luta. *Comemorando.*

Ele e as demais crianças se preparam para brincar de lutinha.

Miguel: iii, já!

Amanda-André: não vale torrar?

Miguel prende os braços de Letícia e segura ela no chão, ela pede ajuda para as outras crianças: amigos, amigos, amigos.

Paula chega na brincadeira e pergunta: tão brincando de que?

Amanda: lutar, vai.

Paula entra na brincadeira, e começa a brincar de lutinha com Miguel, e dá um soco na boca dele.

Miguel: aiii.

Miguel sai fazendo [cara de choro] e para de brincar, saindo de perto de Paula. Letícia e Amanda vão até ele ver se machucou. André e Paula também vão depois. Em seguida se separam e vão correr,

Miguel-Leonardo: vão fazer um bolinho pra tia, fazer um bolo pra tia.

Leonardo e Letícia ficam agachados na areia, conversando baixinho como se fosse um segredo. () Se levantam e vão brincar no gira-gira. De repente Leonardo sai correndo e gritando

um gorila, outro gorila. Letícia sai correndo atrás dele.

.. ..

5.7.3 Brincadeira de menino pega menina. Menina não é menino!

Um grupo de crianças Miguel, Gabriel, Letícia, Felipe e Amanda começam a gritar,

vem me pegar.

Miguel: foge de mim.

Letícia: é menino contra menina,

Miguel: não, eu não to.

Letícia: só uma menina vale.

Gabriel: não, menina não vale não. Não! Menina não é menino!
 Letícia: então eu vou brincar com, com/ *sai andando para o lado e [Leonardo chega correndo].*

Letícia pede para brincar com Leonardo que chega correndo,

deixa eu brincar com você de corrida?
 Leonardo: não! *E procura por Amanda, Miguel onde é que ta Amanda?*
 Leonardo: Amanda, Miguel onde ela tá?

Miguel quer esconder um brinquedo das crianças e fala com Gabriel e Leonardo,

agora vão pra lá que eu vou esconder!
Pedindo para eles irem para o outro lado do pátio.
 Fala [empurrando Gabriel]: vai pra lá, vai pra lá que eu vou esconder.
E corre para esconder um brinquedo vigiando se as crianças estão olhando.

Leonardo e Gabriel fingem que estão de olho fechado mas olham quando Miguel vira as costas, tampam o olho e abrem para ver onde Miguel vai esconder e depois saem correndo.

Na instituição em que se realizou a pesquisa, cada turma tem o seu dia de parque. Nesse dia a professora de outra turma também levou seus alunos. Aparece no parque uma pomba com as patas amarradas e algumas crianças vão olhar, outras continuam brincando no balanço. A professora da outra turma pega a pomba para as crianças verem. A mesma desamarra as patas da pomba e mostra para as crianças que fazem uma roda em volta dela, em seguida a professora avisa que vai solta-la para voar,

Professora: eu vou soltar hein.

Ao ver que a professora está com a pomba na mão, as outras crianças saem correndo para onde ela está,

Pedro chama algumas crianças apontando para lá falando: pegou!
A cuidadora pede para tirar uma fotografia antes: perai vamos tirar foto.

A pomba voa e pousa e as crianças vão atrás dela correndo e gritando querendo pega-la, causando um alvoroço no parque. A pomba voa pra longe e as crianças voltam a correr,

Samuel-André: a, a, a, você quer brincar de/
Letícia chega gritando para André: eu falei, não falei?
Fala brigando com André citando o nome de outras crianças
[contando nos dedos], Augusto, Felipe, e sai.
 Miguel [puxa André pela mão]: eu vou te dar uma dica vem cá,
 e [saem correndo].
 Param em um lugar na areia e André começa a cavar.
André vai falar e Miguel fala: não! Eu que cavo.

Miguel pega o brinquedo e sai correndo de André dizendo,

agora você tenta pegar de mim. E corre até a lixeira e joga o brinquedo no lixo. André vira a lixeira pega o brinquedo e vai correr.

Acaba o momento do parque e a professora chama as crianças para retornarem para a sala,

vão bora, vão bora, ei acabou. Vamos!

As crianças continuam brincando e depois de alguns minutos formam a fila para retornar para sala.

Ao refletir sobre os dias de brincadeiras, percebe-se que as descrições e situações vivenciadas, apontam para a reflexão sobre a criança e a necessidade de dar voz e atenção ao seu desenvolvimento, e assim permitir no cotidiano da educação infantil um contexto que leve em consideração não só o pensamento e ideias do adulto, mas as ações da criança.

Como mencionado no decorrer deste trabalho, sabe-se que é através da interação com o meio em que vive e das suas ações que a criança se desenvolve, sendo assim, é fundamental levar em consideração a criança, os jogos e as brincadeiras que acompanham as suas fases de desenvolvimento, no dia-a-dia da Educação Infantil.

6 REFLEXÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho partiu do interesse em realizar um estudo sobre a criança e o brincar, bem como descrever e analisar a importância do brincar como uma vivência que possibilita o desenvolvimento da criança na Educação Infantil.

Depois do ambiente familiar, a escola é o lugar onde a criança inicia a educação escolar, e passa grande parte da sua vida desde o início da infância, sendo a Educação Infantil a base de todo o desenvolvimento futuro da criança, diante disso é fundamental que o professor enquanto profissional que passa esse tempo com a criança compreenda o seu desenvolvimento e os comportamentos que a criança apresenta e assim possibilitar um melhor desenvolvimento da mesma.

Com a pesquisa realizada, foi possível perceber as interações e diálogos das crianças durante o brincar, e notar que essa vivência é um fator primordial para promover o seu desenvolvimento, pois permite a mesma falar, se expressar, se relacionar, pensar e criar de forma livre de acordo com suas necessidades.

Muitas vezes na Educação Infantil é atribuído ao brincar, um direcionamento para a aprendizagem, ou algum objetivo estabelecido pelo adulto para que a criança alcance um determinado desenvolvimento ou absorva algum conteúdo.

Assim, como mencionado em uma parte do título deste trabalho em que dizemos “a criança e seu brincar”, nos referimos ao fato de que o brincar é da criança, e ela atribui sentido e significado a sua ação de acordo com suas necessidades e interesses.

Constatou-se a partir das cenas filmadas e transcritas que as crianças brincam sem a intenção de alcançar determinado objeto ou aprender determinado conteúdo, contudo mostram no seu brincar, um desenvolvimento rico e notável, ao falar, criar hipóteses, trocar ideias com outras crianças, ou discutir sobre determinado assunto ou situações vivenciadas na realidade, a partir do jogo de exercício, do jogo simbólico e do jogo de regras, que são realizados pela própria criança, sem ser algo imposto ou ensinado pelo adulto.

Diante disso, compreende-se a importância do brincar para a criança e a necessidade de se respeitar o seu brincar vendo nesse contexto possibilidades para o seu desenvolvimento integral que envolve os aspectos, intelectual, social e afetivo.

Além disso, notei que filmar a criança no espaço do parque foi de grande importância, e contribuiu para se alcançar o objetivo proposto nesta pesquisa, pois apesar de ainda serem controladas e disciplinadas em alguns momentos, é o local em que as crianças ainda têm mais liberdade para brincar e se expressar, visto que na sala de aula, a maior parte do tempo é direcionado para o processo de ensino-aprendizagem e realização de atividades que na maioria das vezes não levam em consideração a criança, nem são significativas. Pude observar essa situação em alguns momentos enquanto esperava na sala de aula, o momento do parque para realização das filmagens.

Com isso, refletimos sobre a necessidade de reconhecer o brincar na educação infantil como um aspecto que faz parte da vida da criança e das suas fases de desenvolvimento e não como algo separado da mesma que deve acontecer apenas em momentos do parque e como recompensa, como foi possível perceber em algumas cenas em que o brincar era oferecido em troca das tarefas realizadas em sala.

O brincar não é mero passatempo, como muitas vezes é compreendido, mas é parte essencial e inseparável da criança e seu desenvolvimento. Sendo assim, o professor precisa conhecer a criança para mediar as brincadeiras e assim possibilitar atividades concretas que permitam o desenvolvimento e consequentemente o desenvolvimento da criança, entendendo que o brincar ajuda a organizar suas ações e a brincadeira é espaço fundamental para o desenvolvimento.

Através desse estudo percebi que no seu brincar a criança se expressa e se comunica a seu modo, através dos jogos realizados, de suas falas e ações, que puderam ser contempladas nas descrições dos dias filmados. Portanto, vejo a importância de se conhecer a criança para atuar no sistema educacional, acreditando ser de extrema importância se compreender a criança, como ativa, e motora.

No decorrer da filmagem, me fazia questionamentos enquanto profissional para atuar na educação infantil, me perguntado o que pode ser feito para que sejamos de fato mediadores, respeitando a criança, sua inteligência, seu desenvolvimento, sua demanda de curiosidade, perguntas, inquietações, o seu comportamento ativo que a escola quase sempre reprime e pune? Chegando ao pensamento de que é necessário como realizado aqui nessa pesquisa, buscar conhecer a criança apoiada em uma fundamentação teórica, e enquanto professora respeitá-la e dá-la voz, e assim partir do ponto de vista da criança e do seu interesse, para que a experiência na educação infantil seja significativa.

Sabe-se que atualmente por muitas vezes vê-se a criança como sujeito vazio e o professor como centro, o que mostra a desconsideração em relação a criança. Porém, em face das cenas descritas e comentadas, percebe-se que é imprescindível levar em consideração a criança dentro do contexto educacional, que também deve ser construído e transformado por ela. Faz-se necessário ressaltar o quanto se perde do potencial científico ao se reprimir ou não promover a criatividade infantil.

Por tudo isso percebe-se também, a necessidade e importância de cursos de formação continuada de professores para que estes possam compreender a criança e buscar mudanças no processo educacional e principalmente em relação ao trabalho realizado com as crianças nos espaços de educação infantil e pré-escolas.

REFERÊNCIAS

AUMONT, J.; MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas - SP: Papyrus, 2003.

BELEI, R. A; GIMENIZ-PASCHOAL, S. R; NASCIMENTO, E. N; MATSUMOTO, P. H. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de educação**, Pelotas - RS, n. 30, p.187 - 199, jan./jun. 2008.

DUARTE, R; EISENBERG, Z; GARCEZ, A. Produção e análise de vídeo gravações em pesquisas qualitativas. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 37, n.2, p. 249-262, mai./ago. 2011.

FERNÁNDEZ, A. **A mulher escondida na professora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1997.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

HOLANDA, A. B. de. **Dicionário Aurélio**. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

JACOBY, S. **A criança e a produção cultural do brinquedo a literatura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

KAMII, C. **Jogos em grupo na educação infantil**: implicações da teoria de Piaget. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos Infantis: O jogo, a criança e a educação.** São Paulo: Vozes, 1992.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Pioneira, 1998.

LIMA, F. H. Um método de transcrições e análise de vídeos: a evolução de uma estratégia. In: VII ENCONTRO MINEIRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (VII EMEM), 2015, São João Del Rei. **Anais do VII Encontro Mineiro de Educação Matemática (VII EMEM).** São João Del Rei: Universidade Federal de São João Del Rei, 2015. v. 7. p. 1-11.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas.** Rio de Janeiro: EPU, 2014.

PIAGET, J. **A construção do real na criança.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979a.

_____. **O Estruturalismo.** São Paulo: DIFEL, 1979b.

_____. **A linguagem e o pensamento da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. **Seis estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999b.

_____. **A epistemologia genética: Sabedoria e ilusões da filosofia; Problemas de psicologia genética.** São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Brasília: Zahar, 1975.

_____. **A psicologia da criança.** São Paulo: Cajado, 1995.

_____. **O juízo moral na criança.** São Paulo: Summus, 1994.

_____. **O nascimento da inteligência na criança.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1966.

PRETI, D. **Análise de textos orais.** São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.